

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA DA LITERATURA

JOSELMA MARIA NOAL

**A AUTOFICÇÃO EM JUANA MANUELA GORRITI**

RIO GRANDE

DEZEMBRO, 2017

JOSELMA MARIA NOAL

**A AUTOFICÇÃO EM JUANA MANUELA GORRITI**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz

RIO GRANDE

DEZEMBRO, 2017

**Joselma Maria Noal**

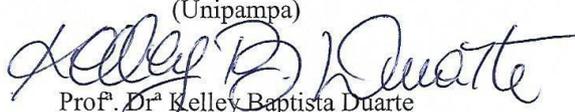
**"A autoficção em Juana Manuela Gorriti"**

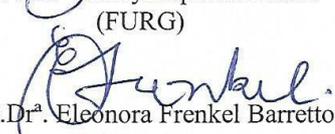
Tese aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Doutor em Letras, área de concentração em História da Literatura, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação esteve constituída pelos seguintes professores:

  
Prof. Dr. Artur Emílio Alarcon Vaz  
(FURG) – Orientador

  
Profª. Drª Regina Kohlrausch  
(PUCRS)

  
Profª. Drª Cátia Goulart  
(Unipampa)

  
Profª. Drª Kelley Baptista Duarte  
(FURG)

  
Profª. Drª Eleonora Frenkel Barretto  
(FURG)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que caminharam ao meu lado durante os quatro anos do doutorado. Senti-me peregrina, entre momentos de angústia e de alegria! Serei sempre muito grata aos que foram cajado no *meu Caminho de Santiago de Compostela*. Agradeço aos que me auxiliaram na escrita da tese, e também à família, aos amigos e aos colegas que, às vezes, me fizeram desviar do caminho da pesquisa, porque a vida deve ser, trilha de encontro e de afeto, não só de trabalho e estudo. Sou uma pessoa de sorte, tenho muitas pessoas especiais na minha vida, por isto citei familiares e amigos, pois faltou espaço para nomear todos aí! Meu sincero muito obrigada a:

DEUS  
 LEONILDO E JOECÍ  
 JACKSON  
 SOPHIA  
 JUANA MANUELA GORRITI  
 ZAHIDÉ LUPINACCI MUZART  
 ARTUR EMILIO ALARCON VAZ  
 GECI GIESA JOSIANE JOÃO LUÍS LAURA ROGÉRIO CHRIS CLAUDINHA  
 FAMILIARES  
 MARCO MILA LU RICARDO DUDA ROSSANO CLARISSA ANDRÉ MARCELO DEISE  
 MARI PRI NICOLE  
 IURI LEA CRIS SANDRA  
 AMIGOS  
 ESCRITORES DE QUINTA  
 GORRITIANAS: DANIELE, CECÍLIA, LISIANE  
 PROFESSORES E COLEGAS PPG LETRAS/FURG  
 MAURO POVOAS – CLAUDIA MENTZ - RUBELISE CUNHA  
 KELLEY DUARTE – REGINA KOHLRAUSCH  
 COLEGAS ILA/FURG

Imagem disponível em: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/nao-espere-entender-minha-viagem-voce-nao-percorreu-caminho/>> Acesso em: 24 set. 2017



## RESUMO

A tese, ligada diretamente à linha de pesquisa da História da Literatura, analisa a autoficção de autoria de Juana Manuela Gorriti (1816-1892) e comprova a sua relevância para a história da literatura argentina do século XIX, a partir das obras *Lo íntimo* (1ª ed. 1893), *La tierra natal* (1ª ed. 1889) e *El mundo de los recuerdos* (1ª ed. 1886). Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Manuel Alberca destacam-se como referenciais importantes para os estudos sobre a memória e sobre a autoficção. Os livros de Juana Manuela Gorriti discutidos nesta pesquisa caracterizam-se por uma escrita fragmentada, neles encontram-se as memórias – coletiva, individual e histórica – e os diferentes gêneros: o relato de viagem, o diário, a escrita epistolar. A autora atua como testemunha de eventos de seu tempo, reconstrói seu passado, ficcionalizando, sem o compromisso de fidelidade com a exatidão ou a cronologia dos fatos; posto que toda memória passa pela imaginação e pela recriação ao transformar-se em literário.

Palavras chave: Autoficção – Juana Manuela Gorriti – Memória

## RESUMEN

La tesis, relacionada directamente con la línea de investigación de la Historia de la Literatura, analiza la autoficción de autoría de Juana Manuela Gorriti (1816-1892) y comprueba su relevancia para la historia de la literatura argentina del siglo XIX, a partir de las obras *Lo íntimo* (1ª ed. 1893), *La tierra natal* (1ª ed. 1889) y *El mundo de los recuerdos* (1ª ed. 1886). Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Manuel Alberca se destacan como referenciales importantes para los estudios sobre la memoria y sobre la autoficción. Los libros de Juana Manuela Gorriti discutidos en esta investigación se caracterizan por una escrita fragmentada, en ellos se encuentran las memorias – colectiva, individual e histórica – y los diferentes géneros: el relato de viaje, el diario, la escritura epistolar. La autora actúa como testigo de eventos de su tiempo, reconstruye su pasado, ficcionalizando, sin el compromiso de fidelidad con la exactitud o la cronología de los hechos; puesto que toda memoria pasa por la imaginación y la recreación al hacerse literario.

Palabras clave: Autoficción – Juana Manuela Gorriti – Memoria

## SUMÁRIO

<b>Arrumando a mala</b> .....	<b>3</b>
<b>1. Juana Manuela Gorriti: vida e obra</b> .....	<b>12</b>
1.1. Gorriti, uma pena argentina feminina.....	12
1.2. Publicações sobre as obras autoficcionais <i>Lo íntimo</i> , <i>La tierra natal</i> , <i>El mundo de los recuerdos</i> de Juana Manuela Gorriti.....	20
<b>2. Desvelando o diário <i>Lo íntimo</i></b> .....	<b>27</b>
2.1. Características e tipologias da autoficção em <i>Lo íntimo</i> .....	27
2.2. A memória e o diário .....	33
2.3. As guerras, a velhice, a doença, o prenúncio da morte e a literatura .....	51
2.4. O hibridismo de gênero .....	59
2.4.1. As cartas, o processo criativo, as publicações e as críticas de suas obras.....	62
2.4.2. A escrita de críticas literárias, o discurso, os contos e os poemas.....	69
<b>3. <i>La tierra natal</i> e a viagem da memória</b> .....	<b>77</b>
3.1. Discutindo o gênero .....	77
3.2. A fabulação da história biográfica, a reinvenção da própria vida, a seleção dos eventos narrados e o caráter terapêutico .....	84
3.3. A memória individual e a memória coletiva .....	88
3.4. O hibridismo de gênero .....	92
<b>4. A voz e o silêncio da mulher viajante em <i>El mundo de los recuerdos</i></b> .....	<b>100</b>
4.1. A velhice, a memória, o esquecimento, a infância, a cultura popular e o poder sobrenatural .....	100
4.2. A voz narrativa, a oralidade, o tempo e a memória .....	105
4.3. As dedicatórias, a gratidão, o pai, os personagens históricos, as guerras e as mortes .....	109
4.4. O patriotismo, as ruínas, a juventude, a velhice .....	114
4.5. A religião e o amor impossível .....	117
4.6. O papel do historiador, da literatura e da mulher na sociedade .....	119
4.7. O hibridismo de gênero .....	124
<b>Perfazendo o caminho</b> .....	<b>127</b>
<b>Referências</b> .....	<b>135</b>

## ARRUMANDO A MALA

Início a tese como se estivesse preparando-me para uma viagem, na qual serei peregrina ao lado de Juana Manuela Gorriti, autora argentina do século XIX, a quem conheci faz pouco tempo, mas com quem estabeleci vínculo intenso. Em março de 2012, iniciou-se o projeto *Juana Manuela Gorriti: análise e tradução*, que coordeno juntamente o professor Artur Emilio Alarcon Vaz, orientador desta tese, e a professora Daniele Corbetta Piletti, ambos da FURG, além de então graduandos do curso em Letras Português-Espanhol da FURG. O projeto, após várias etapas prévias, irá publicar a primeira antologia de contos da autora em língua portuguesa.

O nome da autora argentina como objeto de pesquisa foi indicado pela professora Zahidé Lupinacci Muzart (falecida em 2015), por quem professo sincero agradecimento. A sugestão da professora considerou dois fatores: a relevância da obra de Juana Manuela Gorriti e a carência de leituras e pesquisas dedicadas a ela em nosso país.

Ao realizar a atividade tradutória, surgiu meu interesse por leitura das outras obras da escritora, além dos livros de contos selecionados para a realização do projeto. A experiência de leitura de *Lo íntimo* impactou-me, pois me deparei com outra Gorriti, diferente da dos contos e que me agradou sobremaneira. Li a obra em poucas horas, entusiasmada com a profundidade do texto: a discussão sobre a vida e a morte, a tristeza das perdas, da vivência da guerra, do exílio, das mortes dos entes queridos, principalmente das filhas, a situação de imigrante, a tristeza da mãe distante das filhas em virtude da separação do marido, a coragem de uma mulher escritora no século XIX, além dos diferentes gêneros dentro de uma obra considerada diário (carta, oração, conto, poema). Finalizei a leitura com uma certeza: quero estudar profundamente esta obra, sobre ela farei minha tese!

Conversei com meu futuro orientador sobre *Lo íntimo*, sem saber ao certo o que estudaria no livro, mas segura: havia encontrado o objeto a ser analisado em minha tese. Diante do meu relato de experiência de leitura, o professor Artur apresentou-me à autoficção, recomendando-me vários textos teóricos sobre o assunto. Após as leituras, certifiquei-me: tenho uma tese, *Lo íntimo* não é apenas um diário, trata-se de um texto autoficcional.

Fala-se muito em autoficção como gênero da atualidade, no entanto, entre as suas primeiras ocorrências está Lucien de Samosate, escritor grego do século II d.C, segundo

Vincent Colonna, já Aimée Bolaños (2016, p. 216) discorda do referido teórico e cita Enheduanna, que viveu no século XIX (a.C.), como a primeira autora de autoficção. E posso acrescentar que Juana Manuela, na Argentina do século XIX, já escrevia obras autoficcionais. Saliento que a teoria não se sobrepôs à obra, pois foi a leitura do texto literário que provocou a busca por uma teoria adequada à análise e capaz de capturar as impressões de leitura da pesquisadora.

Posteriormente, para ampliar o *corpus* de análise da tese, li *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos*, considerados como relatos de viagem ou como autobiografia. A ordem da minha leitura das obras, inversa à cronologia de publicação da primeira edição, foi a mesma ordem adotada para a organização dos capítulos de análise da tese: *Lo íntimo* (1893), *La tierra natal* (1889) e *El mundo de los recuerdos* (1886).

A obra literária, e principalmente em se tratando de autoficção, é construída a partir da mescla do imaginário e da experiência humana, como bem descreve Juana Manuela Gorriti: “El mundo moral es un reflejo del mundo físico: el pensamiento del hombre es una repercusión de la naturaleza que lo rodea; sus obras, un mosaico formado con fragmentos de su existencia” (GORRITI, 2012, p. 111<sup>1</sup>)

*Lo íntimo* apresenta a estrutura de um diário, que acompanhou a escritora ao longo da vida, com a obra sendo escrita entre os anos 1874 e 1892 e concluída doze dias antes de sua morte, ficando a revisão final a cargo do filho e da nora da autora. O prenúncio da morte e a placidez com que aborda o tema apresentam-se nas últimas linhas de *Lo íntimo*: “El corazón en esta época de la existencia, por decirlo así, está sombreado por una nube que avanza rápidamente sobre el cielo de la vida. Algunos días más y la luz se apagará para siempre...” (2012, p. 132)

Nas obras a serem analisadas, além da vida íntima de Gorriti como mulher, mãe, esposa, escritora, professora, intelectual, há também a história de povos hispano-americanos deste período, recontada por uma cidadã argentina, filha de general, emigrante.<sup>2</sup>

Outro fator relevante é a minha identificação com a autora: latino-americana, professora, escritora, aspectos nos quais me detenho a seguir. A questão da identidade latino-americana aproxima-me de Gorriti, já que pertencemos a este mesmo e único

<sup>1</sup> As demais referências das obras de Juana Manuela Gorriti, analisadas na tese, constarão somente de ano e página.

<sup>2</sup> A escrita do ser imigrante, do exilado, do viajante, do sujeito em trânsito relaciona a escrita de Gorriti à diáspora, o que é apenas mencionado na tese, porque um estudo profundo sobre o tema poderia originar outra tese de doutorado.

universo complexo, no qual a presença da literatura e da ficção apresenta-se como caminho para encontro de identidade perdida, em meio a tanta miscigenação e histórias de imigrantes imbricadas. A compreensão de mundo, o refúgio e o consolo das reminiscências da vida ocorrem por meio da literatura, assim acredito, e encontro apoio na voz de Juana Manuela: “Una vez que se ha entrado en el camino de las letras, es necesario marchar, marchar siempre. Nada de reposo. Todo descanso parece una deserción.” (2012, p. 39).

Compartilho da mesma necessidade vital de Juana Manuela com a literatura: “nada consuela en las penas de la vida, como este paréntesis que la pluma nos impone en medio del trabajo.” (2012, p. 39) A amizade com outros escritores e a realização das *veladas* literárias em sua residência faz-me lembrar dos encontros semanais dos Escritores de Quinta (grupo literário coordenado por mim), em Rio Grande. O encontro para discutir e produzir literatura permanece atual e segue instigante, a provocar o exercício da crítica literária e a atuar como um momento de escape da solidão inerente ao ato de escrever, assim como o era para Gorriti há mais de cem anos:

A pesar de mi delicada salud, heme visto precisada a abrir las *soirées* literarias porque había para ellas un gran entusiasmo y me pedían que cumpliera el compromiso contraído con el público.

Las he inaugurado con el más brillante éxito y la necesito como una sombra mezclada a ese gran foco de vida, de la chispeante vida del espíritu. (2012, p.39)

O exercício do magistério realizado com alegria e com afinco também faz parte da vida de Gorriti e da minha: “Mi tiempo está repartido entre la enseñanza y la composición. Quizás este prodigio de actividad me hace vivir...” (2012, p.37)

Se, por meio da ficção, existe o desejo do autor em perpetuar-se, Gorriti conquista tal feito ao ser objeto de pesquisa de minha tese no século XXI no Brasil. A obra da autora argentina parece reproduzir o século XXI, pois trata dos grandes dramas existenciais, da vida, da morte, da condição humana, da arte e da literatura, sem deixar de considerar as questões políticas, porque, como destaca María de la Mercedes Corres (2013, p. 17) na literatura de Gorriti há a fusão entre o literário e o político, marcado pelas referências autobiográficas.

A reflexão sobre o cenário político latino-americano está na crítica aos partidos e à corrupção, ao escrever sobre o assassinato de Manuel Prado, revela o Brasil do momento: “Los partidos políticos me inspiraron siempre el más profundo desprecio, pues sé lo que son: un hediondo aglomeramiento de ambiciones individuales, que entrañan la codicia, egoísmo y toda suerte de mezquindades.” (2012, p. 52) Ao despedir-se do Peru, em 24 de

dezembro de 1881, a autora lamenta a corrupção assolar aquele país, embora pareça retratar a atualidade de nosso país: “Aléjome de este desventurado país, para el que yo no veo remedio alguno en toda extensión de sus horizontes político e social; porque está minado hasta lo más hondo de sus entrañas por la lepra de una incurable corrupción.” (2012, p. 57)

Com o intuito de revelar a atualidade e a relevância das narrativas autoficcionais na obra de Juana Manuela Gorriti, esta tese está dividida em quatro capítulos, são eles: “Juana Manuela Gorriti: vida e obra”, “Desvelando o diário *Lo íntimo*”, “*La tierra natal* e a viagem da memória” e “A voz e o silêncio da mulher viajante em *El mundo de los recuerdos*”.

No primeiro capítulo, a ordem escolhida para apresentação do material teórico publicado sobre a autora foi organizado cronologicamente, tendo em vista destacar o fato de que os estudos sobre a escrita feminina do século XIX, na Argentina, intensificaram-se após os anos 2000.

Cabe destacar que a editora argentina Buena Vista tem como foco a publicação de escritoras do século XIX e tem se dedicado, por exemplo, à publicação das obras completas de Gorriti. Ao tomar conhecimento sobre o projeto: *Juana Manuela Gorriti: análise e tradução* da FURG, a editora manifestou interesse em publicar alguma autora brasileira do mesmo período literário para a língua espanhola.

O termo autoficção surge com Serge Doubrovsky, com a publicação de *Fils* em 1977, ao conceber a escrita deste gênero como forma de reinvenção da própria vida, considerado híbrido, concebido na mistura de vários gêneros. Entre os teóricos de autoficção elencados nesse capítulo, destaco Vicent Colonna e Manuel Alberca. *Lo íntimo*, *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos* podem ser classificados, de acordo com os estudos de Colonna e Alberca, como autoficção biográfica, devido ao pacto autobiográfico, à identidade onomástica (mesmo nome: protagonista e autora), à preocupação com o relato da própria vida de modo heróico. Gorriti coloca-se no centro do texto e é em torno dela que a narrativa é fabulada, ficcionalizada e misturada aos fatos reais.

Ao tratar dos estudos da memória individual alicersei-me em Ricoeur, Bergson, Molloy e sobre a memória coletiva, em Maurice Halbwachs. Ricoeur (2007) concebe o passado como objeto da memória e a identidade pessoal como identidade temporal. A concepção de memória como passado origina-se em Aristóteles, é repetida por Santo Agostinho e reiterada por Ricoeur. De acordo com Bergson (1999), a memória encena o

passado, ao trazê-lo ao momento presente. A memória contempla não só o individual, mas também o coletivo como um dever cívico, a considerar que a recordação do passado reconstrói o nacional, retratando um passado histórico comum, de acordo com Molloy (1996)

As memórias individuais estão inseridas na memória coletiva, mas as duas não se confundem, de acordo com Halbwachs (1990). A memória histórica é uma memória emprestada, é um conjunto de lembranças históricas carregadas pelo sujeito, formada e ampliada a partir de informações obtidas por diferentes meios: leituras, conversas, relatos. Halbwachs distingue memória autobiográfica e memória histórica, em que a primeira apóia-se na histórica, tendo em vista que o pessoal está inserido no histórico. A representação do passado através da memória histórica irá se dar de modo resumido, esquemático, é por meio da memória autobiográfica que o passado poderá ser retratado de modo mais profundo.

A infância, elemento característico das autobiografias, está na autoficção *Lo íntimo* como uma herança autobiográfica, e aparece já na primeira palavra do livro: *¡Orcones!*, lugar de nascimento da autora. Molloy considera o lar, a casa da infância, como o refúgio da memória, já Bachelard destaca que podemos reimaginar, recriar esta etapa da existência, o que possibilita o reencontro consigo mesmo e com a própria vida. A relação entre a memória e o afeto é ressaltada pelo neurocientista Iván Izquierdo e pode ser facilmente verificada nos livros autoficcionais de Juana Manuela.

Para escrever sobre o gênero diário, utilizei-me dos estudos de Álvaro Luque Amo (2016) e Hans Rudolf Picard (1981). Para Amo, a escrita autobiográfica aproxima-se mais da Literatura que da História e a escrita diarística permite duas leituras: referencial e ficcional. De acordo com Picard, a origem do eu é a motivação da escrita diarística, o eu que se esconde através do imaginário ao longo da narrativa.

Em *Lo íntimo*, o hibridismo de gênero é mais evidente do que nas outras obras autoficcionais estudadas na tese, pois há cartas enviadas e recebidas, contos, poemas, orações, críticas literárias e discurso. Interessante observar a diversidade de textos da autora e a maneira como transita por eles. Da oração ao discurso engloba discussão sobre a religiosidade, a fé, a política e o papel da mulher no século XIX. Expressa afetos por meio das cartas recebidas ou a serem enviadas, reconta histórias de familiares e amigos, utiliza a ficção para transformá-las em contos. Ao incentivar novos escritores, principalmente as mulheres, ao ato da escrita, exerce também a função da crítica e o faz de modo sério,

cuidado e competente. Gorriti revela-se uma intelectual comprometida, além de preocupada com a profissionalização do escritor e, mais especificamente, da mulher escritora.

O convívio com países em guerra, a velhice, a doença, o prenúncio da morte afetam a autora/narradora/protagonista de modo avassalador e é na literatura que ela encontra abrigo. *Lo íntimo*, autoficção transvestida de diário, que acompanha a escritora até os últimos dias de vida, apresenta páginas a sangrar, a verter lágrimas, tentando eu reproduzir o sentimentalismo exacerbado do romantismo. Na obra, as emoções são expressas sem nenhum simulacro, a escrita autoficcional parece ferida em carne viva e, em certos momentos da leitura, ao sentir-se impotente, o leitor sofre junto; em outros, admira-se da coragem da mulher e da tranquilidade ao refletir sobre a morte. A força narrativa advém da profundidade e da lucidez ao tratar dos temas existenciais, dos dramas da humanidade.

Sobre o gênero de *La tierra natal*, discuto a categoria expressa no livro, pois em uma edição da Biblioteca del Norte de Buenos Aires (2013) é considerado como autobiografia e na da Buena Vista Editores de Córdoba (2007) é um relato de viagem; comprovo, a partir da análise, que *La tierra natal* é uma mistura de autobiografia, relato de viagem e ficção, isto é, autoficção. Convém ressaltar que o deslocamento espacial, relatado no livro, trata-se de um deslocamento temporal, porque, ao percorrer os locais, sucede a viagem no tempo, através do exercício memorialístico.

Ao tratar da fabulação<sup>3</sup> da história biográfica, demonstro que os fatos de vida narrados na obra misturam-se à ficção, tendo em vista a impossibilidade da recuperação fiel do real por meio do exercício memorialístico. O caráter terapêutico é menos evidente que na obra *Lo íntimo*, na qual a proximidade da morte e a doença tornam-se espectros na vida da autora. Em *La tierra natal*, a experiência com a escrita memorialística e com a viagem, ambas realizadas na velhice, etapa da vida propícia à reflexão e ao autoconhecimento caracterizam o caráter terapêutico.

A memória individual é estudada com base em Ricoeur, já a coletiva fundamenta-se em Candau e Halbwachs. A infância, o reencontro com os espaços habitados e com os amigos desta etapa da vida estão presentes na narrativa memorialística de *La tierra natal*. Candau demarca que a memória histórica alimenta-se da memória do sofrimento compartilhado, o que pode ser verificado nos relatos de episódios históricos de guerras recontados por Gorriti. Diferente de *Lo íntimo*, no qual há vários gêneros dentro do livro, em

---

<sup>3</sup> Fabulação é aqui entendida como elemento ficcional, fruto do imaginário, seguindo a linha de pensamento de Manuel Alberca.

*La tierra natal*, destaca-se o conto presente em diferentes momentos da narrativa, são fatos rememorados e fabulados, tratam-se de situações reais vividas ou recordadas por Juana Manuela e por ela ficcionalizadas.

Para a análise de *El mundo de los recuerdos*, utilizo a primeira edição da obra, de 1886, por dois motivos: inexistência de edição recente e dificuldade em adquirir o livro em outras edições confiáveis. O desejo de fidelidade ao escrito por Gorriti explica as citações serem feitas sem nenhuma atualização.

A discussão sobre o gênero, como em *Lo íntimo* e *La tierra natal*, repete-se na análise de *El mundo de los recuerdos*, que pode ser lido como um relato de viagem, como um livro de contos, como um romance, quando na verdade o hibridismo de gênero reafirma, justamente, que a obra trata-se de uma autoficção.

Nas referências finais, pode-se comprovar a relevância da autora devido à tradução de seus livros à língua alemã e à língua inglesa, bem como o número de publicações (artigos, ensaios, dissertações, teses) em diferentes países sobre a vida e a obra de Gorriti: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, México, Peru, Suécia. No entanto, o Brasil, país vizinho da Argentina, carece de tradução e de estudos sobre a autora, lacuna a ser preenchida com a tradução da antologia de contos e com a escrita desta pesquisa e de outras do mesmo grupo da FURG.

Apesar da obra relevante de Gorriti, poucos estudos acadêmicos foram dedicados em nosso país, vizinho da Argentina, à autora. A tese de Clara Cruz (2005) analisa quatro obras de Juana Manuela Gorriti - *Oasis en la vida* (1888), *Peregrinaciones de una alma triste* (1876), *Cocina ecléctica* (1890) e *Lo íntimo* (1898) e a biografia sobre Gorriti de autoria de Martha Mecader denominada *Juanamanuela mucha mujer* (1926) tendo como foco o espaço na narrativa feminina. A dissertação de Andreza Andrade (2013) centra-se na realização de uma tradução comentada ao português da obra *Peregrinaciones de un alma triste*. Publicada em português e espanhol, ressaltou também o capítulo de autoria de Cláudia Heloisa Impellizieri Luna Ferreira da Silva (2006).

Destaca-se novamente o projeto *Juana Manuela Gorriti: análise e tradução*, desenvolvido na FURG desde 2012, do qual faço parte. Desde então, a equipe vem intensificando seus estudos sobre a autora, tendo realizado comunicações orais e publicações em anais de congressos nacionais e internacionais, bem como em periódicos e revistas.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> As publicações dos seguintes integrantes do grupo de pesquisa constam nas referências: Artur Emilio

A partir desse grupo, que há duas, das quatro traduções para o português da obra da autora argentina: “A luva negra” e “Drama em quinze minutos”. Há duas traduções de outros autores brasileiros: uma online, outra incluída em antologia. No momento a primeira antologia de contos de Juana Manuela Gorriti em língua portuguesa está com a Editora LiberArs, responsável pela publicação a ser lançada na Feira do Livro do Rio Grande, em fevereiro de 2018.

As autoras das traduções dos contos de Gorriti, Cecília de Souza Borba e Lisiane Ferreira de Lima, deram continuidade aos estudos sobre a autora em suas dissertações no curso de Mestrado em História da Literatura da FURG (BORBA, 2017; LIMA, 2017) bem como a coordenadora do projeto Daniele Corbetta Piletti que está cursando o Doutorado em Traductología na Universidad Nacional de Córdoba (UNC). A singularidade da obra merece sua divulgação e é este desejo, o de divulgar o nome de Juana Manuela Gorriti e, mais especificamente, a autoficção nas obras elencadas, o que motivou à realização desta tese de doutorado que marca a minha trajetória como pesquisadora desta expressiva escritora argentina.



Juana Inés de la Cruz

## 1 JUANA MANUELA GORRITI : VIDA E OBRA

O capítulo está organizado da seguinte forma: no primeiro subcapítulo é traçado um panorama histórico da época e dos países nos quais Juana Manuela viveu, acompanhado de uma biografia, destacando os principais episódios da vida da referida autora. E no segundo subcapítulo são elencados: livros, capítulos de livros, ensaios e artigos publicados em revistas e jornais, monografias, dissertações, teses sobre as obras de Juana Manuela estudadas nesta tese: *Lo íntimo*, *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos*. Nas referências bibliográficas constam obras que tratam de vida e obra da autora sem ter relação com os livros analisados neste estudo, bem como é apresentada lista de obras individuais e antologias publicadas de autoria de Gorriti.

### 1.1 Gorriti, uma pena argentina feminina

Juana Manuela Gorriti nasceu em 16 de julho de 1816<sup>5</sup>, uma semana após a data da Independência da Argentina, na fazenda da família, em Horcones, próxima à cidade de Salta. A vida no campo foi descrita, positivamente, em seus relatos memorialísticos como *Lo íntimo* e *La tierra natal*, de forma mais evidente, embora a natureza também tenha merecido destaque em contos e evidencie o caráter fundacional do Romantismo. A família vivia isolada por considerar este local mais protegido, tendo em vista as guerras vividas na Argentina naquele momento. Em 1822, Juana sofreu com a partida da fazenda para a vida urbana ao ingressar no *Colegio de Educandas*, este evento traumático foi relatado na obra *Lo íntimo*. A menina Gorriti adoeceu, tendo que regressar dentro de pouco tempo à fazenda em Horcones; no ano seguinte, a família instalou-se em Salta, onde retomou os estudos.

El día que cumplí seis años fue para mí de duelo. Anunciárome que era necesario abandonar la vida agreste, libre como los vientos, y cambiar los inmensos horizontes en que la pasaba ¡por el estrecho recinto de un colegio dirigido por monjas!

¿Qué iba ser de mí, pobre gacela acostumbrada a vagar, saltando de las selvas

---

<sup>5</sup> Sobre a data de nascimento há um documento: carta escrita por Juan Ignacio Gorriti enviada a seu irmão José Ignacio Gorriti, que estava em Tucumán, comunicando sobre o nascimento da sua filha Juana Manuela, ocorrido seis dias após a declaração da Independência, de acordo com o historiador Carlos Jesus Maita na biografia de Juana Manuela Gorriti (MAITA, 2011). Já, para Felix Luna, biógrafo de Gorriti, a data de nascimento da autora é o dia 15 de julho. Há estudiosos da obra de Gorriti, como Mary Berg, que consideram como o ano de seu nascimento 1818.

a los prados? (2012, p. 19)

Sétima filha de Feliciano Zuvería e José Ignacio Gorriti, este militar que participou ativamente da Guerra da Independência contra os espanhóis e das batalhas de Tucumán e Salta, e foi, também, deputado no Congresso de Tucumán em 1816 e governador de Salta. Como general no exército de Martín M. de Güemes e um profundo defensor do projeto de libertação, lutando por quinze anos pela causa da independência, após a morte de Güemes em 1821, assumiu como governador de Salta pela primeira vez, cargo pelo qual voltou a responsabilizar-se em 1827.<sup>6</sup>

Devido ao fracasso das forças unitárias, em 1831, toda a família partiu em exílio para a Bolívia na ocasião em que Facundo Quiroga, federalista, venceu a Batalha da Ciudadela. A morte de Güemes, que dominou durante uma década a política da província de Salta, resultou no começo de uma nova vida para a família Gorriti, exilada em outro país e em condições bastante inferiores a que estava acostumada na Argentina. Ao chegar à Bolívia, os Gorriti instalaram-se na Fazenda dos Trigo, família tradicional de comerciantes. Em 1832, José Ignacio e sua família foram expatriados, considerados criminosos por envolvimento político na revolução. Além disso, a fazenda da família Gorriti foi confiscada e transformada em quartel.

Ainda sobre a vida pessoal da escritora, em 1833, casou-se com Manuel Isidoro Belzú, militar boliviano destacado na Guerra da Independência da Bolívia e com ele teve duas filhas: Edelmira (1834-18??) e Mercedes (1835-1879). Após as ameaças de morte dirigidas a Manuel Isidoro Belzú na Bolívia, o casal Belzú e Gorriti, juntamente com as filhas, muda-se para o Peru. A ausência do marido em virtude de suas funções políticas, o início da carreira literária de Juana Manuela e supostos atos de traição por parte dos cônjuges levaram o casal à separação, no mesmo ano (1850) em que ele é eleito presidente da Bolívia. De comum acordo com Gorriti, suas filhas passaram a viver com o pai, até este ser assassinado em 27 de março de 1865. Após a separação de Belzú, a autora viveu um novo amor: Julio Sandoval, parente do ex-presidente peruano Luis José de Orbegoso. Dessa relação, que durou mais dez anos (184?-1860), nasceram outros dois filhos: Clorinda Puch e Julio Sandoval Gorriti (LUNA, 2001, p. 112-123).

Sua filha Edelmira, tal como o pai, interessada em assuntos relacionados à política, assumiu como primeira dama ao lado de Belzú, pois Juana Manuela recusou-se a viver

---

<sup>6</sup> O único da família Gorriti que apoiava os federalistas era o Pachi, irmão de José Ignacio Gorriti, mas que não atuou nos campos de batalha para evitar confrontos com os irmãos em campos de guerra.

novamente com o marido após eleito; Mercedes tinha mais afinidade com a mãe e dela herdou o talento literário. Clorinda faleceu na adolescência e dela a escritora guardava uma mecha de cabelo loira como recordação em uma urna. Julio, muito ligado à mãe, foi o responsável pela primeira publicação de *Lo íntimo*. Há notícias incertas sobre outros dois filhos falecidos na infância: María Delfina Belzú Gorriti e um menino que morreu em Lima, após os acontecimentos de 2 de maio de 1866 (EFRÓN, 1998, p. 174).

Juana Manuela, após a segunda separação, seguiu morando no Peru, primeiro em Arequipa e, depois, em Lima, onde organizou encontros literários e viveu o período de maior produção literária. Em Lima, fundou uma escola, atuou como professora e, assim, conquistou a confiança e o apreço da sociedade e do mundo intelectual.

Em decorrência do assassinato de Belzú, Juana Manuela viaja – a pedido da filha Edelmira –, acompanha o velório e o enterro e escreve, inclusive, uma biografia sobre o ex-marido na segunda parte de *Panoramas de vida* (1876). Na biografia, apresenta Manuel Isidoro Belzú como herói admirável, mas nada comenta sobre a vida íntima.

Ainda sobre a vida da escritora em Lima, cabe destacar a sua atuação como enfermeira no país em duas ocasiões: em 1865, no Combate de 2 de Maio, pela qual recebeu, inclusive, a Estrela do 2 de Maio na comemoração de décimo aniversário desta vitória e, em 1869, durante a epidemia da Febre Amarela.

Em 1851, Gorriti publicou seu primeiro conto denominado, “La quena”, no jornal *El Comercio* de Lima, considerada pela maior parte da crítica – tal como Fleming (2012, p. 8) – como a obra precursora da literatura fantástica na América Latina. Entre os primeiros autores do gênero fantástico argentino destacam-se: Eduardo L. Holmberg (1852-1937) Leopoldo Lugones (1874-1938), Horacio Quiroga (1878-1937), Felisberto Hernández (1902-1954), Macedonio Fernández (1874-1952). E entre as escritoras figuram os nomes de Silvina Ocampo (1903-1993) Pular de Lusarreta (1907-1969), Luiza Mercedes Levinson (1904-1988), Gloria Alcorta (1915-2012) e Alicia Jurado (1922-2011), todas escreveram posteriormente à Gorriti, o que reforça o pioneirismo da autora no gênero<sup>7</sup>. Além dos nomes supracitados, são considerados percursos da literatura fantástica hispano-americana as seguintes obras e autores: *La viuda de Corinto* (1837) do venezuelano Fermín Toro e *Gaspar Blondín* (1858) do equatoriano Juan Montalvo<sup>8</sup>. No Brasil, *Noite na taverna* e *Macário*, de Álvares de Azevedo, embora não correspondam plenamente às

<sup>7</sup> (LIMA, 2017b)

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/281353937/Trayectoria-de-la-literatura-fantastica-en-lengua-espanola>> Acesso em 17 out. 2017.

principais teorias do fantástico, podem ser considerados textos inaugurais do gênero no país, bem como os contos de Fagundes Varela, Franklin Távora e Machado de Assis<sup>9</sup>. Já a voz feminina sobre o fantástico no Brasil, encontra-se em *A Rainha do Ignoto*, romance psicológico da cearense Emília Freitas, publicado originalmente em 1899 e é considerado pioneiro no gênero no país<sup>10</sup>.

A publicação de um dos primeiros romances escritos por uma mulher no mundo latino-americano colocou o nome da autora entre as intelectuais mais influentes de sua época. “La quena” foi apresentada em formato de folhetim com publicação quinzenal, recebendo elogios por parte da crítica e, a partir deste momento, Juana Manuela passou a ser considerada e a considerar-se a si mesma como escritora, passando a colaborar avidamente com publicações de contos e artigos em inúmeros jornais e revistas em Lima e em Buenos Aires.

Apesar da aceitação e do carinho com que foi recebida nas cidades em que viveu, o distanciamento de sua pátria e a experiência de vida como emigrante deixaram-lhe marcas de tristeza e obrigam-na à reconstrução de sua identidade nacional buscada e/ou conquistada por meio da literatura. Assim sendo, a narração atuou como forma de recuperar seu passado histórico, político e cultural. Mulher emigrante viveu na Bolívia e no Peru, deixando marcas nos lugares por onde passou, como intelectual e escritora.

Em 1872, o presidente argentino Domingos Faustino Sarmiento (1811-1888) sancionou a lei que dava direito de pensão às viúvas ou às filhas dos que haviam lutado pela independência, contanto que elas vivessem na Argentina. No entanto, antes de retornar a Buenos Aires, sua filha Mercedes adoeceu gravemente, falecendo em 1879.

A verba recebida pelo governo foi responsável pela sobrevivência da escritora durante a velhice, considerada insuficiente para uma vida digna, conforme comentário feito por ela ao comparar o valor recebido a uma esmola: “voy peregrinando en busca de un pedazo de pan que mi país me echa como una limosna cacareado y dado en cara (...)” (2012, p. 46) Há outros relatos sobre a dificuldade financeira da autora escritos, também, na obra *Lo íntimo*.

Em 1875, na capital argentina, os intelectuais portenhos, representados pelos

---

<sup>9</sup> NIELS, Karla Menezes Lopes. Fantástico à brasileira: o gênero fantástico no Brasil. *Anais do V Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras Anais do V Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras*, Estudos de Literatura, UFF, n. 1, 2014.

<sup>10</sup> OLIVEIRA, Aline Sobreira de. A rainha do ignoto, de Emília Freitas: do fantástico à utopia. *Em tese, Mito e literatura*, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, 2014.

escritores mais importantes do momento, tais como Bartolomeu Mitre, José Hernández, Rafael Obligado, Marcos Sastre, Santiago Estrada, Juan María Gutiérrez ofereceram à Juana Manuela a Palma Literária, uma homenagem concedida às figuras de maior prestígio social e literário, não só por sua atuação social, mas também por sua reconhecida e meritória produção literária e jornalística. Em 1877, fundou *La Alborotada del Plata*, em Buenos Aires. Em 1884, a autora voltou a Buenos Aires, onde escreveu até sua morte, aos 76 anos.

A vivência em Lima marcou de modo muito especial a vida da autora em função dos encontros literários ocorridos entre os anos de 1876 e 1877, sempre às quartas-feiras. Desses momentos de vivência artística, nasceu *Veladas Literarias de Lima*. Diversos autores reuniam-se para ler e discutir literatura, cantar e escutar música em torno de trinta pessoas, tanto Ricardo Palma e Manuel Adolfo García, reconhecidos escritores românticos peruanos, quanto um grupo de jovens revelações poéticas e literárias, como Mercedes Cabello de Carbonell, Clorinda Matto de Turner, Carolina Freyre de James, Manuela Villarán, Mariano Amézaga, Carlos Salaverry, Abelardo M. Gamarra e Mercedes Belzú de Dorado, filha de Gorriti. Em *Lo íntimo*, Gorriti descreve como esses encontros foram essenciais na sua vida:

Y me levanto y ando: ando de aquí para allá, preparando las clases; las doy, escribo, coso, hago prepararse los trabajos que han de leerse en las veladas literarias que cada miércoles se celebran en casa. Asambleas inventadas por mí e imitadas en todas partes, sobre todo en Francia y España. Ellas son el único punto luminoso de mi sombría existencia. (2012, p. 40)

A citação reafirma o papel relevante das *veladas* literárias, pois os encontros com os outros escritores eram como um momento de renascimento. Em Lima, fundou, com Carolina Freyre de Jaimes, o jornal *El Albúm* (1874) e, com o poeta Numa Pompilio Llona, a revista *Alborotada de Lima* (1874), destacando-se e sendo reconhecida, não apenas como escritora, mas como uma mulher fortemente comprometida com a literatura, a educação e a cultura. Remedios Mataix (2003) aponta o importante papel desempenhado por Juana Manuela ao criar estes espaços<sup>11</sup> em jornal e revista para publicação de artigos que defendiam os direitos femininos. Jorge Myres (2003, p. 324) destaca o nome de Juana Manuela Gorriti, entre outras escritoras, que publicavam em jornais e revistas e criticavam a educação retrógrada que privilegiava os homens. As colunistas lutavam pela igualdade

<sup>11</sup> Mataix apresenta equivocadamente como sendo de Buenos Aires, mas as publicações são de Lima (FLEMMING, 2010).

de direitos e pelo espaço da mulher na sociedade.

A vida pessoal marcada por desgraças – mortes de familiares próximos e de suas filhas, distanciamento da pátria, dificuldades financeiras, a doença – revela-se na obra da escritora. A literatura atua como modo de sobrevivência e, em *Lo íntimo*, a autora declara: “Cada línea que escribo, así como cada plática o la emisión de mi voz, paréceme un paso a la vida, después de haber ya habitado el sepulcro, tan terrible ha sido la enfermedad de que acabo de salir.” (p. 108).

Juana publicou obras de diferentes gêneros: romances, contos, artigos jornalísticos e, inclusive, um livro de receitas culinárias, em que recupera a gastronomia típica argentina e, mais especificamente, de Salta. Um dos gêneros mais importantes na produção de Gorriti é o conto, publicado nas obras: *Sueños y realidades* (1865), *El pozo del Yocci* (1869), *Panoramas de la vida* (1876). Em 1869, Juana publica a biografia do general Dionisio Puch. Em *Misceláneas* (1878), a escritora apresenta uma coleção de lendas, juízos, pensamentos, discursos, impressões de viagem e descrições americanas. A correspondência com o amigo Ricardo Palma mereceu o formato de livro denominado: *Cincuenta y tres cartas inéditas de Juana Manuela Gorriti a Ricardo Palma: fragmentos de Lo íntimo* (2004).

Os romances também tiveram espaço na carreira da Juana Manuela: *Peregrinaciones del alma triste* (1875), *Oasis de la vida* (1888). Em 1875, foi publicado *Palma literaria y artística de la escritora Juana Manuela Gorriti e El álbum y la estrella*. O relato sobre a experiência de encontros literários foi escrito por Gorriti e organizada por seu filho Julio Sandoval em: *Veladas Literarias de Lima* (1892) publicado, postumamente, em Buenos Aires, e uma lenda: *El tesoro de los Incas* (1865).

Uma obra significativa para estudos sobre personagens históricos do século XIX no mundo hispânico é intitulada *Perfiles* (1892), na qual a autora traça perfis de personagens célebres da Argentina, da Bolívia e do Peru. Além disso, Juana Manuela tem ensaios publicados em jornais e revistas e prólogos de livros como *Novelas*, de Santiago Vaca Guzmán (1891). E, por fim, destaco a publicação dos relatos de memória, textos autoficcionais, que serão o foco deste trabalho: *El mundo de los recuerdos*, *La tierra natal* e *Lo íntimo*.

*El mundo de los recuerdos* (1886), publicado com o apoio do governo de Salta e do jornal *La Nación*, relata a viagem realizada pela autora entre fevereiro e abril de 1878 na companhia de Carmen Puch, ao norte da Argentina. Relato autoficcional no qual a

autora/narradora recupera sua história como peregrina, narra sua vida e os acontecimentos históricos, os nomes dos capítulos marcam o roteiro da viagem: Córdoba, La Ciudadela, etc.

Na obra *Oasis en la vida* (1888), Gorriti narra a história de um autor de folhetins que conquista a estabilidade econômica graças a uma apólice de seguros de vida, que lhe permite continuar escrevendo. Alguns críticos consideram este romance como uma ambígua homenagem ao incipiente capitalismo, pois o texto é dedicado *A Buenos Aires, Compañía de Seguros*, que patrocinou a edição para presentear-lhe aos seus clientes (FLETCHER, 1994, p. 236). Trata-se de um romance escrito sob encomenda com 10.000 exemplares comprados antecipadamente pela companhia de seguros “La Buenos Aires”, de acordo com FLEMMING (2012, p. 13), consolidando um passo importante na história da produção literária argentina. A publicação comprova o empenho da escritora na profissionalização da carreira literária, algo bastante inovador para a época. Juana Manuela dedica o livro à empresa comitente, elogia sua solvência, seus produtos e sua conduta, menciona os nomes reais de seus funcionários. Além disto, também há propaganda da *Confitería del Lampo* de Buenos Aires, elogiando a qualidade de seus produtos; também faz referência ao Gran Hotel, a marca de um piano, Steinway e aos jornais como Le Courier de La Plata, Le Petit Journal, La Estación, La Prensa, La Tribuna Nacional. Tais propagandas garantiram maior rentabilidade à escritora com a publicação (CRUZ, 2005, p. 107).

*La tierra natal* (1889) é uma narrativa autoficcional em que a autora/narradora idosa recupera a história de seu país, bem como sua história de vida, através do relato de viagem à província de Salta, em um longo trajeto de trem em 1886. A estadia em Salta dura 20 dias e é marcada pelo afeto dos amigos, hospedando-se na casa de Luis Güemes, um dos filhos do famoso general. De acordo com Flemming (2010, p. 75), a obra foi precursora no relato de viagem sobre a região norte da Argentina. A partir desta publicação, outros autores escreveram textos do mesmo gênero sobre esta localidade.

Com a obra *Cocina eclética* (1890), também publicada com o apoio do governo de Salta e do jornal *La Nación*, há a recuperação da cultura e da história de sua terra, tendo em vista que não se trata apenas de uma seleção aleatória de receitas e, sim, de um estudo cuidadoso de pratos significativos na história de um povo. Segundo Flemming (2010, p. 82) a forma como o livro é redigido conferem-lhe um valor literário, pois Gorriti recupera a gastronomia típica argentina e, mais especificamente, de Salta. Curiosamente,

na Bolívia, ainda hoje as *empanadas* são chamadas de *salteñas*, devido à passagem de Juana Manuela pelo país, famosa por seus quitutes culinários, antes mesmo de lançar o livro.

*Lo íntimo* (1893), finalizado em 1892, foi escrito em forma de diário e nele a autora/narradora relata suas memórias de modo fragmentado, misturando vida pessoal e história política, sociocultural dos países hispano-americanos, nos quais a autora constituiu morada, criou laços de amizade e imprimiu sua marca como escritora e intelectual. Batticuore (2004) demonstra que o livro sofreu censura do filho Julio Sandoval (e sua esposa Urcina Ponce), ao organizar e publicar o livro.

Juana Manuela pode ser considerada uma das grandes e primeiras autoras de seu país e, não só por isto, merece maior visibilidade no Brasil e na América Latina. Destacam-se estudos sobre a autora, além de seu país de origem e nos países nos quais viveu, também, no México, no Chile, em Cuba, na Espanha, no Canadá, na Itália, nos Estados Unidos<sup>12</sup>, tendo tradução de sua obra em língua inglesa, em língua alemã e bem recentemente em língua portuguesa. A relevância da autora foi reafirmada com uma Lei Municipal de Salta (nº 7.728, de 14 de junho de 2012), que estabeleceu o dia 6 de novembro como o “Dia do Escritor Saltenho”, marcando os falecimentos dos escritores Juana Manuela Gorriti (em 1892) e Juan Carlos Dávalos (em 1959).

A voz feminina de Gorriti ecoou no século XIX, momento em que poucas mulheres ousavam a exposição no meio artístico. Voz esta que permanece na atualidade como uma das maiores artistas latino-americanas.

Gorriti, uma pena argentina feminina. A palavra pena tem dupla significação e ambos os sentidos fizeram-se presentes na vida de Juana. A pena, o sofrimento, a dor das perdas, a vivência da guerra, a saudade da terra natal, superadas através da pena, da escrita, da vivência literária, da salvação por meio da palavra.

## **1.2 Publicações sobre as obras autoficcionais *Lo íntimo*, *La tierra natal*, *El mundo de los recuerdos* de Juana Manuela Gorriti**

---

<sup>12</sup> Irene Susana Coromina é membro do projeto de pesquisa coordenado por David Rockefeller Center for Latin American Studies Summer Library Scholarship, Harvard University. Project: Research at Widener Library for comparative study entitled: “Tales of Love, Madness and Death in the Works of J.M. Gorriti and Luisa Valenzuela.” Início em 2007.

Berg (1989) estuda a obra de Juana Manuela Gorriti e Clorinda Matto de Turner (Peru, 1852-1909), escritoras que viveram no mesmo período e país e eram, inclusive, grandes amigas. Sobre a obra de Gorriti, centra a análise em duas obras: *Peregrinaciones de un alma triste* e *El mundo de los recuerdos*, estabelecendo relações entre os livros das escritoras selecionados para análise e reafirmando a relevância de ambas para a história da literatura latino-americana, tendo em vista que essas autoras merecem leitura na atualidade ao apresentar, segundo a visão da teórica, aspectos de interesse contemporâneo.

Em 1994, Lea Fletcher organiza um livro dedicado às mulheres e à cultura da Argentina do século XIX, no qual constam quatro capítulos dedicados à Juana Manuela, conforme constam nos parágrafos numerados a seguir:

1. Graciela Batticuore analisa a obra *La tierra natal* como um relato de viagem que recupera a memória histórica narrada em distância temporal. O texto trata, também, da profissionalização da escritora, aspecto incomum no século XIX. O tempo da obra é mítico e o relato fragmentado. O capítulo analisa a obra *Lo íntimo*, cujo início demarca a importância de Horcones, pois ali é a origem da vida familiar, o lugar da infância, o espaço fundacional. Horcones apresenta-se como metáfora da escrita, anedotário da pátria e da memória pessoal, desse local, para a teórica, converge à ficção de Juana Manuela.

2. Cristina Iglesia (1994) escreve sobre a importância de *Lo íntimo* como recuperação do passado individual e coletivo. Neste capítulo, a pesquisadora caracteriza autobiografia e classifica deste modo a obra de Gorriti. O texto teórico trata dos temas como: a literatura, a velhice, a dificuldade de urbanização e de vida como imigrante, presentes na vida da autora/narradora/protagonista do livro em análise.

3. María Gabriela Mizraje (1994) em seu texto trata da dívida histórica de Gorriti com o pai, que se transforma em dívida literária, já que a escrita do diário *Lo íntimo* atua como forma para idealização da figura do pai como héroi nacional. Além disso, o capítulo aborda a recuperação do passado individual e coletivo, o patriotismo na obra em análise.

4. Nora Domínguez (1994) estuda as mulheres viajantes em quatro obras: *Peregrinaciones de un alma triste* e *Lo íntimo*, ambos de Juana Manuela Gorriti, *La ingratitud*, de Matilde Sánchez, e *En breve cárcel*, de Sylvia Molloy. A obra *Lo íntimo* é considerada uma viagem da escritora à escrita e trata-se de um diário íntimo fragmentado, tendo a doença, a solidão e a escrita como principais temas. A autora discute ainda a

representação feminina retratada pelas personagens nas obras em análise.

Miseres (1995) apresenta dados biográficos, bibliográficos sobre Juana Manuela e analisa o diário *Lo íntimo*, no qual, segundo a teórica, a escritora argentina busca perpetuar-se e resguardar a imagem do pai como herói de guerra e como herói nacional. O patriotismo de Gorriti, a vida como peregrina, a tristeza das perdas e a dor da guerra são retratadas no texto autobiográfico que reconstrói, através da história pessoal, a história nacional.

Dando continuidade aos estudos sobre a autora argentina, Batticuore (1996) publica um artigo sobre Gorriti e sobre Eduarda Mansilla, traçando e comparando a trajetória das duas escritoras, pois uma viaja pela América Latina a outra, à Europa e à América do Norte. A pesquisadora enfatiza o patriotismo e a narração ficcional presente nas obras consideradas autobiográficas e destaca como os relatos de viagem, na obra de Juana Manuela, atuam como forma de reconstrução identitária.

María Gabriela Mizraje (1999) apresenta obra crítica sobre as escritoras argentinas intitulado: *Argentinas de Rosas a Perón*, na qual são estudadas doze autoras: Mariquita Sánchez, Juana Manso, Juana Manuela Gorriti, Eduarda Mansilla, Emma de la Barra, Alfonsina Storni, Norah Lange, Victoria Ocampo, Beatriz Guido, Alejandra Pizarnik, Griselda Gambaro. No capítulo "Juana Manuela Gorriti: el nombre de la pendiente", a pesquisadora aponta Gorriti como a mais instigante escritora argentina do século XIX e, sobre *Lo íntimo*, menciona a reflexão sobre o papel da mulher escritora, a velhice, a doença, a morte, a literatura e a escrita dos relatos como forma de transcendência.

Luz Hincapie (2002) apresenta sua dissertação de mestrado sobre imigração, exílio e hibridismo em narrativas de viagens escritas por três mulheres latino-americanas no século XIX, na qual analisa *Viagem da Condessa de Merlin a La Habana*, de Maria de las Mercedes Santa Cruz y Montalvo; *Viagem*, de Soledad Acosta de Sampere e *La tierra natal* e "Impresiones y Paisajes" (de *Miscelaneas*), de Juana Manuela Gorriti. O estudo centra-se no tema da identidade face à experiência de deslocamento. A análise dos textos de Gorriti permite, de acordo com a pesquisadora, recuperar um passado perdido pelo exílio e construir uma Identidade nacional baseada numa pertença trinacional, tendo em vista os países em que a escritora viveu: Argentina, Bolívia, Peru.

Como uma síntese da dissertação supracitada, Luz Hincapié (2006) publica um artigo no qual analisa os mesmos dois textos de Juana Manuela Gorriti, tratando da experiência da autora como exilada, da busca pela identidade nacional e da condição de

pertencimento da escritora aos diferentes países nos quais viveu: Argentina, Bolívia e Peru. Nuria Girona Fibla (2008) publica o capítulo “Ser de escritora, ser de escritura: memorias de Juana Manuela Gorriti”, no qual revela o importante papel do relato de memória para a perpetuação da imagem da escritora, pois, mais do que contar, Juana molda a sua vida. A autora argentina quer ser lembrada, mas a partir da realidade por ela moldada na escrita do diário íntimo. O estudo trata do tema da maternidade, presente no relato memorialístico, relacionado à melancolia e à representação de Gorriti como mãe simbólica nacional, o papel de intelectual da escritora fundadora das veladas literárias.

Ana Rosa Domenella (2010) demarca o papel social da obra de Juana Manuela, o comprometimento político como intelectual e escritora, a partir da análise de algumas obras da autora: *Sueños y realidades*, *Cocina ecléctica*, *La tierra natal*, *Lo íntimo*. Ao tratar de *Lo íntimo*, analisa o exercício memorialístico, destacando que Juana Manuela, em uma narrativa marcada pela dor da velhice, da doença, das perdas, do estado, seleciona os fatos narrados, o que deve ser dito e o que deve ser calado sobre si mesma, escolhendo assim como quer ser lembrada. A luta pela profissionalização do escritor e da escritora demonstra, segundo Domenella, o claro comprometimento de Juana Manuela com o fazer literário como ofício, em um momento em que poucas mulheres estavam inseridas no meio literário. A pesquisadora revela também o quanto a escrita é primordial para a existência de Gorriti, tanto que ela morre escrevendo (ou escreve morrendo), de acordo com a data da última declaração em *Lo íntimo*.

Já Victoria Cohen Imach (2010) revela a presença do elemento religioso na obra de Juana Manuela, ao recuperar a história do claustro do século XIX, em artigo publicado na Universidad de Salta. A autora aponta as obras *El mundo de los recuerdos*, *La tierra natal* e alguns dos contos publicados em *Panoramas de la vida* como importantes para estudo do claustro na obra de autora argentina.

Tatiana Navallo (2010) analisa *El mundo de los recuerdos*, considerada como autobiografia, destacando o caráter individual e o coletivo presente na obra, pois o ser narra sua história pessoal de vida e, também, a história do coletivo. No livro, Juana Manuela traz reflexões sobre a prática de escrita. O texto ressalta como a autobiografia trabalha a memória individual e coletiva e como se dá o deslocamento temporal e geográfico dentro do espaço literário.

Em sua tese, Rocío Carreno Del Águila (2011) estuda a construção da identidade feminina na América Latina, o papel da mulher no projeto nacional, a partir da análise das

obras de Juana Manuela Gorriti e Clorinda Matto de Turner. Com os temas de velhice, doença e viagem, a pesquisadora organiza a análise sobre *Peregrinaciones de un alma triste*, que considera como autobiográfica, devido às aproximações entre a personagem Laura e Juana Manuela. No capítulo “Filiaciones textuales y afiliaciones femeninas”, dedica-se à participação de Gorriti no universo intelectual limenho e o valor de vínculos com figuras letradas como estratégia de promoção e de produção de outras mulheres escritoras. As veladas literárias foram essenciais como um espaço de discussão intelectual e política e como um espaço feminino em um momento de exclusão do gênero, tendo, inclusive, como tema de discussão recorrente o direito de igualdade da mulher na educação e no trabalho. Sobre *Cocina ecléctica*, a pesquisadora considera o livro não só uma coleção de receitas, mas também uma sequência de pequenos relatos e de histórias que abrem o espaço familiar, o livro ocupa um espaço cultural onde o público (livro impresso) faz referência ao privado (as receitas e suas autoras), a obra apresenta características de ensaio e de romance.

A tese de Alessandra Pelizzaro (2011) apresenta inicialmente dois capítulos teóricos: o primeiro trata da escrita autobiográfica e o segundo, sobre escrita, memória e voz, em que são utilizadas, entre outras, as teorias de Gusdorf, Zambrano, Foucault, Lejeune, Ricoeur, Alberca, Molloy, Derrida, De Man, Barthes. Em outros dois capítulos, há a análise de duas obras: *Lo íntimo*, de Juana Manuela Gorriti, e *Los diarios e Inquietudes sentimentales*, de Teresa Wilms Montt, ambos são introduzidos com uma breve biografia das autoras. A escrita de *Lo íntimo* é concebida como uma forma ulterior de exílio, na qual rememora sua vida de luta por equilíbrio entre espaço público e privado, revelando-se sempre consciente da importância de ter uma vida ativa como intelectual e testemunha da história. Gorriti escreve para registrar o passado e para exorcizar o esquecimento de sua vida e de sua pátria.

O artigo de Miriam Bucuré (2012) aborda a vida e a obra de Juana Manuela, destacando os livros *La tierra natal*, *Lo íntimo*, *Panoramas de la vida*, *Peregrinaciones de un alma triste*. A autora discute o caráter híbrido de *Lo íntimo*, que não deve, segundo a teórica, ser considerado apenas um diário, apontando o jogo presente entre ficção e memória, também, em *La tierra natal*, relato de viagem (no tempo e no espaço), já que Gorriti sente-se de volta à infância em Salta.

Vanessa Miseres (2012) analisa o tempo e o espaço na obra *La tierra natal*, destacando a dimensão histórica e política, geográfica, ideológica do deslocamento

realizado pela escritora/narradora na viagem a Salta. Rosa Pellicer (2012) destaca o caráter híbrido e fragmentário da obra *Lo íntimo*. Segundo a autora, Gorriti tematiza sobre a vocação e sobre o trabalho literário e demarca a importância de Horcones como lugar de infância, lugar da origem no diário. A escrita do relato é uma forma de superação da dor, da doença, da proximidade da morte. A figura do pai é a de herói nacional e de Juana como parte da história política da Argentina, Juana Manuela Gorriti apresenta-se em alguns momentos como testemunha e, em outros, como protagonista da história política e da história pessoal.

A pesquisadora brasileira Claudia Luna Silva (2012) publica capítulo no qual analisa, principalmente, *Lo íntimo*, destacando a miscelânea de gêneros presentes na obra, o caráter memorialístico, a revelação do público e do privado, o caráter nacional e de recuperação do passado histórico e pessoal neste livro. Julien Roger (2014) escreve sobre a escrita autobiográfica e os relatos memorialísticos de autoria de Juana Manuela Gorriti comparando-a a outras duas autoras: Silvina Ocampo e Norah Lange.

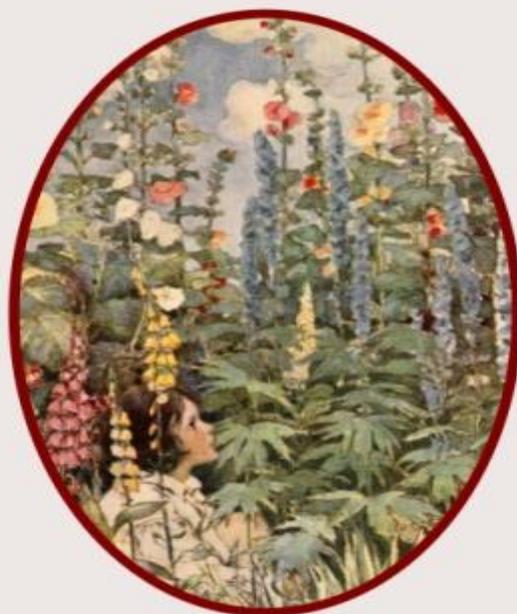
Danaé Michaud-Mastoras (2014) considera *Lo íntimo* uma obra autobiográfica, caracterizada por uma escrita dialógica complexa, híbrida e caótica, devido à originalidade de sua forma. Para o pesquisador, o livro pode ser considerado um documento autobiográfico público que, ao registrar a história pessoal, retrata também a história coletiva, a vida política e cultural da época. Gorriti atua como testemunha da história e relata os conflitos bélicos dos três países hispanoamericanos nos quais viveu e o faz de modo crítico. A escritora luta por justiça e por igualdade, assume um compromisso social, é uma intelectual, uma patriota com sobrenome de heróis, motivo de orgulho e que a torna igualmente heroína, segundo o estudioso.

Após este levantamento sobre os estudos críticos dedicados aos livros *Lo íntimo*, *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos*, verificou-se a relevância e o caráter inovador da análise a ser realizada através desta tese, tendo em vista que nenhum pesquisador tratou as obras como autoficção. Alguns, inclusive, apontam o texto como autobiográfico com elementos ficcionais, tangenciando as características da autoficção.

Este primeiro capítulo apresentou Juana Manuela Gorriti, uma protagonista feminina, que não se contenta com a figura de personagem secundária, está muito além de seu tempo, não só pela singularidade da escrita literária, pela responsabilidade como intelectual, mas também pelo modo como conduz a vida, independente e segura, lutando e demarcando o espaço da mulher escritora na sociedade hispano-americana do século XIX.



LO ÍNTIMO  
JUANA MANUELA GORRITI



Prólogo de Esther Andradi

*Colección Las Antiguas*

  
BUENA VISTA  
Editores

## 2 DESVELANDO O DIÁRIO *LO ÍNTIMO*<sup>13</sup>

Inicialmente o capítulo aborda as características e as tipologias da autoficção, a partir da análise da obra *Lo íntimo*. A seguir apresentam-se estudos sobre a memória individual, coletiva e histórica e como são retratadas no livro. O gênero diário é estudado e é questionada a classificação tradicionalmente atribuída a *Lo íntimo*.

A seguir é reconstruída a trajetória de Gorriti, permeada pelas guerras, pelas perdas, pela doença, repensada em sua velhice, na qual o prenúncio da morte acompanha-a e na qual a literatura atua como estímulo à vida, como consolo e refúgio, conforme declarado por ela no livro.

O hibridismo de gênero por meio das cartas enviadas e recebidas, das críticas feitas e das recebidas, do discurso, dos contos e dos poemas reafirma a autoficção em *Lo íntimo*, bem como a presença da metaficção ao tratar de seu processo criativo, das publicações e das críticas de suas obras.

### 2.1 Características, tipologias da autoficção em *Lo íntimo*

Os estudos teóricos sobre autobiografia iniciam com Philippe Lejeune, com a publicação de *L'Autobiographie en France* (1973), que estabelece o pacto autobiográfico. Este conceito é ampliado em 1975, com a publicação de *Le pacte autobiographique* e é reconsiderado pelo próprio teórico em texto escrito vinte e cinco anos após a escrita do primeiro, *Pour l'autobiographie* (1998), no qual repensa e rediscute os próprios pressupostos teóricos. A definição de dicionário, primeiramente postulada em 1973, com um único acréscimo ao final (história de sua personalidade) em 1998, adquire um novo status a partir de então: "Autobiografia é a narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 1975, p. 14).

---

<sup>13</sup> A edição escolhida para análise de *Lo íntimo* é a da Buena Vista Ediciones de Córdoba, que faz parte da Colección Antiguas Primeras Escritoras Argentinas, sob coordenação de Mariana Ocampo, publicada em 2012, 132 páginas. Na apresentação denominada *La escritura en tránsito*, Esther Andrali relata que o livro é um milagre, por ter chegado às suas mãos na edição de 1992, com ensaio biográfico de Alicia Martorell, por meio de Lea Fletcher, diretora da Editora Feminaria. E considera o livro um milagre também devido à atualidade dos temas tratados: "(...) es tan contemporáneo como la escritora que se temple tras el texto." (2012, p. 11)

O pacto é um contrato de leitura que consiste nos princípios de veracidade e de identidade entre autor, narrador e personagem-protagonista (A = N = P). O leitor interpreta o texto autobiográfico como “verdade individual”, diferenciando-o da narrativa ficcional. Neste, o compromisso com a realidade é impreciso, diferente da autobiografia, em que o pacto de veracidade pode acarretar consequências legais para o autor, já que estabelece um vínculo, um compromisso com a verdade dos fatos narrados. O mesmo comprometimento não ocorre com o romance, pois o princípio de invenção e de não-identidade compõe este gênero.

Com relação ao pacto autobiográfico nas obras em estudo, este é estabelecido diretamente, ao considerar a identidade onomástica entre a personagem narradora e a autora. A fabulação de si mesmo, ao incluir elementos ficcionais na sua história de vida e tratar-se a si mesma como personagem, o destacado protagonismo, a evocação da memória, a busca pelo autoconhecimento e a presença marcante do hibridismo de gênero confirmam que os textos *El mundo de los recuerdos* (1886), *La tierra natal* (1889) e *Lo íntimo* (1893), da escritora argentina Juana Manuela Gorriti, são autoficcionais.

A escolha pela terminologia autoficcional, em lugar de autobiográfica, ocorre pelo interesse em destacar o ficcional, o imaginário na análise das obras e não apenas o aspecto biográfico. Ao realizar o exercício memorialístico, este nunca será capaz de retratar a realidade, mas *uma* realidade, a do ponto de vista de *uma* pessoa, nunca revelará a verdade factual, revelará, sim, a verdade impregnada do imaginário. No texto autoficcional, há a verossimilhança, a verdade ficcional, jamais a verdade factual.

O termo autoficção surge com Serge Doubrovsky, com a publicação de *Fils* em 1977, ao conceber a escrita deste gênero como forma de reinvenção da própria vida. Um gênero híbrido, concebido na mistura de vários gêneros. Na contracapa, o autor apresenta o termo e o define: “Autobiographie? Non, c’est un privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie et dans un beau style. Fiction d’événements et de faits strictement réels; si l’on veut, autofictions (...)”. Kelley Duarte (2010b, p. 27-28) destaca as definições controversas para autoficção em dois dicionários franceses: em *Robert*, em 2001, o verbete autoficção é apresentado como narrativa que mistura a ficção à narrativa autobiográfica; no dicionário *Petit Larousse*, em 2002 a autoficção é concebida como um sinônimo próximo do romance autobiográfico ou uma autobiografia que toma emprestado as formas narrativas da ficção. Com relação aos dicionários de língua portuguesa: não há o verbete nos

dicionários online *Aurélio* e *Caldas Aulete*. No *Michaelis* online<sup>14</sup> o verbete aparece como prosa literária híbrida (conto, novela, romance) que mistura realidade (experiências do escritor) e ficção. No dicionário *Priberam*<sup>15</sup> no verbete consta: gênero literário que se aproxima de uma autobiografia romanceada. No dicionário online de La Real Academia Española não se encontra o verbete “autoficción”. A ausência do verbete num dos maiores dicionários de língua espanhola e também em alguns de língua portuguesa parece revelador sobre o *status*, sobre a desvalorização e/ou incompreensão do gênero tão em voga na atualidade. Ainda sobre a definição do vocábulo, Anna Martins Faedrich diz em sua tese:

A autoficção não é um relato retrospectivo como a autobiografia pretende ser. Pelo contrário, ela é a escrita do tempo presente, que engaja diretamente o leitor nas obsessões histórica do autor (...) A autoficção não é meramente uma recapitulação da história do autor. O texto deve ser lido como romance, mesmo que exista a identidade onomástica entre autor, narrador e personagem principal. (FAEDRICH, 2014, p.22)

Importante dizer que a autoficção estabelece com o leitor um pacto oximórico (JACCOMARD, 1993), caracterizado por contradição, que rompe com a veracidade (pacto autobiográfico), sem aderir, integralmente, ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional), já que os dois misturam-se, gerando o contrato de leitura, marcado pela ambiguidade da narrativa.

A história de sua personalidade, presente na definição da autobiografia, aponta à característica singular do texto, demarca o eu. Vale lembrar que as escritas autobiográficas podem ser também denominadas: escritas íntimas, escritas do eu, escritas de si. A autobiografia remete ao eu e, portanto, ao mito de Narciso, ao espelhamento, ao contar-se e ao recontar-se. A escrita autobiográfica atua como forma de perpetuação do sujeito. De acordo com Duarte (2010b, p. 27), Harel, psicanalista canadense, relaciona autoficção à psicanálise, considerando as escritas do eu como “escrita reparadora”, o que explica o aspecto dramático da autoficção, na qual vários autores confessam a necessidade de escrever um romance a partir da vivência de um trauma, como uma forma de atenuar a dor.

A formação da identidade e a autoanálise compõem a autoficção. Importante considerar a situação de migrante e a vivência traumática da guerra vivida por Juana Manuela que são elementos significativos para a busca da autora pela escrita autoficcional.

<sup>14</sup>Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/autofic%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em 17 out. 2017.

<sup>15</sup> Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/autofic%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em 17 out. 2017.

A memória recupera o eu do passado no tempo presente, porém nem sempre o “eu” narrado é o mesmo, o que reafirma o caráter ficcional dentro na autoficção, conforme Duarte:

No procedimento em que as identidades do passado e do presente se recompõem através da memória e da vida narrada em retrocesso, pode ocorrer a não identificação do eu do presente com o eu do passado. Se a autobiografia, enquanto narrativa das memórias, nada mais é do que o relato do caráter de seu autor em retrospectiva, é coerente afirmar que se trata da narrativa da (re)construção, evolução e/ou transformação de uma identidade, pois entre o eu do passado e o eu do presente existem as experiências que o tornam outro em diferentes momentos da vida. Mesmo depois de “se” escrever, registrar sua história de vida, ele também será outro. Mais uma vez, recai-se sobre o aspecto ficcional no relato autobiográfico, posto que o eu do passado pode ser interpretado como a ficção do eu do presente (DUARTE, 2010a, p. 57) .

A situação de vida no exílio pode provocar a sensação de não pertencimento e a escrita autoficcional surge como forma de recuperação, de reconstrução identitária, além do desejo de perpetuar-se através da literatura. A autora parece tecer a mortalha ao escrever *Lo íntimo* e as datas fixadas na autoficção são as do período de maior produção intelectual de Gorriti, conforme aponta Cristina Iglesia (1994, p. 15), o que demarca a importância da literatura na vida da autora.

O caráter terapêutico pode ser percebido nas obras em análise, cujos relatos falam da dor das vivências de guerra, das mortes de familiares, da convivência com a dor, além da certeza da proximidade da morte da autora/narradora/protagonista, em *Lo íntimo*. Nas obras, há identidade onomástica, e, apesar do formato de diário (*Lo íntimo*) e de relatos de viagens (*El mundo de los recuerdos* e *La tierra natal*), podem ser lidas, igualmente, como um romance. Classificar as obras em análise nesta tese apenas como diário ou relato de viagem revela uma visão reducionista, ao desprezar as características da autoficção sobressalentes nos textos. As histórias centradas no “eu” que fabula, a necessidade de contar a sua história de vida como meio de compreensão de sua identidade e como forma de perpetuar-se através da arte, a mistura de diferentes gêneros presentes nas obras reafirmam o caráter autoficcional de *Lo íntimo*, *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos*.

A noção de autoficção é simplificada por Vincent Colonna (2004) ao relacioná-la com o que antes se entendia por romance pessoal ou autobiográfico. Para esse teórico, a autoficção é a fabulação de si. Cabe ressaltar que a escrita de autoficção não ocorre apenas na modernidade, pois data de tempos remotos.

Esse teórico categoriza a representação de quatro modelos de autoficção em seu estudo: fantástica, especular, biográfica e intrusiva. Na primeira, fantástica, de caráter mais

inventivo, o autor transporta-se a um contexto inverossímil, como em viagens imaginárias; nas quais é narrada uma história irreal sem correspondência entre ficção e biografia. Na segunda, especular, o autor não ocupa o centro de seu livro, mas sim um pequeno papel, assumindo uma posição no canto da obra, como a figura de um pintor que se pinta no próprio quadro, retratando-se em um ângulo da tela. O autor assume uma atitude reflexiva, tendo em vista que se intromete na trama para propor um modo de leitura. Na terceira, biográfica, a mais recorrente na atualidade, o autor apresenta-se como pivô de seu livro, narrando sua vida e, ao mesmo tempo, ficcionalizando-a, fabula a própria existência e manipula dados reais. Na quarta, intrusiva, o narrador coloca-se na posição de autor na margem da intriga.

De acordo com Colonna (2014, p.44), o escritor, na autoficção biográfica, é o herói da história, o pivô em torno do qual a matéria narrativa se organiza, a fabulação, aqui considerada como uma invenção da existência e ocorre a partir de dados reais. Manuel Alberca (2007) acredita que a simulação de identidades, com a criação de um personagem de si mesmo, torna discutível a existência de uma autobiografia autêntica. Segundo Alberca, a autoficção forma-se na oposição entre o fictício e o factual e atua como um espaço entre a invenção e a criação. Juana Manuela, ao narrar episódios históricos e enaltecer personagens históricos em *Lo íntimo*, narra tendo como base fatos reais que são por ela ficcionalizados, fabulados, considerando a concepção de Alberca.

Importante ressaltar o significado de fabulação para os dois pesquisadores, para Colonna relaciona-se à mentira, à invenção, enquanto para Alberca relaciona-se à ficção, ao imaginário. O pensamento de Alberca aproxima-se do de Doubrovsky, diferente da linha reflexiva de Colonna que se aproxima de Gerard Genette.

De acordo com Anna Martins Faedrich (2013), em resenha sobre a obra de Alberca,

os espaços criativos propícios da autoficção são os jogos acerca da individualidade e do nome próprio, da simulação ou da autenticidade dos dados, ou seja, a encenação da tensão entre ambas as estratégias narrativas, autobiográfica e romanesca, no mesmo texto. (FAEDRICH, 2013, p. 576)

Alberca constrói um quadro diferenciando três formas narrativas dentro do pacto ambíguo, são elas: romance autobiográfico, autobiografia ficcional e autoficção. A primeira caracteriza-se por identidade nominal fictícia ou anonimato, aproxima-se do conceito de autobiografia; a segunda, por identificação nominal fictícia, aproxima-se do conceito de romance; a terceira é a autoficção e encontra-se entre as duas formas anteriores,

apresenta a identidade nominal expressa.

Para o pesquisador, o campo autofictício divide-se em: autoficção biográfica (mais próxima ao pacto autobiográfico), autobioficção (ambiguidade plena, vacilação leitora) e autoficção fantástica (mais próxima do pacto romanesco). Assim, a contemplação isolada e ensimesmada, presente no mito de Narciso, também está na autobiografia, considerando a impossibilidade de uma clara distinção entre o real e o idealizado. A autoficção não busca imagem definitiva, e, sim, a reflexão sobre a dúvida sobre si mesmo, a profunda indagação: este (não) sou eu?

As obras de Gorriti elencadas nesta tese são classificadas, portanto, como autoficção biográfica, de acordo com os estudos de Colonna e Alberca, considerando a mescla entre real e ficcional e o hibridismo de gênero e pela presença de: (a) pacto autobiográfico, (b) identidade onomástica entre protagonista e autora e (c) preocupação com o relato da própria vida de modo heróico. Os fatos narrados não podem ser considerados absolutamente verdadeiros, já que no momento da narração e da escrita são fabulados, levando em conta a ação da memória da autora/narradora/protagonista. Nessas obras, a escritora encontra-se no centro do texto e em torno dela a narrativa é organizada e fabulada, a partir de dados reais. Conforme ressalta Zulma Palermo (2000-2001) sobre a obra de Gorriti:

Su escritura -menos revulsiva que su biografía- permite la "invención" de la historia local y de sus héroes. En efecto, muchos de sus textos dan forma a imágenes que "inventan" la memoria local; en ella se identifica la noción de patria como principio de identidad y pertenencia (PALERMO, 2000-2001, p. 478).

Ao apresentar a recente reedição de *Lo íntimo* (2012), Esther Andradi considera-a como uma obra contemporânea, apesar da distância temporal de sua escrita. Tal mérito literário deve-se à relevância, à atemporalidade dos temas tratados e à reflexão sobre o ato da própria escrita, ou seja, marca da metaficção, que no caso ocorre dentro da autoficção. Mary G. Berg (1997), ao afirmar a existência da fusão de autobiografia, história e ficção na obra de Gorriti, não utiliza o termo autoficção, mas o descreve:

La originalidad de Juana Manuela Gorriti, pues, no consiste sólo en la producción de una inmensa cantidad de relatos cuyo interés perdura hoy, sino precisamente en ese cruce entre «lo público» y «lo doméstico» que, frente a la rígida separación vigente en la época, demuestra la permeabilidad constante entre ambos dominios de la experiencia y permite esa fusión entre la autobiografía, la ficción y la historia que está en la base de sus narraciones: en su escritura se conjugan la vida de una mujer del siglo XIX y las historias de tres países, Argentina, Bolivia y Perú, por lo

que su producción literaria constituye una pieza imprescindible, de la que ni la historia argentina, ni la boliviana, ni la peruana pueden prescindir, para conocer las primeras imágenes de las literaturas nacionales. (BERG, 1997, n/p)

Autobiografia, ficção e história misturam-se, formando a autoficção em *Lo íntimo*. A memória transposta ao “diário” reconta a história de vida da autora e dos países nos quais residiu, através de episódios pessoais e históricos selecionados por Juana Manuela e narrados sem uma ordem cronológica, de modo fragmentário, ressaltam o como ela quer ser lembrada e como quer, também, que a sua família, que os seus amigos e que Argentina, Bolívia e Peru sejam lembrados.

## 2.2 A memória e o diário

Manuela Ledesma (1999) ressalta a natureza dual dos textos de autoficção, já que na escrita autoficcional o autor trata a si mesmo como personagem e ocorre uma transmutação no jogo entre realidade e ficção. O relato memorialístico e a criação literária confundem-se na obra como em um jogo de espelhos. O gênero autoficcional é estruturado na tripla e una identidade: narrador, protagonista, autor na busca pelo autoconhecimento em um jogo de presenças e ausências, como em um jogo de espelhos, como bem demarca Aimée Bolaños:

El protagonismo del autor extradiegético que como demiurgo instaura voces y visiones, cede paso a una visión dialógica, cargada de contradicciones. De este modo nos sitúa en el centro de los conflictos y de la conflictiva naturaleza de la escritura que es precisamente ficción y memoria, imposibilidad de conocer y autoesclarecimiento, juego sutil de presencias y ausencias (BOLAÑOS, 2002, p. 24)

Camille Renard (2010) apresenta a escrita autoficcional como um gênero literário novo, baseado em três elementos: o inconsciente, a escrita, a cura analítica (terapêutica), a partir da análise da obra *Fils* de Doubrovsky. Kelly Duarte (2010a), apesar de referir-se à literatura do século XX, aproxima-se muito da escrita autoficcional produzida por Gorriti no século XIX, ao apresentar a autoficção como:

um espaço de restituição e recomposição dos resquícios do vivido, da memória em um período pós-guerra ou pós-trauma, a nova escritura do “eu” que emerge ganha dimensões terapêuticas de uma “escrita reparadora”, dando conta de um sujeito fragmentado e de uma nova percepção de si mesmo” (DUARTE, 2010a, p. 27)

A busca pelo autoconhecimento e o caráter terapêutico característicos da autoficção estão na obra de Gorriti. Para a autora argentina, o ato de escrever é uma maneira de sobreviver, por isto não abandona a escrita literária, mesmo ao final da vida, conforme pode ser comprovado pela última data no “diário”, redigida doze dias antes de sua morte. E como declara a autora: “Así, sin fuerzas, sin ánimo, estoy escribiendo todavía; pero escribiendo largas horas, como el que tiene miedo de la jornada impuesta.” (2012, p. 91)

A escrita é fragmentária, nem sempre datada como em um diário tradicional, a obra inicia sem qualquer data, há menção ao nascimento e à idade da autora, aos seis anos, na página 18. Ao recontar a história familiar, explicita logo depois a data de 1830 (p. 23). No entanto, como mencionado anteriormente, somente na página 33 o “diário” é datado e exposto o local de escrita: Lima, 13 de junho de 1874, saltando um ano na mesma página: Buenos Aires, 1º de janeiro de 1875. Portanto, *Lo íntimo* não segue nenhuma ordem cronológica, como pode ser averiguado ao longo do livro, no qual a autora tece um jogo de ir e vir no tempo, ora escreve sobre o presente, ora sobre o passado, alternando, também, a primeira e a terceira pessoa. O fato de *Lo íntimo*, apesar de datado, não seguir uma ordem cronológica, ocorrer um salto no tempo, um ir e vir na história narrada está em conformidade com o destacado por Faedrich (2014) sobre a desobediência à linha cronológica na escrita autoficcional.

Pode-se observar o fato do relato iniciado por Juana Manuela Gorriti ter como primeira data do “diário” o 13 de junho de 1874, mas a escrita poderia ter iniciado inclusive antes, sem a autora ter feito referência a data e local, e sendo concluído somente em 25 de outubro de 1892, doze dias antes de sua morte. A escrita é realizada no presente, apresentando episódios do passado e repassando as diferentes etapas da vida da autora. A obra teve sua primeira edição no ano de 1898 e, segundo estudiosos, ocorreram cortes na versão inicial por parte do filho e da nora responsáveis pela publicação. A supressão de alguns fragmentos em *Lo íntimo* pode ter ocorrido devido ao preconceito existente na época com relação a uma mulher escritora; o filho, provavelmente, teve como objetivo a “proteção” da imagem da mãe. Devido às supressões, não há certeza sobre o velado e o desvelado a respeito da vida pessoal da autora no livro. Observam-se as ausências sobre os vínculos afetivos amorosos (como Belzú na figura de marido e sobre a relação com Sandoval que sequer é mencionada), pois nada há nas edições da obra acessíveis ao público. Como não houve contato com os manuscritos de *Lo íntimo*, restam dúvidas sobre

se realmente Juana Manuela não quis expor sua vida pessoal amorosa ou se o filho e a nora suprimiram tais trechos.

*Lo íntimo* é escrito com a intenção de ser publicado, algo a ser considerado, posto que existe uma seleção nos eventos narrados. Espaço público e histórico é enlaçado ao espaço pessoal e familiar na escrita da obra. Fibla enfatiza que Gorriti, em *Lo íntimo*, planeja o modo como quer ser recordada, molda a própria vida para apresentá-la ao público. Juana Manuela projeta a autobiografia como se fosse o epitáfio:

aquí yace la escritora y sus escritos.(...) Este es el autobiografema fundamental que orienta la obra, nada resume mejor su deseo de permanencia y las insidiosas señas de autorrestauración pugnan por sobrevivir a la privación de la vida y del lenguaje (FIBLA, 2008, p. 307).

Outra marca significativa de *Lo íntimo* é a do resgate histórico, pois Juana Manuela Gorriti atua como testemunha da história de sua terra natal, Argentina, bem como dos países adotados como morada, Bolívia e Peru. A vida inicia e finaliza na Argentina, o ponto de origem é também o de morte, como analisa Batticuore:

Horcones se convierte a lo largo de la producción de Gorriti en la escena fundante, constitutiva del sujeto y la escritura: es el lugar adonde acudirá la narradora-autora a «reconstruir su vida despedazada», el sitio que abre la ficción autobiográfica (1994, p. 30-31).

De acordo com Lejeune (2004), o gênero diário relaciona-se fundamentalmente com o tempo, tem como princípio organizar o tempo coletivo e comunicar-se com o interior, evita referências à intimidade, porque não o considera traço definitivo.

Álvaro Luque Amo (2016) apresenta as características do diário com base em Enric Bou. A primeira característica é a fragmentação, considerada um dos traços distintivos entre o diário e a autobiografia, já que se a última tende a organizar o discurso para recriar a vida; o primeiro, por sua vez, tende a desorganizar o discurso para compor uma espécie de collage, um mosaico de fragmentos da vida. A segunda característica, que não se aplica a obra *Lo íntimo*, é o caráter cotidiano da escrita diarística, na qual ocorre o registro diário dos acontecimentos datados e com o prazo máximo de vinte e quatro horas. A terceira característica é o fato de o diário ser escrito no tempo presente, o que o distancia da escrita puramente autobiográfica e o aproxima do gênero epistolar. A quarta e a mais importante característica é a experiência pessoal que coloca o “eu” como personagem protagonista do

diário, sendo em algumas ocasiões personagem único, tendo em vista o papel testemunhal dos demais personagens. A última das condições, descritas por Bou, é a entidade literária do diário pessoal, devido à escrita ficcional e à construção narrativa.

Os estudos de Amo (2016) ressaltam que a escrita autobiográfica aproxima-se mais da Literatura que da História (AMO, 2016, p. 287-288) e a escrita diarística admite uma leitura referencial e uma leitura ficcional (AMO, 2016, p. 290). *Lo íntimo* é um diário literário porque pode ser lido como ficção, devido à linguagem, à escrita fragmentária, à singularidade na forma de narrar, à emoção transposta no texto, em contraposição ao diário referencial ou de narrativa cujo caráter é meramente testemunhal. Jordi Gracia afirma que os diários de alguns escritores levantam-se como literatura graças a essa matéria particular que é o eu diluído na narrativa (GRACIA, 2004, p. 230 apud AMO, 2016, p. 292).

A identidade do sujeito, segundo Alberca (2008, p. 100), pode ser observada no jogo dialético entre o público e o privado, entre o desejo e a realidade, entre o que é e o que parece. O eu autoficcional oscila entre a ausência de uma identidade própria e a necessidade de autoinvenção, e o autoconhecimento pode ser considerado impossível (ALBERCA, 2008, p. 96) A fragmentação e a descontinuidade do sujeito não são características exclusivas do eu autoficcional, mas a intensificação destas características, sem dúvida, demarca o gênero (ALBERCA, 2008, p. 96).

El yo autoficticio proyecta la imagen de un sujeto a la deriva, que sin dejar de ser el mismo se encuentra en serios problemas, pues está al páiro de los vientos que lo llevan entre la duda de su propia identidad y el omnipresente lugar común de la auto-invención (ALBERCA, 2008, p. 110).

Juana Manuela atua como protagonista, como testemunha da história na autoficção, molda a sua imagem para que o leitor a conheça da forma desejada por ela. Narra as travessuras da infância, relata o amor à pátria, aos países nos quais residiu, à família e aos amigos, nada diz sobre os amores, preserva-se, mostra-se, esconde-se, reveste-se de máscaras: a filha do héroi, a mãe sofredora, a idosa doente, a mulher escritora, sendo a última a mais importante de todas.

Segundo Hans Rudolf Picard (1981), o diário caracteriza-se por um tom confessional centrado no eu, mas apresenta uma imagem filtrada de si mesmo, através de um temperamento particular, o projeto de uma ideia, mais inconsciente que consciente que o eu tem de si mesmo. A origem do eu é a motivação da escrita diarística, no entanto o eu esconde-se em alguns momentos da narrativa com imagens e ações do imaginário. O eu produz um texto, a partir de uma visão de si mesmo e de uma realidade simbólica e

estética: “En última instancia, también la descripción del yo que se encuentra en el diario, incluso la que más se parezca al documento, esconde un yo en cierto sentido ficcional.” (PICARD, 1981, p. 117). Fato que explica a razão pela qual o autêntico diário ter adquirido o *status* de público e literário. O diário parte de um eu, da mesma forma que a literatura foi a condição ontológica latente para considerar a escrita diarística como tal (literatura): “Assim, o diarista torna-se personagem literário” (PICARD, 1981, p. 120).

En el momento en que el diario pasa del status a-literario al status literario -es decir, cuando abandona su condición de algo destinado al uso privado, de algo que renuncia a la comunicación, de algo íntimo en el sentido propio de la palabra, para convertirse en Literatura, algo, por tanto, perteneciente al ámbito público- sus funciones cambian; sin embargo, la circunstancia de que, al igual que ocurre en el auténtico diario, también en el diario literario el que escribe sea una persona real, esta circunstancia no cambia (PICARD, 1981, p. 119).

Em *Lo íntimo* a autora/narradora/protagonista reconta sua história de vida pessoal e a história dos países nos quais viveu ao longo da vida: Argentina, Bolívia e Peru. Assim, as obras não apresentam tão somente um caráter individual, mas também um caráter coletivo, ao reconstruir momentos históricos significativos. De acordo com Molloy (1996, p.197), o exercício da memória não é apenas privilégio de um único sujeito, abarca um dever cívico. Ao recordar o passado individual, ocorre a reconstrução do retrato de uma nação, de um passado histórico comum.

Para Ricoeur (2007, p. 359-360), a memória tem por objeto, não preferencial, mas, exclusivamente, o passado. A continuidade temporal da pessoa é assegurada pela memória, já que esta é o presente do passado e a identidade pessoal é, portanto, uma identidade temporal. A concepção de que memória é passado está em Aristóteles, é repetida por Santo Agostinho e é reiterada por Ricoeur (2007, p.107).

De acordo com Bergson (1999, p. 89), a memória não representa nosso passado, ela o encena, já não conserva momentos antigos, mas, sim, prolonga o seu efeito útil até o presente. Gorriti (2012, p. 94-96), ao recontar a história do Castelo de Miraflores<sup>16</sup> encena o passado e consagra a posição do pai como autoridade que não somente respeita, mas também faz respeitar o patrimônio histórico. Os criados imaginavam que o castelo, uma construção jesuítica tomada pelos espanhóis, era assombrado e desejavam romper

---

<sup>16</sup> O castelo foi residência da família Gorriti. Mizraje (1999, p. 103, 104) destaca que o local era como um tesouro público, uma fortaleza jesuíta. De acordo com Miseres (1999) o Castelo de Miraflores na obra de Juana Manuela Gorriti cruza a sua história de infância com outras histórias: a da presença jesuíta e a do *derrotero* do ouro (p. 103).

paredes e piso em busca de ouro escondido. Sobre esta situação, diz Juana Manuela: “Mi padre puso fin a todas esas investigaciones prohibiéndolas severamente. Amaba el castillo, no solo por sus tradiciones, sino por la pintoresca situación que ocupaba encima de la roca.” (2012, p. 96) O pai comprou do Estado o local com o desejo de viver na tranquilidade do castelo, após a guerra da Independência, no entanto não foi possível realizar tal sonho. Outro momento de retratação do passado em *Lo íntimo* realiza-se quando a narradora revela a emoção ao receber o exemplar da *Bohemia limeña*, de Ricardo Palma:

Qué inmenso pasado se me está apareciendo en esas páginas tan bellas, más, mucho más para mí, que recorro en ellas nuestra vida de otro tiempo; tiempo de entusiasmo y de fe, de afanoso vivir, pero de dulcísimo esperar. Ahí están mis antiguos amigos, todos desaparecidos, porque los unos han muerto y los otros han cambiado: ahí el recuerdo de las sabrosísimas charlas, cimientos de tantos versos y novelas... (2012, p.79)

Bergson (1999, p. 89-91) acredita que há dois tipos de memórias: uma que imagina (pode ser considerada a memória por excelência), outra que repete, sendo que a segunda pode substituir a primeira. Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso abstrair a ação presente e querer sonhar. O passado que buscamos remontar sempre é escorregadio, a ponto de nos escapar, a considerar, segundo Bergson:

A memória é a síntese do passado e do presente com vistas ao futuro, na medida em que condensa os momentos dessa matéria para servir-se dela e para manifestar-se através de ações que são a razão de ser de sua união com o corpo. Tínhamos, portanto, razão ao afirmar, no início deste livro, que a distinção do corpo e do espírito não deve ser estabelecida em função do espaço, mas do tempo. (BERGSON, 1999, p. 259)

A força interior que permite ao ser vivo libertar-se do ritmo do transcorrer das coisas, reter cada vez melhor o passado para influenciar mais profundamente o futuro, ou seja, enfim, sua memória. (BERGSON, 1999, p.261)

Gaston Bachelard (1996, p. 114) complementa: “Quanto mais mergulhamos no passado, mais aparece como indissolúvel o misto psicológico memória-imaginação”. A fabulação faz parte do relato de memória, não há outra forma de recontar a própria vida, senão através da ficção, da imaginação, porque o fio da memória é tecido junto com o fio do imaginário. Bergson afirma que o passado conserva-se inteiro e segue-nos a todo o momento: “o que sentimos, pensamos quisemos desde a nossa primeira infância está aí debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que

gostaria de deixá-lo do lado de fora” (BERGSON, 2006, p. 47-48).

O passado só retorna à consciência para ajudar na compreensão do momento presente e na previsão do futuro. No sonho, encontra-se o espaço para reviver lembranças, de acordo com o pensador. E a literatura autoficcional, por sua vez, não exerceria a mesma função, não seria este o gênero capaz de trazer à consciência as lembranças mais profundas do ser?

Sobre a escrita de *Lo íntimo*, Mizraje afirma que

rasgar las páginas de lo íntimo es rasgar las vestiduras de la palabra (quedar al desnudo) y del propio afán de la memoria mientras quien escribe oscila; rasgar, al fin, las posibilidades de la muerte. La pluma de Juana Manuela corta mientras traza su letra empecinada. Recorta los datos imposibles de mostrar, selecciona los fragmentos narrables. Entrecorta la respiración en su ritmo escriturario, cuanto más se acerca al final, cuanto más la enfermedad la acecha, es la escansión jadeante de la bronconeumonía y del dolor la que impone los períodos narrativos. Corta *Lo íntimo*, lo suspende en puntos que demarcan con precisión el umbral de su muerte inmediata (MIZRAJE, 1995, n.p.).

No prólogo de *Lo íntimo*, Juana Manuela Gorriti lamenta a vida longa em lugar dos tantos jovens que partiram precocemente, alusão ao falecimento das filhas na juventude: “Huésped retardado en la jornada de la vida, averguenzáme de ocupar todavía, en perjuicio de otro, un puesto en el hogar...” (2012, p.15), confessando que foge de si mesma e faz referência a seus outros livros:

Huyendo del intolerable YO, eliminé de mis libros y hasta de *El mundo de los recuerdos* muchos sucesos inseparablemente ligados al enfadoso pronombre, resuelta a pasarlos en silencio, por más que anhelara confiar a un oído amigo, gratas o dolorosas memorias. (2012, p. 15)

A autora encerra o prólogo apresentando *Lo íntimo* como observações suas marcadas em uma vida longa, diversificada e próxima a concluir-se, conforme ela anuncia: “Lo íntimo son observaciones y apreciaciones de la autora a través del tiempo, con el criterio de una larga y variada existencia, hoy próxima concluirse. La autora, Julio de 1892” (2012, p. 15). Dessa forma, o prenúncio da morte é anunciado por Gorriti e, talvez, seja um estímulo à escrita da obra e cabe lembrar que a perpetuação do ser pela arte está na autoficção de Gorriti.

As lembranças da infância são consideradas muito significativas nos estudos sobre a memória de Maurice Halbwachs (1990) para reconstrução da memória pessoal e viria conjuntamente com a memória histórica no resgate de eventos da história nacional:

quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estreito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais (HALBWACHS 1990, p. 40)

*Lo íntimo* inicia no lugar da infância, a primeira palavra do livro é: *¡Orcones!* A narradora relembra e lamenta os ocorridos da guerra, a destruição de um lugar um dia esplendoroso. A memória pessoal e a memória histórica atuam na recuperação da vivência da guerra. A autora busca autorreconstruir-se através da reconstrução das lembranças, no exercício da memória, no relato de si:

¡Ah! cuantas veces huyendo del desolado presente, he tenido necesidad de refugiarme como mi único asilo en las sombras del pasado y evocar las nobles acciones de los muertos, para olvidar la infamia de los vivos; asirme a la memoria de las virtudes de aquellos, para perdonar a la providencia los crímenes de éstos; colocar en la balanza la deslealtad, la perfidia, la cobardía y la impiedad con que los unos han escandalizado y entristecido mi juventud, y la lealtad, la fe, el heroísmo y la piedad con que los otros ungieron mi infancia para decir: ¡Dios es justo! (2012, p. 17)

A autora foge do presente e busca refúgio no passado. O olhar para o passado ajuda a compreender melhor os fatos históricos, a evocar o heroísmo dos mortos e a esquecer a infâmia dos vivos. Para Gorriti a memória das virtudes dos mortos ajuda a perdoar os crimes cometidos pelos vivos.

Jean Duvignaud declara que “somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica” (DUVIGNAUD, 1990, p. 6). A memória histórica busca a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, já a memória coletiva reconstrói magicamente o passado. Entre essas duas direções da consciência coletiva e individual, desenvolvem-se as diferentes formas de memória: “A memória coletiva situa-se na intersecção de várias séries aproximadas pelo acaso ou afrontamento dos grupos: a memória não pode ser o alicerce da consciência, uma vez que ela é tão-somente uma de suas direções, uma perspectiva possível que racionaliza o espírito.” (DUVIGNAUD, 1990, p. 7)

De acordo com Halbwachs (1990, p. 36), as memórias individuais estão inseridas na memória coletiva, mas as duas não se confundem. No caso de algumas lembranças individuais penetrarem a memória coletiva, essas mudam de figura ao serem recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal, pois: “um homem, para evocar seu

próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 36). Halbwachs considera a memória histórica como uma memória emprestada, tendo em vista que não é uma memória pessoal, trata-se, sim, de uma bagagem de lembranças históricas carregadas pelo sujeito, podendo ser ampliada pela conversação ou pela leitura.

A diferença entre memória autobiográfica e memória histórica, segundo Halbwachs (1990, p. 37), consiste em que a primeira se apoiaria na segunda, porque toda história pessoal faz parte da história em geral, sendo a segunda bem mais ampla do que a primeira. A memória histórica não é capaz da representação do passado senão sob uma forma resumida e esquemática, a memória pessoal, autobiográfica, por sua vez, pode apresentar um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Arfuch (2010, p. 69-70) destaca os tipos de valor biográficos nos estudos de Bakhtin (1982, p. 140): heróico, transcendente, alimentado por desejos de glória e posteridade; cotidiano, baseado no amor, na compreensão e na imediaticidade; aceitação positiva do fabulismo da vida. Arfuch (2010, p. 107) aproxima o pensamento de Charles Taylor, que considera a estreita relação entre o “eu” e o “nós” do de Bakhtin, que concebe o “quem sou” como indissociável do “onde estou”. Sendo assim, tanto o lugar de origem, como o lugar de morada define o sujeito, o espaço contribui para a formação do caráter individual e coletivo do sujeito. Pode-se considerar, portanto, a representatividade de Juana Manuela Gorriti como primordial, não só para a história da literatura argentina, como também para a boliviana e a peruana, já que residiu nestes locais por muitos anos, escreveu, influenciou e refletiu sobre estas nações.

Na escrita autobiográfica, o sujeito autobiógrafo busca o retratar a si mesmo, bem como a época em que vive:

cuando alguien decide escribir su autobiografía es probable que se proponga dar al lector algunas claves para la comprensión de si mismo y de la época en que le tocó vivir, otro, tal vez busque eludir el anonimato, dejando una imagen suya que lo muestre como partícipe activo de la dura tarea de vivir. En cualquiera de los dos casos se escribe para el mundo, pero se están narrando a si mismos (BELLONO, 1999, p. 285).

Também sobre o caráter de coletividade, Arfuch (2010) menciona o pensamento de Bakhtin que concebe na escrita autobiográfica a relevância da representação da família, da nação e da humanidade cultural e cita: “Nenhum autorretrato poderá se desprender da

moldura de uma época” (ARFUCH, 2010, p. 141).

A autoficção em *Lo íntimo* é alimentada pelo individual e pelo coletivo, abarca o fantástico e o histórico em um único discurso:

Recuerdo, memoria, sueño, tradición, parecen alimentarse de lo colectivo y de lo particular en un relato— extraído del diario autobiográfico— en que se conjugan elementos fantásticos e históricos a expensas de un yo puesto en discurso, mas al arbitrio de la persona biográfica del registro de la tradición (ARROYO 1999, p. 21-22).

Em *Lo íntimo*, pode-se perceber a manifestação da memória pessoal e da histórica. A narração memorialística exerce a função de recuperar o passado histórico, político e cultural. Ao recordar o passado, Juana Manuela Gorriti, além de recontar sua história pessoal e a história das pátrias nas quais viveu, principalmente a de sua terra natal, busca também a compreensão do momento presente, através da história pregressa e a perpetuação dela como intelectual e escritora, como também a de seu pai como figura nacional argentina. A perpetuação do sujeito, por meio da literatura, pode ser considerada um dos objetivos da escrita autoficcional.

Em *Lo íntimo*, a autora escreve sobre a importância da literatura em sua vida: “torrentes de vida se agitan en torno mío y agitarse la mía con el poderoso galvanismo de la literatura” (2012, p. 37). A protagonista apresenta o livro como registro de sua história pessoal, é porta-voz de sua família, exerce a função de narradora da história da Argentina, da qual é testemunha, conforme anuncia no início da narrativa:

La que esto escribe nació en la frontera de Tucumán y en el recinto de un campamento. Pasé los primeros años de mi infancia en la soledad de los campos, donde mi padre, coronel en el ejército patriota, había juzgado necesario relegar su familia, pues, las ciudades eran entonces, el teatro de la guerra. Crecí entre los rebaños, sin otra sociedad que los pastores y los soldados de mi padre (2012, p. 18).

Juana Manuela preocupa-se em narrar os fatos históricos, como o faz ao contar sobre o assassinato de Manuel Prado (p. 52), momento em que revela profundo desprezo pelos partidos políticos, porque formam um hediondo aglomerado de ambições individuais, nos quais imperam a cobiça, o egoísmo e a mesquinha. Ao escrever sobre o processo de eleições, (p. 52), em fevereiro de 1886, caracteriza os partidos como mesquinhos e falsos. Nessa mesma data, há outra menção da autora sobre o Peru: “Estamos en plenos combates eleccionarios y, aunque el revólver y el puñal están a la orden del día, no llegará

la sangre al río. [...] En la vida como en el combate, la retirada es fatal; débese ir siempre adelante, aunque sea al abismo” (2012, p. 75-76).

Ao referir-se ao Peru, em 24 de dezembro de 1881, Gorriti escreve: “Aléjome de este desventurado país, para el que yo no veo remedio alguno en toda extensión de sus horizontes político e social; porque está minado hasta lo más hondo de sus entrañas por la lepra de una incurable corrupción” (2012, p. 57). Logo após, afirma que “admiro como nadie la grandeza de esa nación, hoy la primera en todo, pero de un egoísmo nacional superlativo” (2012, p. 58). Já sobre a Bolívia, a autora menciona, em novembro de 1882, em Buenos Aires: “Era el año 26, Bolivia acababa de fundarse, era Presidente el general Sucre y el libertador mismo se encontraba en la ciudad” (2012, p. 61).

Na escrita autobiográfica hispano-americana, o papel da memória exige análise da posição do autobiógrafo ao construir seu relato de vida. O presente da escrita condiciona o resgate do passado, assim o “quando” e o “onde” é mais recordado do que o fato recordado em si (MOLLOY, 1996, p. 186). A conexão entre a memória própria e a memória dos outros contribui, segundo Molloy (1996, p. 214), para o tom nostálgico de algumas obras hispano-americanas. O autor coloca-se como testemunha privilegiada, tendo em vista que está em contato com um passado já perdido para o leitor e a obra autoficcional pode devolver este passado com a aura da experiência vivida.

A revelação do pessoal e do coletivo que, pode ser considerada uma herança autobiográfica, apresenta-se nos fragmentos supracitados. Nas referências aos países, a autora tanto o faz de modo crítico, como também afetivo. Cabe ressaltar que a autora posiciona-se politicamente e exerce sua função social de modo digno. Gorriti mostra-se uma intelectual comprometida com a sociedade, pois estimula discussões políticas relevantes nas veladas literárias, realizadas em sua residência no Peru. A atuação como enfermeira em 1865, no Combate de 2 de Maio e em 1869, durante a epidemia da Febre Amarela, também demonstra seu envolvimento e responsabilidade social.

O contexto sócio-histórico é significativo na narrativa autobiográfica que pode, inclusive, transformar-se em uma épica coletiva, característica no âmbito argentino e hispano-americano do século XIX e começo do século XX, conforme o fragmento a seguir:

a escrita autobiográfica, cuja autoria remete em muitos casos a figuras públicas, políticas ou intelectuais protagonistas, apresenta uma trama frequentemente indiscernível entre o individual e o coletivo, e a identidade pessoal e desenha quase obrigatoriamente no horizonte da construção da identidade nacional, seus conflitos, mudanças de valores e transformações, denunciando fortemente as marcas dessa agitação (ARFUCH, 2010, p. 141-142).

Gorriti expõe a dificuldade financeira e o seu conformismo com a situação, em Lima, num trecho datado de 11 de março de 1876: “La vida en lo material se ha reducido para mí a su menor expresión. Tengo dos tunicas negras y un manto. Con este guardarropa me basta para la calle y la casa. (...) parezco una Sibila” (2012, p. 37-38). Apesar do modesto traje, sente-se Sibila, com poderes proféticos.

Na sequência escreve sobre a fome: “me paso los dias sin llevar un bocado a los labios, enteramente absorta en mis pensamientos, y solo pienso en ello cuando los clamores de mi estómago me fuerzan a descender a la tierra” (2012, p. 38). Além disso, a tristeza diante da vida difícil da autora é relatada sobre a doação da jóia recebida na homenagem quando esteve em Salta, situação esta que deve atingir igualmente outras famílias de exilados, já que menciona a pensão recebida pelo governo, em 3 de agosto, nas últimas páginas do livro:

Nunca como ahora he lamentado la pobreza en que la enorme reducción económica hecha a la pensión que el Congreso me declaró, me ha dejado, quién sabe por cuánto tiempo, y que me impide ofrecer lo que yo deseara a la nueva construcción de la “Rosales”.

Pero, al menos, envíele por conducto de “El Diario” la única joya que poseo: la pluma de oro, para mí de valor par mi de valor inmenso con que la bondad de las damas argentinas me obsequió con una medalla de honor a mi regreso a la pátria. (GORRITI, 2012, p. 129-130)

A primeira mudança de status social ocorre na condição de imigrante, quando a família parte para a Bolívia, como é retratado, a partir da venda de todos os utensílios da casa: “Más tarde, cuando saqueados y proscriptos huimos de la patria, la vajilla vendida, pieza a pieza, sirvió para sustentar nuestra vida en el destierro” (2012, p. 123). A triste realidade vivida pela família da autora também foi a de outros desterrados, lideranças políticas fracassadas na Argentina no mesmo período e que foram obrigadas a emigrar.

Sobre a crise econômica na Argentina, a autora escreve na data de 24 de maio: “Aquí nos encontramos en espantoso desastre financiero, que ha cambiado de un modo siniestro la faz floreciente que ayer ostentaba este país. Quiebra general” (2012, p. 107). As manifestações críticas de Gorriti sobre política e economia fazem parte da memória histórica e não revelam apenas a história pessoal e familiar, tratam-se, sim, de registros de momentos históricos tanto na Bolívia e no Peru como na Argentina.

Molloy aponta o pequeno espaço atribuído à infância nas narrativas autobiográficas hispano-americanas do século XIX. Gorriti inicia *Lo íntimo* evocando a infância e esse momento da vida, apesar de não registrar em muitas páginas, mostra-se relevante para a

sua formação como sujeito. O distanciamento do lugar de origem leva o autobiógrafo, de acordo com Molloy, à criação de um lugar comum estável para o exercício da rememoração, o lar da infância, a casa familiar, que é considerado como o refúgio da memória (MOLLOY, 1996, p. 225). Arfuch destaca a impossibilidade de recuperar a infância, de acordo com Benveniste: “Nunca recuperaremos nossa infância, nem o ontem tão próximo, nem o instante que fugiu instantaneamente” (2010, p. 113). A obra inicia com o lugar da infância, que é, principalmente, uma metáfora da escrita e constitui para Gorriti a cifra de todos os relatos possíveis, é o anedotário da pátria e da memória pessoal, pois ali convergem todas as ficções, segundo Batticuore (1994, p. 31). Na obra *La tierra natal*, nem mesmo as dificuldades do percurso na viagem de trem, de carruagem, a cavalo apagam a alegria e o prazer ao aproximar-se do local de morada da infância, porque “el camino es la cuna donde se gestan los relatos” (BATTICUORE, 1994, p. 31).

Gaston Bachelard (1996, p. 109) considera a infância o poço do ser, a época da vida na qual se pode mergulhar em solidão e em silêncio e aprofundar a busca sobre si mesmo. Memória e imaginação são, para ele, como processos da ordem do Animus e da Anima. O animus revela nossa história, através da memória. E a anima revela os valores de nossa intimidade, através da imaginação. Segundo Bachelard, a infância dura a vida inteira: “A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária” (BACHELARD, 1996, p. 94).

A obra *Lo íntimo* inicia como um retrato da infância da autora/narradora/protagonista, mas não constam datas, nem mesmo a do nascimento de Juana Manuela. O nome do local da primeira morada é o primeiro vocábulo e segue qualificando-o como lar paterno, lamenta o estado em ruínas desse local outrora esplendoroso. E começa a autora/ narradora/ protagonista a tecer o fio da memória ao rever os muros desmoronados, as galerias fundidas, as raízes da figueira, o troco da laranjeira, o silêncio e a solidão em um local antes de barulhentas festas.

E segue rememorando: “Tus avenidas están desiertas y la yerba del olvido crece sobre tus umbrales abandonados” (2012, p. 17). É a voz da imigrante, da que perdeu familiares na guerra a relatar o seu destino doloroso. Ao tratar do evento da guerra, pode-se perceber a presença da memória histórica: “Un día la fatalidad penetró en tu alegre recinto, arrebató a tus huéspedes desprevenidos, los esparció a los cuatro vientos del Cielo. ¿Qué fue de ellos?” (2012, p. 17)

Segundo Gaston Bachelard, o lar remete à infância e a rememoração desta etapa da vida é fabulada, pois o sentimento e o afeto não nos permitem atuar como historiadores:

Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (...) É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis. (BACHELARD, 1996, p. 201)

Juana Manuela é consciente de que na rememoração do passado poderá reconstruir a sua história de vida no presente. A autora sabe que sua identidade perdida está, justamente, ali em meio aos escombros daquele lugar:

!Ah! Yo también, sombra viviente entre varias sombras, yo también voy ahí con el recuerdo a reconstruir mi vida despedazada por tantos dolores y extraer del delicioso oasis de la infancia, algunos rayos de luz, algunas flores, para alumbrar y perfumar mi camino. (2012, p. 17-18)

Ao rememorar a infância, a autora encontra consolo e esperança. A obra, construída por meio de recordações fragmentadas, revela uma realidade em desordem. No entanto, a função evocadora da memória pessoal e familiar; pública e privada; histórica, política e cultural misturam-se em um jogo temporal permanente. Na narrativa autoficcional, coincidem marcas de um passado glorioso de lutas, a fim de projetar um futuro promissor.

A relação de abandono e de registro da vida e da literatura na obra *Lo íntimo* é ressaltada por Iglesia (1994), para quem, ao falar de si mesma, Juana Manuela desejaria constituir uma unidade e superar a ruptura: “El diario no sólo la protege de la angustia frente a la muerte sino que la protege, sobre todo, de esa alegría un poco incómoda de seguir creando vida en la vejez” (IGLESIA, 1994, p. 15).

O exercício da escrita autoficcional atua como reconstrução do sujeito, como o faz Gorriti em *Lo íntimo* partindo da infância no ambiente rural até chegar ao tempo presente urbano da velhice: “El diario da cuenta así del difícil proceso de urbanización de la escritora desde los campos salteños de la infancia a los pequeños poblados bolivianos de la adolescencia, a la casaescuela o casa-salón de Lima en la madurez, a la habitación de un hotel en Buenos Aires, en la vejez” (IGLESIA, 1994, p. 19). Batticuore também trata do jogo temporal em *Lo íntimo*: “La imagen de la ruina cifra el romanticismo de su época, es en el caso de Gorriti la figura que le permite superponer los dos tiempos, el remoto y el actual”. (BATTICUORE, 1994, p. 30)

A recuperação ativa da memória histórica gera uma prática crítica e constante da

escrita feminina. O século XIX hispano-americano é recontado sob o ponto de vista de uma mulher, filha de general, esposa, mãe, argentina, emigrante na Bolívia e no Peru, escritora e professora. O distanciamento de sua pátria e a experiência de vida como emigrante obrigam-na à reconstrução de sua identidade nacional. Deste modo, a narração atua como forma de recuperar seu passado histórico, político e cultural. A literatura escrita no exílio carrega a nostalgia de narrar um passado irrecuperável e o resgate a pátria só pode ser feito através da escrita, segundo Molloy (1996, p. 118).

A obra de Gorriti contempla o caráter nacionalista: “é interessante notar que o século XIX é por excelência o tempo edificante dos mitos nacionais, de uma propaganda étnica nacionalista que serve interesses políticos concretos de manipulação da História” (TEIXEIRA, 2014, p. 68). O século XIX pode ser considerado como momento histórico de criação da nacionalidade, momento reconstruído, idealizado e restaurado.

O nacionalismo literário é uma atitude geral em todos os espaços tocados pelo Romantismo, determinado, sobretudo, pela resistência ao peso do Classicismo greco-latino, mas também por uma oposição contra os centros polarizadores de cultura ocidental. O teórico refere-se a Portugal, mas pode ser aplicada e estendida a outros povos (TEIXEIRA, 2014, p. 67).

O resgate político é significativo na escrita memorialística, na qual os fatos históricos são recontados para marcar a história política, a história pessoal torna-se secundária em relatos de grandes líderes, como, por exemplo, na autobiografia de Sarmiento, mencionada por Molloy (1996, p.114), em que a história individual e pessoal confunde-se com a história de uma nação, de um país em formação. Sobre a História e a narração em *Lo íntimo*:

Tanto sus relatos declaradamente ficcionales como *Lo íntimo*, se orientan hacia una línea que demuestra que donde hay pasado hay Historia con mayúscula y donde hay Historia hay narración, y desde allí van a conjurar el olvido y van a inscribirse en parámetros del romanticismo y de la épica. La Historia-vivida, escuchada, leída-de la patria, que va ampliándose hasta ser América del Sur, le proporcionará tres fuentes temáticas: Colonia, Independencia, Guerra Civil (MIZRAJE, 1994, p. 48).

Além de recontar a história política e pessoal, Juana Manuela na autoficção *Lo íntimo* faz uma reflexão crítica sobre o papel do historiador na sociedade. O comentário é feito sem nenhuma referência anterior, mas parece tratar-se de um acerto de contas da autora com a história contada por historiadores na Argentina sobre a guerra entre unitários e federalistas e sobre aqueles a quem ela considera heróis de guerra como o pai:

¡Cuán malo es levantar la voz para acusar a nadie!

El historiador encuéntrase a veces forzado a cumplir su doloroso deber: traza el camino de la humanidad en el porvenir.

Ese camino es la historia, y se debe a la verdad, por severa que sea, para que la humanidad no se extravíe. Pero el historiador es un juez y cuando tiene que fallar en conjeturas, debe optar por las que absuelven, no por las que condenan.

Y descendiendo a las regiones de la vida social, ¡cuán terrible, cuán odiosa es una persona malediciente!, ¡y cuán amable, cuán amado y solicitado aquel que, cuando no se puede hacer un elogio, calla con indulgente silencio” (2012, p.111-112).

A auto-retratação, segundo Molloy (1996, p.199), é o produto final dos textos autobiográficos, mas é também o que impulsiona o desenvolvimento da narrativa. A escrita autoficcional é o gesto de recrear o passado para satisfazer as exigências do presente, as exigências da própria imagem e as exigências do grupo a qual representa.

A religiosidade é um elemento repetido e, portanto, significativo nos relatos de memória de Juana Manuela. A devoção está presente na obra: “Obra de Dios, somos a nuestra vez obreros, por Él, destinados al perfeccionamiento de este mundo que nos ha dado por morada” (2012, p. 121). Assim, Gorriti declara sua crença em que somos obras de Deus, operários destinados por ele ao aperfeiçoamento; considera o amor o mestre das perfeições e reafirma a importância do amor ao próximo.

Ciente da proximidade da morte, que pode ser entendida como herança autobiográfica, ao final de *Lo íntimo*, Juana Manuela, avalia sua conduta na vida e imagina-se diante de Deus: “Yo he procurado hacerme buena, sobre todo en mis últimos años, y aunque *algunas veces se me destiñe*, Dios en su misericordia hará la vista gorda a estos pecadillos y me dirá: pasa, mujer, pasa” (2012, p. 131). Ao descrever a dor da morte de um filho, solidária à perda de Matilde Obergose de Sandoval, expõe a tristeza em estar distante no momento de dor e não poder consolar a amiga pelo falecimento da filha María Luisa Sandoval e logo reflete que é em Deus que se encontra sempre o maior amparo: “Ojalá pudiera yo estar cerca de ella para tomar mi parte en su dolor y aligerarlo. Pero, nuestro verdadero consolador es Dios. A él, he vuelto siempre los ojos en mi desamparo y siempre lo hallé sonriéndome con misericordia” (2012, p. 66-67).

No século XIX, segundo Teixeira, ocorre a valorização do Cristianismo como forma de resistência ao excesso mitológico greco-latino dos autores neoclássicos da arcádias, mesmo que a afirmativa refira-se a Portugal pode ser aqui ampliada para a América Latina.

Sobre religiões e doutrinas, em *Lo íntimo*, Juana Manuela, ao mencionar os emigrados peruanos da família Paz Roldán, lamenta o estado do filho do casal que se encontra em um manicômio por professar o espiritismo (GORRITI, 2004): “¡Maldito espiritismo! Aquí está en boga este disparate y hombres de alto mérito, como el autor de

*Martín Fierro* y otros encaprichados en él y son sua apóstoles y propagandistas. Dios les preserve el juicio” (2012, 74).<sup>17</sup>

Segundo Luiz Antonio de Assis Brasil (2008): “Para avaliar quem somos, só podemos contar com nosso passado” (ASSIS BRASIL, 2008, p. 41), pois “alguém que se disponha a contar a vida de outro terá de partir da morte. Ali está o início” (ASSIS BRASIL, 2008, p. 46). Na obra *Lo íntimo*, Juana Manuela mostra-se consciente da proximidade da própria morte e talvez este seja este seu maior estímulo para a escrita do livro, através do qual poderá reconstruir o passado e, assim, buscar a perenidade.

A literatura é a razão da existência de Gorriti: “Lo único que a mí me queda es esta pluma y los tres dedos que la sostienen en la obra de hacer libros” (GORRITI, 2012, p. 121). Juana Manuela escreve na velhice e, conforme Assis Brasil, “um velho não fala de seu passado real; seu passado é, sempre, uma história de como deveria ter sido – e, portanto, o seu futuro; em outras palavras: o seu presente” (ASSIS BRASIL, 2008, p. 51). Na obra de Juana Manuela, o prenúncio da morte e a religiosidade estão muito presentes, porque “a incerteza de amanhã estarmos vivos torna-nos seres religiosos” (ASSIS BRASIL, 2008, p. 61).

A escrita autoficcional faz sentido na velhice, momento em que ocorre a reflexão sobre o caminho traçado, sobre as escolhas feitas. Juana Manuela reflete sobre a escrita para a mulher idosa: “En el desierto de la vejez hay para la mujer un oasis: la libertad de expresar su entusiasmo, su libertad, su admiración, su afecto, autorizada por el dulce patronato maternal de esa era ingrata de la vida” (2012, p. 89).

Gorriti escreve sobre a velhice, momento de lágrimas geladas e amargas e, para a autora, nesta etapa da vida não se deve chorar. Juana Manuela escreve da Bolívia em visita às filhas e relata a urgência em regressar a Buenos Aires, devido ao término de seu período de licença, tendo em vista que deve voltar para receber a pensão de seu pai. A autora registra que a velhice é a idade do repouso e sente-se peregrinando por uma esmola, considerando o quanto o pai perdeu financeiramente pela causa da liberdade:

He aquí yo, que en la vejez, edad de reposo, para escapar al rudo trabajo de la enseñanza, voy peregrinando en busca de un pedazo de pan que mi país me echa como una limosna cacareado y dado en cara en pago de la inmensa fortuna que mi padre prodigó para darle independencia (2012, p. 46).

---

<sup>17</sup> De acordo com informação em nota de rodapé na obra *Cincuenta y tres cartas inéditas de Juana Manuela Gorriti a Ricardo Palma / Fifty Three Unedited Letters of Juana Manuela Gorriti and Ricardo Palma: fragmentos de Lo íntimo* Buenos Aires-Lima 1882-1891, Universidad de San Martín de Porres, Escuela Profesional de Ciencias de la Comunicación, 2004.

Ainda sobre a velhice: “La vida es un vasto campo de dolores; desde la infancia hasta la vejez encontrámoslo bajo cada uno de nuestros pasos, por todas partes, hasta en los sitios de nuestros mayores goces” (2012, p. 55). E sobre a velhice para a mulher: “En el desierto de la vejez hay para la mujer un oasis: la libertad de expresar su entusiasmo, su admiración y su afecto, autorizada por el dulce patronato maternal de esa era ingrata de la vida” (2012, p 89).

A imaginação e a memória têm como traço comum a presença do ausente e, como traço diferencial, de um lado a suspensão de toda posição de realidade e, do outro, a visão de um irreal, a posição de um real anterior (RICOEUR, 2007, p. 61). Para Ricoeur, a lembrança atual é compreendida como um ato individual (RICOEUR, 2007, p. 107). E a consciência (identidade pessoal) e a memória são a mesma coisa (RICOEUR, 2007, p. 116). A escrita autoficcional forma-se a partir do jogo entre imaginação e memória, o mosaico de lembranças selecionadas é narrado com uma dose de fabulação, pois a memória não recupera os episódios tais quais eles são, mas sim como eles são recordados. E se recordar tem a origem etimológica no latim, “re” significa de novo e “cor”, coração, recordar quer dizer: “trazer de novo ao coração”. As recordações não podem ser desvinculadas do afetivo.

Segundo Ricoeur (2007, p. 172), a atividade de testemunhar algo revela a mesma amplitude e o mesmo alcance que a de contar. Gorriti é uma testemunha da história de cidades: Salta, La Paz e Lima. Ricoeur (2007, p. 172) destaca os estudos de Benveniste sobre a narrativa e o discurso no testemunho, nos quais a relação realidade e ficção serão colocadas. A factualidade atestada não pode ser, portanto, de todo confiável. O testemunho tem um caráter autorreferencial indiscutível, já que o sujeito autodenomina-se testemunha.

Ao analisar uma autoficção, Alberca declara a forma como o autoficcionista aborda a morte: “Este gesto de enfrentarse de manera anticipada a la muerte tiene mucho de presunción megalómana, en la medida que el autor aspira a diseñar o planificar el futuro o lo que es lo mismo a prever su propia posteridad” (ALBERCA, 2008, p. 98). Esta concepção de Alberca trata-se de uma herança autobiográfica, o que demarca a proximidade de seu pensamento com o de Doubrovsky.

Portanto, a tranquilidade da escritora, ao tratar do prenúncio de sua morte, ao final de *Lo íntimo*, remete à autoficção, nos termos de Alberca. A escrita dos relatos autoficcionais ocorre como forma de perpetuar não só a história pessoal, familiar, intelectual, mas também de retratar sua terra, seu tempo, sua condição como mulher no

século XIX no mundo hispano-americano. Ao sentir a proximidade da morte, Gorriti reage de modo tranquilo e lúcido: “No es que esto me atemorice ni me vuelva aprensiva: no. Sin miedo ni pasmo veo que, en efecto, esa hora se acerca. Tanto mejor, llega el tiempo en que la vida pesa como ropa mojada que es preciso cambiar” (2012, p. 107).

A recordação da infância é feita para esquecer as dores físicas: “Sopreponiéndose a un dolor sin igual en la historia de los dolores físicos de la humanidad, estoy chapurreando estas letras que quizá no se entenderán... Los recuerdos de la infancia son un poderoso lenitivo para el dolor” (2012, p. 124). A infância volta a ser mencionada em *Lo íntimo* em várias passagens como na data de 2 de julho, quase ao final da obra, ao narrar o castigo sofrido por ter levado uma laranja escondida no bolso da saia e tê-la comido durante a missa. Esta é uma das raras menções da autora à figura materna no livro, no acompanhamento à missa e na imposição ao castigo. Manuel Puch, cunhado de Juana Manuela, casado com a irmã da autora, defende-a para o Padre Guzmán que a acusa de causar impaciência e perturbação durante a missa por comer a laranja. Ao aproximar-se a mãe de Gorriti, que estava em outro aposento, Puch coloca palavras não ditas na boca do padre Guzmán que ele a teria perdoado por ser uma criança e sem noção de seu erro, assim disse Puch, deixando o padre em uma situação constrangedora: “¡cuántos de los niños que Cristo llamó a sí, cuando sus discípulos lo rechazaban, cuántos se acercaban a él comiendo una naranja” (2012, p. 129). Na verdade quem a protegeu foi Puch com a sua astúcia e não o padre. A autora conclui: “Años después, cuando leí el Evangelio y pude comprender sus sublimes enseñanzas, comprendí también la lección que Manuel Puch dio al Padre Guzmán en estas palabras” (2012, p.129).

### **2.3 As guerras, a velhice, a doença, o prenúncio da morte e a literatura**

A literatura ocupa um espaço primordial na vida da autora, de proteção e de estímulo em meio a mortes de familiares, distanciamento da pátria, dificuldades financeiras, doença, dor, envelhecimento, certeza da aproximação da própria morte. Gorriti vive para escrever ou escreve para viver, claro está que somente na arte encontra forças. A literatura atua como modo de sobrevivência, em *Lo íntimo*, a autora declara: “Cada línea que escribo, así como cada plática o la emisión de mi voz, paréceme un paso a la vida, después de haber ya habitado el sepulcro, tan terrible ha sido la enfermedad de que acabo de salir” (2012, p. 108). A escrita e a fala como formas de expressão de vida são comemoradas pela autora

que quase morreu, afinal sentiu-se habitando o sepulcro. E sobre o convívio com a dor e a doença, Gorriti relata do início ao fim da narrativa como ocorre no fragmento a seguir:

Es preciso vencer el desaliento y dar a la vida la parte de acción que se le debe. Es necesario sobreponernos a los dolores físicos y Morales y cubrir nuestros sufrimientos con una serenidad que engañe a nuestros amigos y enemigos, para no contristar a los unos ni alegrar a los otros (2012, p. 36).

Juana Manuela reclama do clima de Buenos Aires: “el clima de Buenos Aires me es mortal y debo huir de él si quiero vivir (2012, p. 68) e “yo estoy enferma, y mientras habite esta bellísima Buenos Aires, cuyo clima me es fatla, enferma y enferma estaré” (2012, p. 93). No entanto, a autora não pode abandonar a cidade, devido à pensão de seu pai, importância esta responsável, em parte, por seu sustento. Gorriti escreve ao sentir-se doente e próxima ao sepulcro. Gorriti nomeia a enfermidade que a aflige há um ano e meio de modo cruel: neuralgia. Segundo os médicos, as doenças dos nervos não são mortais, fato lamentado pela escritora: “Valiera más que lo fueran. Así largo tiempo hiciera que yo descansara en paz” (2012, p. 122). Confessa o seu estado de prostração, inclusive, recusa a escrita em jornais para os quais é convidada, em função das dores: “Si no fuera este fiero dolor que me aqueja sin descanso, habría de charlar como una cotorra y referir muchas cosas de la sociedad. Pero cada día me encuentro peor y el ¡ay! es mi aliento” (2012, p. 130).

O espectro da guerra ronda a narrativa, o horror das lutas, o sangue e as mortes mostram-se entrelaçados ao amor romântico, idealizado. A evocação de um passado sangrento marcado por guerras, lutas e batalhas, bem como a projeção de um futuro baseado em ideais românticos de liberdade, justiça e progresso no território hispano-americano, compõem a narrativa de Gorriti. A vivência das guerras remete à experiência em situações de tragédia, característica da autoficção, tendo em vista o caráter terapêutico desta narrativa. Para Bellono (1999, p. 285), o ato de escrita é uma estratégia contra a solidão.

Na ocasião em que vivia em Lima, separada das filhas em virtude da sua situação financeira precária, ciente de que as filhas teriam melhores condições de vida com seu marido, Juana Manuela divide-se entre o sofrimento e a compreensão. A experiência de viver só e distante das filhas Edelmira e Mercedes é motivo de reflexão e de tristeza, como fica exposto em um dos aniversários de Edelmira:

El 2, día de la Candelaria, en que nació mi hija Edelmira, estaba yo oyendo una misa cantada, y la voz del órgano me trajo a la memoria todo lo triste de mi destino: la eterna separación de mis hijas, mi soledad en los últimos días de la vida, cuando, débiles el cuerpo y el alma, necesitan brazos y corazones donde apoyarse (2012, p. 34).

Na data de aniversário de morte da filha, em Lima, 11 de março de 1876, declara que a perda não lhe parece real, mas um pesadelo horrível. Culpa-se por permanecer viva e inveja os mortos. No entanto, é na literatura que encontra forças para viver, descreve a atividade das tertúlias com amigos escritores, realizadas em sua casa, como uma atividade reconfortante: “Quizás este prodigio de actividad me hace vivir” (2012, p. 37). A rotina de escrita é primordial para manter-se viva:

Me levanto a las seis de la mañana, tan enferma, que me es preciso hacer un esfuerzo para dejar la cama, porque cuerpo y espíritu está mortalmente abatidos. Más a medida que me engolfo en el trabajo, la vida vuelve y me siento fuerte para pensar, sufrir, luchar y vivir; pero no sin anhelar ardientemente el eterno reposo (2012, p. 37).

A vida de um escritor deve ser a de um eterno caminhar, sem repouso, nada consola as penas da vida como o ato de escrever, segundo Gorriti. Após o término das aulas, cansada, é na literatura, na escrita autoficcional, que ela encontra refúgio.

Juana Manuela considera-se mentora das tertúlias em Lima, realizadas na França e na Espanha posteriormente, em imitação a atividade idealizada por ela: “hago preparar los trabajos que han de leerse en las veladas literarias que cada miércoles se celebran en casa. Asambleas inventadas por mí e imitadas en todas partes, sobre todo en Francia y España” (2012, p. 40). Ao ter a ideia de realizar o Club Literario em sua casa, comentou com um cronista, no dia seguinte, os jornais anunciaram o evento. Segundo a autora, os jornais exageraram e deram maior status que o merecido ao evento, mas depois reconhece o desejo de ser lembrada em Lima: “páreceme bien dejar, cuando vuelva a la amada Buenos Aires, recuerdos que me hagan echar de menos” (2012, p. 39).

Gorriti, em *Lo íntimo*, concebe a literatura, os encontros literários e a escrita da autoficção como elementos terapêuticos:

A pesar de mi delicada salud, he visto precisada al abrir las *soirées* literarias porque había para ellas un gran entusiasmo y me pedían que cumpliera el compromiso contraído con el público. Las he inaugurado con el más brillante éxito y la necesito como una sombra mezclada a ese gran foco de vida, de la chispeante vida del espíritu (2012, p. 39).

O fragmento anterior revela como a literatura atua como meio de sobrevivência, como resgate da própria vida. Os encontros literários são para a escritora argentina, no momento de enfermidade, como um consolo, como um recomeço. O efeito terapêutico é explícito.

Diante de cada morte de familiar e de amigo, Gorriti vai perdendo pedaços de si, com a morte dos filhos, a mais forte das dores, são verdadeiramente partes suas, são fragmentos seus, a autora vai se perdendo, vai se fragmentando ao longo dos dias. Com a vida esfacelada surge a escrita da autoficção como forma de refazer o quebra-cabeça, de reconstruir a vida, de remontar-se a si mesma, de reencontrar-se, de rever a face perdida no espelho, de reconhecer a mulher antes das mortes, antes das dores, antes da velhice. Cada morte fragiliza-a e é na literatura e, principalmente, na escrita autoficcional que ela consegue fortalecer-se.

A morte está entre os grandes temas de *Lo íntimo*, a perda dos familiares dos amigos e, de modo especial, das filhas é relatada na autoficção. A morte é tratada de forma positiva pela escritora, pois deseja imortalizar-se por meio da literatura, o que pode ser considerado como um alento para a autora, uma glória, uma honra. Sobre o prenúncio da morte, ao visitar os túmulos da mãe, dos filhos e da irmã, diz Juana Manuela: “Es muy provechosa la aproximación de la muerte cuando se está en plena vida. ¡Cuántas cosas se aprenden en esa callada comunicación con los que ya no pueden vernos sino de lejos” (2012, p. 55).

Gorriti sente-se mais lúcida, inclusive clarividente, com a proximidade da morte escreve e teme pela conclusão do livro *Lo íntimo*: “¿Será la cercanía de la muerte que da a mi mente esta clarividencia? Así, sin fuerzas, sin ánimo, estoy escribiendo todavía; pero escribiendo largas horas, como el tiene miedo de caer en la mitad de la jornada impuesta.” (2012, p. 91). Mais adiante, a autora, inclusive, declara desejar a própria morte:

¡Qué bueno fuera morir! Al menos yo cada día lo anhele más. Sufro mucho; pero es preciso que procure sobreponerme al mal y, aunque padeciendo, tomar acción en la vida  
 ¡El sueño!  
 ¡Dulce reparador de las fuerzas, lenitivo de los dolores, punto de interrupción de la existencia!  
 ¡Benéfica etapa en las afanosas jornadas de la vida! (2012, p. 121-122).

E da mesma forma, na penúltima página do livro, revela alegria diante da própria morte e reafirma a visão religiosa e de crença na vida eterna:

el noventa y dos va a ser el aerostático que me llevará a las regiones eternas. ¿Lo creeréis?

Estoy contenta.

La vida se torna insípida.

Vamos a buscar lo que hay en otros mundos. Según nuestro perfeccionamiento, habremos de habitar en mundos superiores o inferiores.

Yo he procurado hacerme muy buena, sobre todo en mis últimos años y aunque *algunas veces se me desdigne* Dios en su misericordia hará la vista gorda a estos pecadillos y me dirá: Pasa, mujer, pasa. Y ha de permitir que vaya a morar en el resplandeciente Júpiter, o en Saturno, que diz está sufriendo, según Flammarion, no sé qué terribles incendios” (2012, p. 131).

Se a estrutura do livro é a da desordem cronológica, pode-se dizer que a obra segue, sim, do início ao final a ordem da vida: da origem à finitude, do nascimento à morte. No mesmo país, mas em diferentes cidades: Salta e Buenos Aires. Inicia no meio rural e finaliza no meio urbano, na capital, como foi a vida dela.

Nas primeiras páginas do livro, a escritora traça um breve histórico sobre a família Gorriti, apresenta a genealogia desde o bisavô paterno, mas não menciona o lado materno. A primeira data de *Lo íntimo*, 1830, aparece ao contar sobre a vida dos familiares entremeada a eventos históricos da Argentina, como na página 23, na qual escreve sobre a morte do tio Francisco, carinhosamente denominado Pache, soldado da Independência, atuante na guerra civil.

A segunda data de *Lo íntimo* está na página 24, novembro de 1831, em que a narradora reconta a Batalla de la Ciudadela, data em que Quiroga venceu o exército unitário comandado por General Alvarado com a participação do General Gorriti. Juana Manuela reproduz e ficcionaliza o discurso do General Gorriti aos soldados, porque é certo que a fala não poderia ser exatamente esta:

– Soldados –les dijo– vuestros compañeros han inutilizado al plan de defensa que teníamos: nosotros, solos, nada podríamos contra un enemigo vencedor y poderoso; ¿queréis quedaros, queréis seguir conmigo el camino del destierro? ¡Oh! No, volved, a vuestro amado suelo, volved a proteger a vuestras familias que hace largo tiempo están abandonadas, que el Dios omnipotente os bendiga por vuestra abnegación y vuestro sacrificio. ¡Adiós! (2012, p. 24)

A autora diz que, após o discurso, o general abriu os braços e fechando-os em torno do peito, simulou um abraço a cada um de seus soldados e depois seguiu seu caminho para o exílio, o que também é ficcionalizado pela autora, porque não há como reproduzir com exatidão e com toda a riqueza de detalhes, tanto o discurso como os gestos de seu pai. O discurso e a despedida são expostos de modo romântico e parecem formar parte de um texto ficcional que, misturados a momentos de vida, comprovam a autoficção. E a

narração dos eventos familiares e dos históricos comprova a presença da memória individual e da coletiva, característicos de uma obra autoficcional. *Lo íntimo* é, também por esses motivos, autoficção.

A admiração pelo pai e o desejo de conservar a imagem dele como herói nacional argentino é evidente:

Crecí entre los rebaños, sin otra sociedad que los pastores y los soldados de mi padre.

Era éste un guerrero piadoso y severo observador de la justicia y del deber, y, por consecuencia, sus compañeros de fatigas y de glorias, eran como él, justos, piadosos, valientes y leales (2012, p. 18).

De acordo com Bellono (1999, p. 285), Gorriti, mais do que contar sua própria história, pretende contar as histórias dos outros, aqueles que deram a vida em nome da pátria e reforçar a figura do pai como herói nacional. Ao ser solicitado por Passini sobre os títulos de nobreza dos antepassados e das armas da família, Juana Manuela declara sobre o pai:

Bien recuerdo que en cada pieza de nuestra antigua vajilla había un escudo de armas. Pero, mi padre, campeón de la Independencia, ferviente republicano, miraba con supremo desdén esos signos de nobleza; llamábales oropeles de la reyecía. Así la desgraciada vajilla yacía oculta en el fondo de un armario (2012, p. 123).

Sobre os valores familiares ressalta: “Si algo hubiera quedado de la casa paterna, de ese hogar destruído, yo lo conservaría cual estaba, sin tocar ni cambiar nada, como en mi alma se conservan las creencias de mis padres” (2012, p. 18). A mãe aparece, em determinado momento da narrativa, como religiosa, conservadora e punitiva na narração de evento da infância, conforme já foi citado (2012, p. 124-129). E, em outro momento, ao relatar a crença de Mercedes no espiritismo e o pressentimento de que Juana Manuela estava em perigo, a mãe é recordada com carinho pela autora, em Lima, 13 de junho de 1874: “En cuanto al sublime espíritu de mi madre, aquella santa que vela a los suyos desde el Cielo, la misión de Caridad que le ha sido confiada será su verdadera bienaventuranza...” (2012, p. 33)

Apesar de ser intitulado como *Lo íntimo*, a vida familiar de Gorriti é exposta de modo discreto, muito pouco é dito sobre as suas relações afetivas, exceto sobre os filhos. Aos irmãos, a autora dedica poucas linhas: o irmão mais velho Ramón faleceu aos dezoito anos e Pedro, aos vinte. Tadeo, inteligente e talentoso comerciante, foi assassinado ao regressar de uma viagem ao Brasil, onde negociou uma grande quantidade de ouro e pedras

preciosas. As irmãs Juana María e Carmen são apenas nominadas. A irmã Mariana, por sua vez, adquire espaço na narrativa devido à morte súbita na juventude, narrada de modo romantizado (2012, p. 30-31). Reconta, também, a vida e a morte do irmão Rafael, conforme mencionado ao tratar do gênero carta em *Lo íntimo*.

Belzú aparece de modo superficial, com distanciamento, muito mais como herói nacional boliviano e como pai de suas filhas do que como marido. Sobre o relacionamento de Gorriti com o pai de Sandoval e Clorinda, nenhuma linha é traçada. A autora não quer ser lembrada por episódios de sua vida pessoal amorosa e, sim, como filha de um herói nacional e que se tornou mãe e, acima de tudo, quer ficar na história como mulher escritora, intelectual que estimulou os jovens literatos, principalmente as mulheres escritoras, idealizou e realizou tertúlias, lutou pelo profissionalismo do escritor.

A tia avó, Dolores, irmã natural do avô, foi responsável por conduzir Juana Manuela à escola aos seis anos. A autora faz uma descrição minuciosa de Mamá Dolores, na qual destaca a frieza do caráter. Gorriti conta sobre a partida da fazenda de Orcones e a viagem para Salta com a tia. Diante dos ataques de choro da menina Gorriti, afastada do lar e temerosa de iniciar os estudos de modo formal e na cidade, a tia questionava se a escola era um presídio e reforçava a ideia de que já estava na hora dela estudar. Enquanto a tia dormia à sombra de um bosque, com raiva da forma como estava sendo tratada, a menina resolveu colocar terra e formigas na caixa de rapé de sua responsável. Ao acordar e ver a tia sorver a terra, sentiu remorso e confessou a travessura. Passaram, então, três dias sem se falar, após o evento. Juana Manuela escreve: “¡Pobre mamá Dolores! ¡Cuántas veces después me he reprochado amargamente de haber retrocedido ante la corteza de hierro que encerraba tu alma noble y generosa!” (2012, p. 22). O arrependimento pela travessura revela o quanto Gorriti valoriza o núcleo familiar.

O amor pelos filhos é declarado em *Lo íntimo* em vários momentos, sendo, sem dúvida, a relação familiar mais presente na obra. Sobre a morte de Mercedes, na data de 30 de abril de 1879: “No tengo ánimo para escribir, abrumada por el nuevo terrible golpe con que Dios le plugo volver a herirme: la pérdida de mi hija Mercedes” (2012, p. 53), a autora lê poemas da filha e ali encontra melancolia. Parecem, segundo Gorriti, escritas com lágrimas, parecia uma mulher triste e sombria, quanto na verdade era o contrário: risonha como uma menina. Juana Manuela escreve sobre as saudades do filho Sandoval que vive em Lima, sente-se sozinha, sem ter com quem conversar: “¿A quien hablar desde el fondo del alma?” (2012, p. 54).

Ao lamentar a morte dos filhos, refere-se igualmente à morte da mãe e da irmã. O fato de fazer alusão à morte dos filhos e não das filhas remete a existência de um filho menino, conforme citado anteriormente:

¡Ay!, no es para mí la vía dolorosa, el camino del cementerio donde reposan mis hijos, donde reposa mi madre, donde reposa mi hermana, sino las calles de la ciudad.(...) Nunca los seres amados y desvanecidos nos parecen tan muertos como a la vista de los lugares donde habitaron, donde los vimos agitarse en las manifestaciones de la vida (2012, p. 55).

Ao saber do nascimento do filho dos amigos Ricardo Palma e Cristina, diz sobre os filhos: “Ellos son flores y nosotros, perfumada fronda. Después nosotros nos tornamos tronco y ellos, ramas que hollan nuestro corazón para ir a enlazarse con las lianas de la selva: Entonces: ‘Sufrir en la vida’” (2012, p. 64). Ser mãe é fazer-se tronco, garantir proteção e segurança aos filhos, mas tal encargo também provoca sofrimento como o sentido pela autora ao viver distante de seus descendentes.

A vida como imigrante torna Gorriti uma estranha em seu país de origem: “Al llegar como extranjera desconocida a las playas de mi patria, he sido recibida con la más generosa hospitalidad” (2012, p. 35). A escrita relacionada ao exílio e a vida de imigrante marca a presença da diáspora na autoficção de Juana Manuela Gorriti. Segundo Bolaños (2010), ao tratar sobre estudos de Brah, destaca a representação do lar como espaço mítico do desejo e de impossível retorno, pois ainda que o visite, o lar é a progressiva realocização. Esta impossibilidade pode ser percebida na voz da narradora na citação supracitada.

E a autora estranha ser recebida de modo tão carinhoso, ser condecorada com uma estrela de ouro pelas senhoras e presenteada pelos literatos com um álbum autografado por eles. A relação com a terra natal, Salta, é exposta em setembro de 1886 (2012, p. 76), ao despedir-se do local com gratidão pela acolhida e com emoção pela manifestação da juventude saltenha, a flor da República Argentina.

Ao finalizar *Lo íntimo*, Juana Manuela declara: “Algunos días más y la luz se apagará para siempre” (2012, p. 132). Tranquila diante da proximidade da morte, conclui a sua obra mais importante, com a qual se consagra a maior escritora argentina do século XIX.

## 2.4 O hibridismo de gênero

Para tratar do hibridismo de gênero, cabe discutir o que são os gêneros literários, que podem ser compreendidos como uma categorização literária, iniciada com Platão e Aristóteles e que tem se modificado ao longo do tempo. Platão divide as narrativas em: simples narrativa, *mimesis* e modalidade mista. Subdivide ainda a simples narrativa em ditirambos, a *mimesis* em tragédia e comédia, e a modalidade mista em epopeias. Já Aristóteles apresenta os gêneros poéticos que diferem em virtude do objeto de imitação ou da forma como o imitam. Poesia (ditirâmbica, aulética, citarística), drama, tragédia, comédia, epopéia.

No século XVIII, houve uma aceitação aos gêneros mistos, ao que se poderia denominar hibridismo de gênero, rompendo com a concepção anterior clássica de gênero individual, puro. O movimento pré-modernista alemão contribuiu para esta nova visão literária. Victor Hugo e Charles Baudelaire são alguns dos que fizeram uma literatura caracterizada por uma nova visão de gênero.

Emil Staiger (1975) afirma que qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, a considerar: lírico, épico e dramático. Ao tratar sobre o autor lírico, trata da incapacidade de descrever e compreender por parte deste, pois tais verbos relacionam-se ao defrontar-se de modo objetivo. O descrever caracteriza composições autobiográficas, já o compreender caracteriza o diário:

somente no tempo medido pelo relógio é que o tema, neste caso, está mais próximo que na autobiografia, pois quem escreve um diário faz também de si o objeto de uma reflexão. Reflete, inclina-se sobre o passado. Se se inclina para trás é porque já deixou para trás o alvo. Realmente, o termo reafirma-se em significação literal. O autor de um diário liberta-se de cada dia, enquanto toma distância e reflete sobre ele. Se não conseguir expressar-se diretamente, seu diário soará lírico (STAIGER, 1975, p. 54).

O teórico trata do diário em um modelo tradicional, datado, em ordem cronológica, menciona o tempo medido pelo relógio, o que não sucede em *Lo íntimo* com uma narrativa fragmentada, labiríntica. A forma como se estabelece a relação com o passado dita o tom mais ou menos lírico do texto: “O passado como objeto de narração pertence à memória. O passado como tema do lírico é um tesouro de recordação” (STAIGER, 1975, p. 55).

Ao refletir sobre o passado e registrá-lo e ao tematizar sobre a recordação, Gorriti aproxima-se do lírico, já que “o passado como objeto de narração pertence à memória. O

passado como tema do lírico é um tesouro de recordação” (STAIGER, 1975, p. 55) e “o autor épico apresenta o mundo exterior, o lírico seu mundo interior; criação literária é íntima” (STAIGER, 1975, p. 57). Se o épico é objetivo, o lírico é subjetivo; o primeiro exterior, o segundo interior, íntimo: “o autor épico não se afunda no passado, recordando-o como o lírico e sim rememoriza-o. E nessa memória fica conservado o afastamento temporal e espacial” (STAIGER, 1975, p. 79). No épico acentua-se justamente a identidade, pois “o homem épico vive exclusivamente a vida de cada dia. Alegra-se com o dia e sua luz e não se preocupa nem com o fim do dia, nem com um futuro próximo” (STAIGER, 1975, p. 108).

As afirmativas de Staiger sobre o épico estão em *Lo íntimo*, como já foi explicitado anteriormente ao tematizar o passado, a memória e acentuar a identidade, porém nem sempre o trata de forma objetiva, o que poderia mostrar uma mistura com o lírico, em virtude da linguagem e da forma subjetiva de narrar.

Apesar do nome da obra em análise ser *Lo íntimo*, a autora/narradora/personagem revela-se bastante discreta ao narrar a vida pessoal, o que pode ser facilmente comprovado pela ausência de qualquer menção ao pai de seus dois últimos filhos, com o qual viveu por cerca de dez anos, segundo indicam biografias de Juana Manuela Gorriti.

Também relevantes são os textos teóricos de Manuel Alberca (1996), que concebe autoficção como um gênero híbrido, como uma variante do romance com interferências da autobiografia. Alberca (1996) destaca a ruptura da autoficção com o gênero autobiográfico de testemunho e real ao adentrar no universo ficcional, imaginário e criativo como faz Juana Manuela ao recontar histórias baseadas em fatos reais com doses de imaginário:

Un día Mariana con besos y abrazos despedía a su hijo, que un sirviente llevaba al colegio, le acompañó hasta la puerta y volvió a sentarse al lado de su mesa de costura: con un gorjeo cariñoso llamó a su mano a un jilguero negro que ella encontró un día en un bosque y que desde entonces, dócil e submisivo, acudía siempre a su voz.

La criada, que arreglaba la sala vecina, viola acariciar al avecilla y de la mano bajarla a sus rodillas donde le vio a picar yema en sus dedos, y en seguida vio a Mariana, apoyada la mano en la mejilla, quedar inmóvil adormecida.

No vio más; una hora después, entrando a anunciarla una visita, y encontrando siempre dormida, le espantó la extraña palidez que cubría su rostro y sin atreverse a tocarla salió corriendo y dio de ello parte a la persona que llegaba; era ésta una amiga de Mariana, que entrando precipitadamente en el cuarto, la tomó en sus brazos.

Estaba muerta; fría ya con todos los indicios de una muerte instantánea, sin espasmos ni convulsiones.

¡Cosa extraña!, desde ese mismo momento el jilguero desapareció, sin que nunca se supiera que fue de él (2012, p. 30-31).

Na história de sua irmã Mariana, a descrição é com certeza fruto do imaginário, embora a morte prematura tenha mesmo ocorrido de modo brusco e inesperado como escreveu Gorriti. A criada até poderia ter contado a Gorriti o que antecedeu o encontro com o corpo de Mariana já sem vida, mais dificilmente com toda a riqueza de detalhes como descreve a cena a autora. O pássaro citado no trecho remete à cultura popular indígena, pois há uma lenda denominada “El canto del jilguero”.

Como defende Francisco Ernesto Puertas Moya (2012), a autoficção não é apenas uma mera reprodução da realidade, reconstrução da memória, já que o espaço para o estético, para o literário estabelece-se como uma mediação que modula a própria vida e também seus modelos de conduta e seus comportamentos públicos, sociais. Para Jacques Lecarme (1997), a autoficção é um híbrido de narrativa verdadeira e narrativa fictícia, gênero que abarca romance e autobiografia. Ao concluir o artigo, Alberca discute:

¿Podría ser la autoficción el reconocimiento explícito de que cuando se narra la vida propia es imposible no hacer “ficción” e imposible no mezclar lo recordado con lo inventado, lo soñado con lo deseado y esto con lo real? Podría ser. Pero también podría estar señalando un elaborado subterfugio para esconder pudorosamente lo que no se quiere exponer al juicio público, cuando no una estrategia para agredir o difamar a los otros desde la impunidad. En ese caso, el problema de la verdad autoficcional dejaría de ser meramente literario para convertirse en un asunto moral o deontológico (ALBERCA, 2005-2006, p. 12).

Em *Lo íntimo*, com a escrita do texto fragmentado, Gorriti busca a narração da própria vida sem deixar de ficcionalizar, como ilustra Iglesia (1994):

Gorriti, como sobreviviente, rechaza la autobiografía y elige el fragmento del diario íntimo que dispersa la ilusión de la unidad de acción de la novela de una vida. Esta estrategia frustra en un nuevo movimiento exitoso de Gorriti, la posibilidad de refutación o verificación, motor y fantasma, a la vez, de toda la apuesta autobiográfica (IGLESIA, 1994, p. 19).

O jogo presente na narrativa autoficcional não é somente entre ficção e realidade, mas também entre o revelar e o ocultar, tendo em vista que a seleção dos fatos recontados é relevante para a imagem a ser construída sobre o eu que narra. Gorriti escreve sobre os filhos, mas pouco diz sobre Belzú, não deseja detalhar a vida amorosa e nem sequer menciona o companheiro com quem teve dois filhos. É a escrita literária a quem a autora destina o maior espaço no livro, o que permite concluir o desejo de Juana Manuela o de ser lembrada, principalmente, como escritora.

O mosaico de gêneros (diários, discursos, cartas, contos, orações, entre outros)

revela o hibridismo nas escritas autoficcionais da escritora argentina. Arfuch (2010, p. 66) destaca a heterogeneidade constituída dos gêneros, a ausência de formas *puras*, mas *constantemente mistura e generalizações*. Sobre *Lo íntimo*, Pellizaro ressalta o caráter híbrido da narrativa:

A lo largo de los años la escritura del texto se hace fragmentada incluyendo notas biográficas, cuentos, pensamientos, ideas sobre nuevas obras, opiniones de crítica literaria y narración de eventos culturales, un verdadero taller de escritura que revela su modernidad y originalidad, especialmente en el uso de diferentes estilos de escritura y géneros. (PELLIZARO, 2011, p. 71)

O hibridismo de gênero, característico da autoficção, mostra-se claramente no livro em análise, através de cartas, crítica literária, conto, discurso, oração. Bellono (1999) também ressalta as características de diferentes gêneros presentes em *Lo íntimo*: diário íntimo, autobiografia e ficção.

Leonor Arfuch (2010) apresenta o século XVIII como do intercâmbio epistolar, pela correspondência e pelo diário, que se aproxima de uma carta ao remetente (leitor), o que pode ser comprovado na citação:

esse valor *biográfico*-heróico ou cotidiano, fundado no desejo de transcendência ou amor aos próximos – que impõe uma ordem à própria vida – a do narrador, a do leitor – a vivência por si só fragmentária e caótica da identidade, eu constitui uma das maiores apostas do gênero e, conseqüentemente, do espaço biográfico (ARFUCH, 2010, p. 55-56).

A obra *Lo íntimo*, escrita no século XIX, segue com as características apontadas por Arfuch, pois é um diário em que há vários gêneros mesclados, inclusive muitas correspondências. Segundo Kelley Duarte: “a escrita híbrida é inerente à autoficção” (DUARTE, 2010a, p. 21) e o romance e a biografia podem ser considerados os gêneros fundamentais da escrita da autoficção que se transmuta no hibridismo destes gêneros e na dualidade realidade e ficção.

#### **2.4.1 As cartas, o processo criativo, as publicações e as críticas de suas obras**

Segundo Genara Pulido Tirado (2001), as cartas podem oferecer valiosos elementos de interesse crítico e literário ao mencionar discussões sobre a função literária e ao revelar o processo criativo do autor e a relação entre os escritores, possibilitando reconstruir o

cenário intelectual do momento. Além disso, podem retratar a sociedade da época ao tratar de temas: políticos, econômicos, sociais e históricos.

Há menção a várias cartas ao longo da obra, enviadas e recebidas, nas quais a autora expressa os laços afetivos que a unem aos colegas escritores, aos filhos e aos amigos. Recorrente nesta obra de Gorriti, as correspondências enviadas e/ou recebidas demonstram um teor literário. Algumas cartas, mencionadas em *Lo íntimo*, compõem o livro publicado sobre a correspondência entre Juana Manuela Gorriti e Ricardo Palma, como no dia 1º de dezembro: “Cuánto agradezco la última carta de Ricardo Palma” (2012, p. 72). As correspondências trocadas entre Juana Manuela e Ricardo Palma expõem o vínculo entre escritores, o que causa interesse crítico, literário e intelectual nas mensagens, que são aspectos a considerar na análise do gênero epistolar, conforme Tirado (2001). Gorriti, ao tomar conhecimento da morte do bebê de Cristina e Ricardo Palma, seus grandes amigos liminhos, através de uma carta de Clorinda Matto (2012, p. 106-107), fala sobre a tristeza e a solidariedade, rogando a Deus valor e resignação ao casal diante da perda de um anjo.

A morte do irmão Rafael, por quem nutria uma especial afeição, foi anunciada à escritora por meio de carta. Ao rememorar a figura do irmão escreve: “Nunca vi en persona alguna sonrisa a la vez tan pitoresca y bondadosa como la suya” (2012, p. 27). Relata a vida do irmão, que, ao apaixonar-se, segundo ela, perdeu-se. A fortuna foi aniquilada pela esposa, tendo a irmã como confidente, nesse momento de dificuldade financeira, escreve-lhe: “Aunque sea haciendo sacrificios muy superiores a mis fuerzas y duplicando mis privaciones, procuraré aumentar mi trabajo, pagar cuanto antes lo que debo y reunir algún dinero para ir a reunirme a ti...” (2012, p. 28). Rafael e a esposa romperam o relacionamento e, passados alguns anos, o irmão voltou a apaixonar-se. Passou a viver com o novo amor em uma fazenda na Bolívia, período em que se tornou amigo de um jovem, ao qual ajudou a ler, a escrever e a prosperar. A carta sobre a morte do irmão revela que estava almoçando com a esposa atual e com o amigo em uma de suas propriedades rurais, quando sentiu uma aguda dor nos olhos e no peito.

Dois meses depois da carta anunciando a morte de Rafael, Juana Manuela recebeu outra carta do irmão, abriu, imaginando que ele estaria vivo. No entanto, a carta era do amigo, a quem o irmão havia educado, anunciando o casamento dele com a mulher de Rafael. Ela havia dado luz a um filho de seu irmão, e, portanto, herdeiro de seus bens. Juana Manuela entendeu, naquele momento, a causa da morte de Rafael: traição por parte da esposa e do amigo: “Un cuadro sombrío se presentó a mis ojos en la revelación de

aquella carta: mi hermano había muerto víctima de la traición de su amigo y de su querida” (2012, p. 30).

Há várias passagens, nas quais Gorriti dirige-se ao filho (2012, p. 49-50 e p. 53), podem ser considerados desabafos, cartas (enviadas ou não), o que se confirma pela ausência da letra em itálico, escolhida para os fragmentos de correspondências. Com data de 17 de setembro, Gorriti suplica: “Hijo mio: no te vayas sin verme, pues tengo que hacerte algunos encargos. No temas la despedida. (...) Permita que te dé algunos consejos” (2012, p. 49). E assim segue com uma lista de conselhos e, inclusive, o pedido de que seja religioso, ensina-lhe como rezar e escreve algumas orações: Matinal e De adoração. A religiosidade é muito importante na vida da narradora e a carta com as orações dirigida ao filho destaca tal fato, o que pode ser interpretado como uma representação da sociedade do momento que era realmente muito religiosa. Ao tratar da correspondência, Tirado (2001) aponta em seus estudos o retrato da sociedade da época.

Juana Manuela Gorriti busca, através de uma carta, aproximação com a escritora Eduarda Mansilla. Um dos motivos mencionado pela autora sobre a dificuldade em estabelecer amizade ocorre devido a razões políticas, tendo em vista o parentesco da autora com Rosas, inimigo da família de Juana Manuela, tendo esta, inclusive, escrito e manifestado seu repúdio ao líder político. O outro motivo apontado por Gorriti seria a diferença de idade, Mansilla poderia considerá-la uma velha e, por isso, não querer a sua amizade. A escritora já havia enviado cartas de felicitação à Mansilla, após leitura de *Recuerdos de viaje* e outros artigos publicados em jornal e escreveu-lhe uma carta afetiva, após dura crítica da representação de *Los Carpani*. A carta resposta de Mansilla é transcrita em *Lo íntimo*:

*Sra. Juana Manuela Gorriti.*

*Distinguida Señora*

*Como todo lo que sale de su pluma y brota de su gran corazón, la carta de ayer tiene un perfume especial, único. Alguien ha dicho: “Cuando una mujer es muy inteligente, vale más que cualquier hombre, sea el quien fuera”, ¡cuán aplicable es a Ud, tal expresión!*

*Usted lo reúne todo y yo soy muy feliz, si he conseguido inspirarle la simpatía de que me habla. Pocas veces me ha sido más grato el valer algo, ya que eso me acerca a un alma como la suya.*

*Eduarda M. de García*  
(2012, p.68).

Como descrito por Tirado (2001), as cartas podem revelar o político, o histórico, o cultural, o literário como na troca de correspondências entre Juana Manuela Gorriti e

Eduarda Mansilla. Gorriti busca uma aproximação com a colega; há, portanto, um interesse crítico, literário, intelectual nas correspondências. O distanciamento entre as escritoras teria como principal motivo o político, fato lamentado por Gorriti.

Gorriti transcreve telegrama recebido do amigo Ángel Justiniano Carranza de Salta, em junho de “19.-“ [sic] sobre homenagem ao patriota Güemes, na qual também foi recordado o nome de Carmen Puch, realizada no teatro Gran Pueblo de Salta, na noite do dia 17. Juana Manuela manifesta carinho e saudade ao comentar o telegrama, na página 71 em “julho, 2, Buenos Aires”. As cartas e os telegramas amenizam a saudade dos amigos peruanos; acostumada aos encontros literários em sua residência em Lima, Juana sente-se muito só em Buenos Aires. A mensagem revela a importância histórica de Güemes e o trabalho artístico realizado no teatro Gran Pueblo de Salta e, considerando o estudo de Tirado sobre os diferentes objetivos das cartas, esta apresenta uma atividade no cenário intelectual do momento, além de ressaltar o valor de um personagem histórico argentino.

O valor afetivo está presente nos registros de memória:

As memórias que melhor gravamos são acompanhadas com um grande alerta emocional. A memória se revela mais quanto mais emocionais são os momentos em que ela é adquirida. Às vezes, a emoção pode atrapalhar a evocação de uma memória, mas, definitivamente, ajuda na aquisição ou formação de uma memória” (IZQUIERDO, 2013, p. 149).

Segundo Iván Izquierdo, “não inventamos memórias. As memórias são fruto do que alguma vez percebemos ou sentimos”. A memória está, portanto, vinculada à experimentação, aos sentimentos e às emoções. O pesquisador aponta a possibilidade de que a evocação também altere as memórias (IZQUIERDO, 1988) e cita Neisser (1982) de que a concepção de memória como o registro guardado de determinado fato pode não ser a do fato em si, senão da terceira ou da vigésima vez que o evocamos. Ou seja, a evocação pode modificar a memória.

Gorriti, em *Lo íntimo*, relata a viagem da escritora e da escrita, o que explica o caráter fragmentário da obra, na qual, de acordo com Domínguez (1994, p. 24), a cena mais íntima pode ser a da reflexão sobre a própria produção literária e o valor da arte na vida da idosa solitária. No livro, o mais íntimo está na narração da rotina literária da autora, a faceta de Juana Manuela mais significativa da autoficção *Lo íntimo* é a de escritora, entre as múltiplas personagens que constrói de si mesma: filha, esposa, mãe.

A publicação das obras, bem como o processo de escrita, apresenta-se de forma

recorrente em *Lo íntimo*. A autora, narradora, personagem divide com o leitor a emoção de cada feito literário, desde a primeira ideia para a escrita de um livro até a publicação e a negociação com os livreiros. Gorriti revela a dificuldade em escrever quando se encontra doente.

Gorriti diz seguir o conselho do literato italiano De Amicis, escrevendo duas obras simultaneamente e descansando entre a escrita de um e outro livro. A escrita é, para Gorriti, a motivação para a vida, é a própria vida, sem ela nada mais existe, esta é a forma de imortalizar-se, por isto escreve cansada, escreve doente: “Aunque bastante achacosa y muy mucho [sic] cansada de la vida, estoy ocupándome de dos trabajos literários: *Perfiles Contemporáneos y Salta*<sup>18</sup>” (2012, p. 78).

Juana Manuela anuncia um novo livro, *Cocina Ecléctica*, para que o descanso entre a escrita de uma obra e outra seja ainda maior, pois no momento dedica-se, também, às obras supracitadas. Justifica que todas as mulheres têm um pouquinho de cozinheira, a mesa é sempre, e agora principalmente, a metade da vida; declara já ter escritas mais de duzentas receitas das culinárias peruana, boliviana e saltenha. Reitera que não se trata de gastronomia da Argentina, mas de Salta, dado que esta possui características únicas, revela, também, que Santiago Estrada ofereceu-se para a escrita do prólogo. Importante ressaltar o valor atribuído a uma obra cujo prólogo é assinado por um reconhecido intelectual na época, como Santiago Estrada no século XIX.

Ainda sobre a obra *Cocina Ecléctica* (2012, p. 80), a autora, em 27 de julho, reforça a defesa do livro de culinária e cita Branthomme ao responder a dama da corte sobre algo que tivesse o poder de deter um homem em casa: “Sim, boa mesa e a boa cama”. Ainda sobre *Cocina Ecléctica* (2012, p. 92), Juana Manuela descreve a carta recebida de Ricardo Palma em que apresenta opinião distinta sobre a obra: “En una carta anterior me decía que, como viejo, anhelaba mi *Cocina Ecléctica* por los buenos bocados que promete y luego en su última se desata en denuestos contra la publicación, llamándola comienzo de chochez” (2012, p. 92).

Em 4 de fevereiro (2012, p. 98), Juana conta que Santiago Estrada escreve-lhe para relatar um encontro com a escritora espanhola Emilia Pardo Bazán no qual ao tomar conhecimento sobre a escrita da obra *Cocina Ecléctica*, Bazán revela estar escrevendo também um livro de culinária. O jornal argentino *La Nación*, inclusive, publica o fato. Gorriti decide, então, dar uma pausa na escrita da obra *Perfiles* para dedicar-se, exclusivamente,

---

<sup>18</sup> Ao referir-se a *Perfiles contemporáneos*, provavelmente, refira-se a *Perfiles* (1892). Quanto à *Salta*, é uma provável referência a *La tierra natal* (1889).

à *Cocina Ecléctica* com o objetivo de publicar o livro de gastronomia antes do de Emilia Pardo Bazán. Não se trata apenas de uma disputa intelectual e/ou literária, mas de algo muito mais profundo: são duas escritoras reconhecidas uma na Europa, outra na América Latina, provenientes de lugares bastante diversos com um propósito de escrever uma obra inovadora de culinária, que fosse capaz de retratar muito além da cozinha, de revelar os costumes e a cultura de um povo. Juana Manuela diz ter projetado a obra antes da espanhola e, realmente, esmerou-se para finalizá-la e publicá-la antes da espanhola.

Passados alguns meses, em 9 de setembro (2012, p.108), Gorriti anuncia a publicação de *Cocina Ecléctica*, após acometida por uma forte bronquite ao final de julho. E já organiza novos escritos: “Si de ésta escapo y no muero, muy luego *Perfiles* y *Lo íntimo* tomarán el mismo camino. Pero, en verdad temo hallarme en las cercanías de la muerte y no tener espacio de tiempo para ver esas ediciones” (2012, p. 108). A maior motivação para viver da autora é a literária, deseja escrever e publicar, para tanto desafia os limites da idade e da doença.

Gorriti comemora a publicação de *La tierra natal* em 2 de fevereiro de 1889: “He acabado *La tierra natal*, libro que ofrecí a los salteños, que comencé con entusiasmo y que he finalizado en medio del desaliento que de un tiempo a esta parte se ha apoderado de mí. Este desaliento me parece que tiene dos causas: vejez y enfermedad” (2012, p. 89). A velhice e a doença são como fantasmas a perseguir a autora ao longo da escrita autoficcional, já a literatura – o ler e o escrever – e a atividade intelectual com as *veladas* são como alento, conforto e estímulo à vida. A literatura é o que a move: “Lo único que a mí me queda es esta pluma y los tres dedos que la sostienen en la obra de hacer libros” (2012, p. 121).

Sobre *Panoramas de vida e Peregrinaciones de un alma triste*, diz: “He vendido a un librero de aquí una edición de una serie de novelas con el título de *Panoramas de vida* y estoy acabando de escribir el trabajo más extenso de la obra: *Peregrinaciones de un alma triste*” (p. 36). É interessante a visão comercial da autora, pois tratava diretamente da venda de suas obras com os livreiros, algo incomum na época, demonstrando assim a preocupação com o profissionalismo do escritor.

A escrita de *Perfiles* demanda pesquisa por parte da escritora, ao selecionar os nomes históricos, como Bartolomé Mitre, José Segundo Roca, Miguel Juárez Celman, Ricardo Palma, Martín Miguel de Güemes, Miguel Grau, Santiago Estrada, Juana Azurduy de Padilla, entre outros. Sobre Pache, Gregorio Pacheco, solicitou informações à filha

Edelmira que os conseguiu através de um amigo, conforme apontado na data de 4 de fevereiro:

Yo no conocía a Pache y pedi datos sobre él a mi hija Edelmira, que los pidió por su parte a un amigo y por casualidad encontrose con que este amigo era el doctor Balda, que se los había enviado a Clorinda.

Relato muy bien escrito, tenía pasajes brillantes y de precisión tan acabada que no sabía uno como darles otra forma de desfigurarlos.

En fin, como eran históricos que iban a referirse en la misma lengua, pena me da, así como enlodar una joya, dije en una carta a Balda, *cambiar nada en esas ricas agrupa-ciones (sic)* de palabras que brillan con tan vívida luz y pido a Ud. me permita iluminar con algunas de ellas el perfil de nuestro amigo (2012, p. 97).

A escritora revela o respeito pela pesquisa e pelo texto do doutor Balda. Gorriti administra com muita seriedade à atividade literária, não a considerando apenas como um passatempo ou um exercício catártico, terapêutico, pode também exercer este papel nos textos autoficcionais, no entanto jamais foi sua prioridade.

Juana escreve sobre a edição de *Veladas literárias*: “Pienso que será un bellissimo libro, lleno de flores encantadoras, cuyo perfume le dará larga vida” (2012, p. 123). Atribui tamanha beleza à obra, em função do valor afetivo. O livro rememora os encontros literários realizados na sua residência em Lima que marcaram sobremaneira sua vida:

Ellas son el único punto luminoso de mi sombría existencia. En efecto, como para compensar tantas amarguras esas horas son deliciosas. Los literatos y los artistas se dan cita para leer y ejecutar sus mejores producciones, que se aplauden o se discuten con una cordialidad desconocida hasta hoy en esa quisquillosa fracción de la sociedad (2012, p. 40).

O encontro com outros escritores para leitura literária e para discussão política sobre temas pertinentes como o papel da mulher na sociedade oportunizam momentos significativos na vida da autora.

A reflexão sobre a escrita e sobre o fazer literário forma a metaficção, que se encontra muito presente na obra, fazendo com que a discussão de *Lo íntimo* faça parte do próprio livro. Em janeiro de 1892, a autora lamenta a falta de tempo para a escrita, devido a graves problemas de saúde: “Yo quisiera ocuparme de mi libro *Lo íntimo*, añadir algo a lo ya escrito, pero me encuentro tan mal, que me es imposible. Soy una presa en el sepulcro, por más que dé vueltas a la vida” (2012, p. 122).

Sobre o processo criativo de *Lo íntimo*, Gorriti afirma, na data de 2 de julho:

A *Lo íntimo* le ha caído un aluvión de recuerdos que es necesario consignar y que

retardarán algo su publicación.

Limitome a humildes relatos, sin pretender explicarme ni explicar las causas de los hechos que recuerdo. ¿Qué podré decir yo en la noche de la vida que no hayan dicho tantos y tantas que han desecado el corazón, el cerebro y el alma? (GORRITI, 2012, p. 129)

*Lo íntimo* é formado como um mosaico de recordações, escolhidas, selecionadas pela autora que, consciente de estar ao final da vida, deseja perpetuar-se através do texto autoficcional e recontar a história dos países onde residiu, em especial da Argentina, glorificando o pai como herói nacional. A autora revela a concepção da obra como um apanhado de recordações, que devem ser firmados e consolidados antes da publicação. Confessa humildade à escrita e, ao mesmo tempo, ambiciona o dizer algo novo, ainda não escrito por homens e mulheres. Não seria este o maior desafio do escritor: escrever o novo, dizer o não dito?

Gorriti escreve sobre *Los dos senderos*, obra não publicada, proposta literária escrita em co-autoria com as amigas Mercedes Cabello y Clorinda Matto. Apresenta a estrutura narrativa, declara que a obra nada terá de naturalista, descreve-a como um romance de alto gênero social e prevê que não conseguirá finalizar o livro: “El hombre propone y Dios dispone. Yo me voy a morir y no haré el desenlace de la novela que me propuse escribir a Mercedes Cabello y a Clorinda Matto” (2012, p. 130).

#### 2.4.2 O discurso, os contos e a escrita de críticas literárias

Juana Manuela escreveu críticas literárias e algumas podem ser lidas em *Lo íntimo*, na qual questiona as escritoras de Lima por não ter encontrado, nos jornais peruanos, publicações femininas, como as elegantes produções de Mercedes Cabello e os versos deliciosos de Manuela Villarán. Cobra e incentiva as colegas escritoras ao exercício literário, à publicação, ao comprometimento, atitude que também exerceu no papel de anfitriã das veladas literárias. Instiga as colegas escritoras a ocupar o espaço no meio jornalístico e segue criticando, duramente, a Mercedes e a Manuela por ambas estarem priorizando outras atividades à literária; a primeira, à moda e ao luxo; a segunda, aos filhos e ao marido. Acrescenta também o nome de Rosa Mercedes Riglos: “En cuanto a la correcta Rosa Mercedes Riglos, ya sé que el despotismo idiota de algunos gznápiros la tendrá desalentada, pues que le hacen un delito de sus gustos literarios” (2012, p. 47). A

narradora critica as escritoras limenhas por não priorizarem a atividade literária em suas vidas, nota-se, portanto, que na opinião de Juana Manuela a literatura deve estar em primeiro lugar na vida da mulher escritora. De acordo com Batticuore (2003, p. 592), o fato de Gorriti ser a única escritora da *Revista de Buenos Aires* demarca o seu protagonismo e consolida um passo importante para a legitimação da autoria feminina.

Gorriti elogia *María*, de Jorge Isaacs, sobre a qual já havia publicado crítica, considerando este um belo romance por tê-la emocionado e fazê-la sentir-se em sua terra natal, ao revisitar, através do livro, as paisagens da pátria. A narradora valoriza o romance ambientado na Argentina, o que em nada surpreende sendo ela a escritora de obras como *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos* que também buscam descrever as paisagens e as belezas de sua terra, há, portanto, uma identificação com o espaço retratado na obra de Jorge Isaacs.

Em Valparaíso, janeiro de 1884 (p. 64-66), Gorriti escreve crítica laudatória sobre *Ensayos Líricos*, recontando a história de Adolfo Valdez, morto em combate em 2 de março de 1866, com denotada comoção. A obra reconta a história do soldado poeta, a quem a autora muito admira, de talento nos dois ofícios o do combate e o da escrita:

En medio del fragor del combate, presentose un joven, dobló la rodilla, recibió el sagrado talismán y corrió a su puesto.  
Vimosle luego arrostrando la metralla que llovía en torno a la abrasada torre, desenterrar de entre sus ardientes escombros al amigo moribundo a quien salvó con arrojo.  
Ese joven era Adolfo Valdez; campeón de las nobles causas, consagrólas su espada y su pluma (2012, p. 65-66).

A autora atribui igual valor à guerra e à escrita e lamenta a morte precoce do poeta soldado: “Sus días fueron breves; cruzó la vida como una melodía y se desvaneció como un ensueño” (2012, p. 66).

Gorriti descreve a alegria em receber o exemplar da *Bohemia Limeña*, de Ricardo Palma, no qual recorda os encontros literários com os amigos desaparecidos: alguns mortos, outros distantes. Por sua vez, os livros de autoria do amigo Pedro J. Vela são descritos como magistrais (2012, p. 80). E a obra de D’Austri, segundo Gorriti, leva à reflexão sobre as belezas das criações de Deus: “¿Quién leyendo el libro de D’Austri sobre Italia, no piensa en la munificencia con que Dios doto a esa tierra de su amor?” (2012, p. 85) Há identificação da autora com a temática da religiosidade, com a qual se sente comprometida.

*La historia de Colombia*, de Carlos Benedetti, é avaliada por Juana Manuela como um profundo e inteligente estudo sobre a pátria gloriosa e heróica dele. O patriotismo latente e primordial na obra de Gorriti faz com que ela aprecie e valorize tal sentimento presente na obra do colega. Já Mercedes Cabello recebe acirrada crítica sobre *Blanca Sol*, em 25 de março, Gorriti descreve como sermão a carta a ser enviada à autora após a leitura da obra. Teme ser mal compreendida pela amiga devido à franqueza no expressar a opinião sobre o livro: “Es indigna de la pluma de cualquier mujer, mucho más de una persona tan buena como ella. (...) El honor de una escritora es doble: el honor de su conducta y el honor de su pluma” (2012, p. 90). Gorriti critica a construção dos personagens e o epílogo considerado por ela um horror, um desastre. Percebe-se a preocupação e o cuidado com a escrita por parte da autora que, ao cumprir a função de crítica literária, exige tais qualidades na produção dos colegas.

Luis Miguel Glave (1999), ao tratar da vida e da obra de Mercedes Cabello, menciona a crítica feita por Gorriti à obra da amiga. Cabello, internada no manicômio em 1900, apresentava em sua obra posições críticas sobre a sociedade limenha, defendia os ideais positivistas de Auguste Conte: a educação laica, os princípios científicos e o ideal do progresso, de forma clara e reiterada. Foram esses os responsáveis por seu destino, o qual parecia prever e temer Juana Manuela que aqui se mostra, não só como crítica, mas também como amiga.

Ainda sobre Mercedes Cabello, Juana Manuela menciona a publicação no *El Nacional*, de Lima, sobre nova obra da autora, um romance intitulado *Las consecuencias*, felicitando-a pela iniciativa e declara tratar-se do gênero mais agradável para uma mulher e que ela não o segue por estar velha para dedicar-se às belezas claras da vida, pois vive no crepúsculo.

Sobre as obras *Aves sin nido* e *Bocetos*, de Clorinda Matto, Gorriti confessa recebê-las com entusiasmo. Segundo a autora argentina, o texto de Clorinda pode ser compreendido como um apanhado de histórias verdadeiras jóias literárias. O exemplar enviado junto a uma carta é mencionado por Juana Manuela. Igualmente Santiago Vaca Guzmán envia a Gorriti um exemplar em teste de *Días amargos*, conforme lhe havia prometido. Sobre a obra recebida, Gorriti diz: “*Días amargos* es, bajo las más galanas formas de la novela, un estudio psicológico profundo y de alta enseñanza” (2012, p. 119).

Ao desempenhar o papel de crítica literária, Juana Manuela revela seriedade e comprometimento no trato das obras e cuidado na forma como se dirige aos autores:

elogiando, criticando, alertando, sugerindo, incentivando ou comparando os textos com a sua própria produção literária.

Gorriti, em *Lo íntimo*, faz um discurso sobre o papel da mulher na sociedade, ao ser solicitado a ela um parecer sobre a revista *El derecho de la Mujer*, por parte de seus fundadores Mohr e Llanos:

Hijos míos, no edificuéis sin cimientos. Decid a las mujeres: Ilustraos cual lo hacen los hombres, estudiad, adquirid los conocimientos necesarios para usar a nuestros derechos, que nadie os contesta; y que cuando los queráis tomar, estén en vuestra mano. Pero desterrad de vuestra vida las fruslerías a que la consagráis; aprended y heos entonces, sin el permiso de nadie, en la posesión y el goce de vuestros derechos. ¡Derechos! -concluí riendo con aquellos jóvenes, que eran ya mis amigos-, ¿Creen ustedes, hijos míos, que la mujer tiene para mandar el mundo necesidad de que se los declaren? ¡Bah! Todos saben desde el fondo de la alcoba, lactando a su hijo y arreglando el banquete para el esposo, ordena la confección de las leyes y la caída de los imperios (2012, p. 63).

Na citação anterior, o papel da mulher latino-americana no século XIX é defendido por Gorriti com clareza, sem romantismos ou rodeios. A autora declara, explicitamente, sua defesa pelos direitos femininos, a luta pela igualdade entre homens e mulheres, sem abdicar dos papéis de esposa e mãe, mas assumindo seu espaço no meio social.

Ainda sobre a questão feminina, Gorriti critica a mulher madura, em tom de discurso: “La mujer debe ser mujer en todos los actos de su vida. Y si en una joven ostentar alguna vez los atributos del sexo fuerte será una gracia, en la edad madura, es la más ridícula de las ridiculeces” (2012, p. 81). E segue sobre o amor feminino: “El amor en una mujer trae consigo admiración; en el hombre, seguedad. Es que en ella, ese sentimiento penetra en el espíritu: en él, detiéndose en la materia” (2012, p. 82) e em “Nada más despiadado para una mujer, como su sexo” (2012, p. 97).

A autora, ao mesmo tempo em que defende a igualdade de gênero e declara a dificuldade em lidar com o preconceito contra a mulher, acredita na clara distinção entre os sexos, no que diz respeito à força e ao amor. O fato de considerar cruel o ser mulher revela o reconhecimento das dificuldades do gênero, as quais ela enfrenta com dignidade, tendo se separado do marido, estabelecido nova relação e ter se separado novamente, ser escritora em um período em que poucas o faziam sem o uso de pseudônimo masculino.

Ao longo de *Lo íntimo* encontram-se contos, gênero que pode ser encontrado, por exemplo, na descrição de um dos dias mais trágicos da vida da autora, a narrativa de casualidade de reencontro de Gorriti com um jovem oficial, cujo nome lhe era desconhecido, e que lhe foi gentil e prestativo no momento em quem ela tentava trazer à

vida o homem ensanguentado em um combate, e o qual volta a rever como presidente da Bolívia. Em estilo romântico e narrado em primeira pessoa, o episódio busca a comoção do leitor, através de um desfecho surpreendente:

Salgo a su encuentro y ... ¡oh, sorpresa!, al mirarle reconozco profundamente enternecida en el Presidente de Bolivia al protector generoso que me prestara auxilio en una hora de angustia.

¡Era él!

Cuántas veces mi gratitud había recordado y por una misteriosa intuición identificándole con su hazañosa existencia, desde el calabozo del cuartel de Sucre hasta la apoteosis de la Paz (2012, p.45).

O heroísmo da guerra, o sentimento patriótico com relação à Bolívia está presente na lembrança narrada por Juana Manuela. A referência ao quartel de Sucre e à apoteose de La Paz relata a trajetória do herói. Apesar de não nomear o personagem, tudo indica tratar-se de Manuel Isidoro Belzú.

Apresentam-se outros contos na obra, como a história de amor proibido, vivida pela amiga Isabel Serrano e Alvear, recontada e ficcionalizada por Gorriti, entre as páginas 60 e 62. Em virtude da diferença de classes sociais, o namoro não foi permitido e Isabel tornou-se freira sem qualquer vocação para a vida de religiosa. Ao descrever o dia do reencontro de Isabel e Alvear, a riqueza de detalhes permite concluir a ficção dentro da história real:

Un día en una fiesta religiosa, la monja Serrano ocupaba su reclinatorio en el coro, entre la priora y la maestra de novicias entoaba el *Te-Deum* encargado a ella en esta ocasión a causa de su bellísima voz; la ceremonia era solemne y había asistencia de gobierno,

Era el año 26, Bolivia acaba de fundarse, era presidente el general Sucre y el Libertador mismo se encontraba en la ciudad.

Isabel cantaba, caído sobre el rostro su denso velo negro. Su melodioso canto se elevaba al cielo; pero sus ojos y su espíritu vagaban entre la multitud que llenaba el templo.

De repente en medio del brillante grupo de militares que rodeaban al general Sucre, alzose un hombre que, cruzando la nave, vino a sentarse en un escaño y fijó atrevidas miradas en el interior del coro.

Isabel adivinó que a ella la buscaba, y levantando sigilosamente su velo, los ojos de aquel hombre y los suyos se cruzaron. (...)

Alvear probó con éxito la fortaleza de la protectora enredadera y estuvo oculto en la celda de la monja (2012, p. 61-62).

Gorriti demonstra muita segurança para recontar esta história a pedido de Ricardo Palma, porque ela era muito amiga de Isabel Serrano e seu pai, de Alvear: “envío hoy a Ricardo Palma un relato verdadero, aunque telegráfico, de cuando a estos dos enamorados pueda importarle” (2012, p. 60). Ao final, a narradora reconhece o tom romanesco da

história que, a princípio, era para ser apenas telegráfica: “¿Y a esto he llamado telegrafiar? Me arrastró la mania de novelista... pero con el protagonista tranco largo” (2012, p. 62).

Outra narrativa é intitulada como *La estatua de Alsina* entre as páginas 69 e 70. Já a beleza da poetisa Adela Castelll apresenta-se como um conto breve (p. 75). Outros contos curtos estão na página 81, intitulados: *Una noche de tormenta* e *Puesta del Sol otoñal*. O sacristão do Convento de Santo Domingo transforma-se em personagem (p. 83-84), bem como há a história do Castillo de Miraflores (p. 94-96).

Bellono (1999) dedica capítulo ao fragmento sobre o Castillo de Miraflores, considerado pela teórica como um conto de terror, pois se trata de um relato de tradição oral e com a participação do pai de Juana Manuela demarca, em *Lo íntimo*, a relevância da família da autora na história do país, na memória do povo. O relato alterna a primeira e a terceira pessoa, o pai de Gorriti, cuja existência é comprovável, narra como testemunha dos fatos, atribuindo veracidade ao fato narrado.

O relato sobre Emma Verdier revela a surpresa de Gorriti ao tomar conhecimento da identidade da poeta, pseudônimo utilizado pelo tabelião Senhor D, o escritor Bernabé Demaría. O conto tem um tom divertido, devido à astúcia da narradora personagem, que consegue ludibriar amigos escritores sobre a verdadeira Emma, criando uma história ficcional e dando um novo rosto à poeta, com o consentimento e a colaboração do Senhor D. Descreve como rouba do sobrinho Federico Puch o retrato da atriz Isabel Bergman e a transforma na imagem de Emma.

Daría algunos años de mi vida, ahora que debo economizarlos muy mucho, daría, digo, algunos años de mi vida, por ver sonreír y agitarse en las regiones de la realidad a esta graciosa creación de la inocente travesura de dos viejos (p. 105).

Outro conto intitulado *Idílio y tragedia* narra a história trágica de um triângulo amoroso envolvendo María, jovem órfã, Pablo, filho de um cacique, e Taala, índia apaixonada por Pablo. Ao final do texto, Gorriti lamenta a morte de Eduardo Gutiérrez, a quem considera orgulho nacional e o texto parece tratar-se de uma forma de homenagem ao autor. A narrativa demonstra a valorização de Juana Manuela pela cultura indígena e pela preservação dos registros orais.

Entre os gêneros presentes em *Lo íntimo*, também está a poesia. Na data de 17 de outubro, Gorriti escreve: “La poesía es un mundo maravilloso, poblado de perfumes, de melodías y de extáticas visiones: los seres venturosos que lo habitan llevan en la frente nimbo de luz que irradian en torno suyo fulgores divinos...” (p. 41) e retrata um tema

proposto (“orelha”) por uma jovem e a situação de escrita improvisada por três poetas presentes na reunião: Domingo de Vivero, Domingos Autusto Salaverri e Teobado Elías Corpancho. Na página seguinte, encontram-se os poemas, todos com estrofes com oito versos e descrevem o rosto da amada com romantismo. Vivero já atende o tema proposto no primeiro verso: “Linda oreja de una dama hermosa”. Salaverri apresenta a descrição do rosto nos quatro primeiros versos: “La boca tiene lábios de corales,/ Dientes de perlas y sonrisa pura;/ Los ojos resplandores celestiales;/ La frente su cabello y su hermosura” e, cita o pedido no último verso: “Solo canto mi amor... ¡pero a la oreja!”. Carpancho inicia: “Yo no amo de tu rostro la blancura,/ Ni el brillo de tus ojos centellantes” e finaliza: “Para mi amor, ¡que tienes oreja!”

Destacam-se ainda outros poemas. Em Lima, o poeta Villarán declama uma estrofe de um cantor de rua que expõe a visão sobre a mulher na época (1878): “La mujer que a los treinta/ No tiene novio,/ Ya puede echarle llave/ A su escritorio” (p. 49). E, na página 88, em 10 de agosto sobre a morte de Josefina Pelliza, cita sem autoria, provável poema de Julio Torres: “Quien ausente o muerto está/ Que de él se acuerden no esperen;/ Entierran al que se muere,/ Olvidan al que se va.” O poema é criticado por Gorriti qualificando-o como insípido, incapaz de fazer lembrar ou homenagear Josefina Pelliza.

Se o primeiro capítulo da tese apresentou a biografia da autora, o segundo traçou a forma como a escritora deseja ser lembrada, tendo em vista que em *Lo íntimo* os fatos são rememorados e relatados por ela. Apesar da edição póstuma e sob responsabilidade do filho e da nora, Juana Manuela declara como vê a si mesma, o autorreflexo característico da autoficção encontra-se na narrativa repleta de reflexões e de críticas. A obra revela o seu comprometimento com a escrita literária, o seu estímulo às colegas escritoras, o seu meritório papel como intelectual ativa, a sua importância na construção do imaginário nacional dos três países nos quais residiu. O hibridismo de gênero presente em *Lo íntimo* e a forma como Juana Manuela Gorriti desconstrói, o que aparentemente seria um diário, devido à fragmentação e à desordem cronológica, a coloca entre as mais singulares escritoras do século XIX no cenário hispanoamericano.

JUANA MANUELA GORRITI.

~~~~~

L A

# TIERRA NATAL.



BUENOS AIRES.

FÉLIX LAJOUANE, EDITOR.

(LITOGRAFIA SÉNTERAS)

85 — PERÚ — 85

1889

*(Derechos de propiedad reservados)*

### 3 LA TIERRA NATAL<sup>19</sup> E A VIAGEM DA MEMÓRIA

O capítulo inicia com a discussão sobre o gênero de *La tierra natal*, classificado como relato de viagem ou como autobiografia. A seguir é tratada a fabulação da história biográfica, a reinvenção da própria vida, a seleção dos eventos narrados e o caráter terapêutico presentes na obra em análise. A memória individual e a coletiva entrelaçam-se na autoficção *La tierra natal*, de acordo com a análise realizada. O hibridismo de gênero, através dos contos presentes ao longo da narrativa, comprova a autoficção.

#### 3.1 Discutindo o gênero

Considerar *La tierra natal* um relato de viagens, como ocorre na edição da Buena Vista Editores de Córdoba (2007), ou uma autobiografia, como na edição de Biblioteca del Norte de Buenos Aires (2013), trata-se de uma visão reducionista, pois desconsidera a multiplicidade de gêneros presentes no livro: a fabulação inerente ao exercício memorialístico, a busca pelo autoconhecimento, através da viagem no espaço e no tempo; aspectos que permitem considerar a obra uma autoficção.

A definição da escrita de viagem, ao misturar identidade pessoal e deslocamento, está intimamente relacionada à autobiografia por elucidar maneiras de buscar a compreensão de si mesmo, de acordo com Luz Hincapie (2002, p. 22). A pesquisadora declara que a autobiografia pode ser considerada uma tarefa impossível, ao assumir o autoconhecimento e ser, de fato, ficcional. A escrita autobiográfica é entendida como uma construção cultural, na qual é avaliada a história pessoal dos autores como elemento fundamental para a construção da identidade, produzida por meio do discurso. Hincapie, ao analisar *La tierra natal*, descreve autoficção, embora sem nomear o termo.

Miseres (2012) ressalta a presença da combinação da estrutura de relato de viagem com observações sobre a história e a paisagem da região com o gênero autobiográfico, a importância da memória e da autorrepresentação do sujeito, a presença de um narrador que transita e avalia o lugar de origem. A teórica não menciona a autoficção, no entanto

---

<sup>19</sup> A edição selecionada para análise da obra *La tierra natal* é a de Buena Vista Editores, Córdoba, publicada em 2007, com 112 páginas e tendo como fonte a primeira edição da obra de Félix Lajouane, 1889, Buenos Aires. Com apresentação de Santiago Estrada datada de 28 de outubro de 1888, publicado também no *El diario*, de Buenos Aires, em 5 de novembro de 1888.

suas considerações a descrevem, como também o faz Hincapie.

Em *La tierra natal*, o deslocamento espacial realizado pela autora/ narradora/ personagem ocorre em 1886, mas são lembrados fatos de toda a sua vida, de trem até a sua cidade natal, Salta; trata-se, de uma viagem espacial e, principalmente, temporal. A obra em estudo é um relato de viagens e, também, pode ser compreendido como autoficção biográfica, conforme a classificação de Colonna e Alberca.

A viagem exhibe uma superposição do presente da cidade e do passado por meio da memória pessoal, mesclando-se, portanto, a narração de diversos tempos da região noroeste argentina e desvelando a história pessoal familiar da narradora à história regional, de acordo com Miseres (2012). A literatura de viagem constitui-se como uma metáfora da jornada da vida, segundo Luz Hincapie (2002).

Na obra *La tierra natal* alterna-se o passado da colônia, da arquitetura, das crenças e dos costumes populares e o passado da luta pela emancipação nacional, através do exercício da memória a ocorrer no tempo presente, que parece estranho e alheio ao olhar da peregrina: “Y mis ojos vagaban sobre aquella aglomeración de edificios desconocidos que se asentaban en la área de otros que yo dejara y que ahora reclamaba la memoria” (2007, p. 34). A citação reafirma o dito por Bolaños (2010) sobre o sujeito diaspórico que se transforma na viagem transcultural e transforma, igualmente, os espaços transitados.

Gorriti tenta recuperar a história nacional, através de seu senso de patriotismo e de seu orgulho, ao relatar feitos heróicos dos que lutaram pela independência. Segundo Myers (2003, p. 330) a obra da escritora está relacionada à recuperação nacional, pois ela contribui, juntamente com Vicente Gil Quesada, para a construção de um novo estado nacional. O sentido do patriotismo da escritora é uma perseguição muito viril como também o são a sua viagem e a sua escrita, conforme Hincapie (2002).

O patriotismo revela-se em *La tierra natal* em vários trechos do relato de viagens, como ao ouvir o hino nacional em evento realizado no teatro, em que Juana Manuela chora ao recordar do pai: “Lágrimas de doloroso enternecimiento subieron del corazón, al recuerdo del tiempo en que, niña, de pie y con devota unción, asida a la mano de mi padre, escuchaba ese canto sagrado, en los días clásicos de la patria...” (2007, p. 38). O hino nacional é emblemático como a identificação da autora com a sua pátria, com a sua nação simbólica, a sua Argentina. A música desperta o seu patriotismo, embora possua, também, sentimento patriótico pelas outras duas nações que foram importantes em sua vida: Bolívia e Peru, de acordo com Hincapie (2006).

Ao recordar e narrar a história de vida do avô materno, Gorriti reconstrói importantes dados da região durante o Vice-reinado: conta sobre a rebelião de Túpac Amaru em Cuzco e a forma como esta afetou a história da região, de Lima a Buenos Aires. A prosperidade, a riqueza e a centralidade regional foram as motivações para o avô abandonar Buenos Aires e refazer a vida, instalando seus negócios em Salta (2007, p. 118-137). Para Miseres (2012), a escolha por Salta não é fortuita, tendo em vista que confirma a rica bagagem histórico-cultural da região que parece estar esquecida no tempo presente da obra, final do século XIX.

A referência feita ao pássaro *Ninachiri* (2007, p. 40) remete à lenda da tribo indígena *calchaquí*. O pássaro, conforme a autora-narradora, havia desaparecido em 1830 e reaparece diante dela antes da sua visita à cidade em 1884 (MISERES, 2012, p. 51). Juana Manuela acredita tratar-se da volta do *ninachiri*, “que durante medio siglo ha incubado su nueva vida y renace de sus cenizas.” Tal episódio demarca a diversidade e a mistura dos tempos em *La tierra natal*, além de comprovar o respeito pelo conhecimento e pela cultura indígenas, já que, ao narrar sobre o pássaro, Gorriti valida a história oral e a cultura local, considerando-as fonte de conhecimento.

O exílio forçado de Gorriti e subsequente afeto dividido por três nações – Argentina, Peru e Bolívia – concebe uma identidade em trânsito como uma identidade híbrida. No caso de Juana Manuela, há um deslocamento constante, por exílio ou por migração voluntária (no caso do estabelecimento de residência em Lima e do regresso a Buenos Aires, apenas por fator econômico para receber a pensão do pai) dentro dos limites dessas três nações sul-americanas. A constituição da identidade da autora-narradora estabelece-se na mistura dos três países em que viveu em cada fase de sua vida, sendo a Argentina o ponto de origem, de nascimento, de envelhecimento e de morte, onde viveu a infância e a velhice.

Luz Hincapie (2002, p. 123) indaga sobre qual identidade nacional reivindicou Juana Manuela Gorriti como sua, tendo em vista que passou a maior parte da vida em trânsito, sendo infância em Salta, parte da juventude em La Paz, outra parte de juventude e fase adulta em Lima, lugar onde passou cerca de 30 anos com breves estadas em La Paz. A Bolívia foi o lugar onde exerceu os papéis de esposa e mãe, em um exílio forçado. Já o Peru tem um significado diferente para Gorriti, pois foi onde viveu a sua independência, ali viveu o seu período de maior atividade literária e intelectual, fez grandes amizades, realizou tertúlias. Além disso, a autora sempre mencionava o aprazível clima limenho, em

comparação ao odioso frio portenho, com o qual nunca se acostumara e que tantas moléstias lhe causavam. Voltou repetidas vezes ao Peru, porque este era o único lugar realmente escolhido por ela. Na maturidade da idade de sessenta anos, viajou de navio, para Lima e para Buenos Aires, um total de sete vezes para, finalmente, residir – mas por questões financeiras – os últimos anos de sua vida em Buenos Aires.

Para Hincapie, as três nações representam etapas diferentes na vida de Gorriti e correspondem a diferentes marcas identitárias. Segundo Mizraje (1999), a Juana Manuela mais independente é a autorretratada no Peru. Afinal, é em Lima, onde se reafirma como escritora, como professora, como intelectual, como fundadora de revista, como organizadora de tertúlias, como mulher que se sustenta com o seu trabalho, que busca o profissionalismo na carreira de escritora.

Hincapie assegura que a identidade nacional de Gorriti é elusiva, por incluir mais do que apenas fronteiras nacionais e abranger os espaços e lugares pelos quais ela viajou, viveu e trabalhou. As viagens para Gorriti também representam as suas identidades mutáveis: viajante forte, peregrina frágil, a velha senhora, que precisa de galanteria masculina, a mulher supersticiosa e a filha patriótica de um general da independência. A viagem permite que o deslocamento encontre expressão, o texto torna-se um local estável para organizar uma variedade de autorrepresentações.

A autora-narradora, ao contemplar a cidade em ruínas, pode ver a si mesma, já que se trata de uma mulher idosa e enferma e, portanto, a obra constitui-se de uma autorreflexão de seu gênero feminino, de sua faixa etária e de sua saúde. Ao longo da viagem, Gorriti reflete: “Única de mi sexo, también a causa de mi edad, rodeábanme atenciones y cuidados” (2007, p. 21). Apesar de cansativa, Juana Manuela considera deliciosa a viagem, o que se atribui ao fato de estar acostumada a viagens a cavalo e pelos elevados picos dos Andes. Vale lembrar que o trajeto realizado pela família rumo ao exílio na Bolívia marca a autora como primeiro e difícil percurso de sua vida como viajante. Entre outros episódios de sua vida, destaca-se o de 1842, em que viaja a Argentina em virtude do casamento em crise, em uma separação, após o regresso de Belzú da prisão de El Callao<sup>20</sup>. Como a entrada da família Gorriti está proibida na terra natal, Juana Manuela viaja vestida de homem (MIZRAJE, 1999, p. 91). Portanto, o qualificar a viagem como deliciosa também está relacionado à motivação interna, à afetividade e à emoção de reencontrar a terra natal e a si mesma. Sem dúvida esta viagem é deliciosa se comparada

---

<sup>20</sup> Combate ocorrido em 1839 que selou o fim da Confederação Peruano-Boliviana e encerrou o período presidencial de Santa Cruz na Bolívia.

a outras realizadas em momentos tristes e em condições adversas.

O espaço é significativo para Juana Manuela, não só a terra natal, mas os países latino-americanos nos quais viveu. Todos os temas abordados por Gorriti, até mesmo os mais íntimos, permitem uma reflexão da autora sobre a pátria, a nação e o destino da América, segundo Alicia Poderti (2010, p. 267-268). De acordo com Corres (2013, p. 1), Juana Manuela Gorriti e Eduarda Mansilla, juntamente com outras mulheres autoras, foram capazes de escrever durante o processo de Independência da Argentina no século XIX e de mostrar, por meio da literatura, um caminho para pensar e recriar a ideia de nação.

Juana Manuela é uma das primeiras romancistas argentinas a personificar o romance e a possibilitar a descrição do processo de construção de três imaginários nacionais, articulando a atividade literária à política, dá um novo lugar à figura feminina, um espaço onde possa pensar e fazer a nação. Juana Manuela trata com seriedade o tema do protagonismo feminino, tema que adquire maior espaço de discussão no século XX, o que justifica a maior visibilidade a obra da autora, como escreve Palermo: “La incorporación de la escritura de la Gorriti sólo comienza en este siglo XX, a impulsos de la crítica feminista internacional, momento también en el que entran en circulación otras intensas voces femeninas del ámbito local” (PALERMO, 2000-2001, p. 479).

Para Hincapie (2002), os relatos de viagem escritos por mulheres latino-americanas, como *La tierra natal* de Juana Manuela Gorriti, englobam as dimensões da representação e do deslocamento, do novo e do usual, no contexto das relações de poder neocolonial e de gênero. A obra autoficcional em estudo aborda uma construção narrativa ligada à história pessoal do escritor de viagens (outra representação em si mesma) e suas múltiplas interseções com o histórico e com a localização geográfica.

A experiência evidente do deslocamento, vivida por Gorriti ao longo da narrativa, dá forma e sentido a sua própria vida, considerando que é no deslocamento espacial constante, realizado nas diferentes etapas de sua existência, mais do que no movimento físico, que se dá a experimentação de mudança em um mundo fragmentado, de acordo com Grzegorcyk (2002, p. 60). A compreensão da vida pode ocorrer, assim, através do ir e vir espacial e temporal.

A singularidade da memória, apontada por Ricoeur (2007), ao afirmar que as lembranças de uma pessoa jamais serão as de outra, é algo significativo para os estudos de autoficção. Embora as lembranças tenham um caráter individual sempre contêm, também, em sua essência elementos da coletividade, bem como as lembranças de Gorriti.

Na obra *La tierra natal*, Gorriti reconhece os lugares pelos quais passou na infância, ao realizar a viagem no espaço, ocorre a viagem da memória. Como diz Halbwachs (1990, p. 53), sobre o percorrer antigos bairros de uma grande cidade, trata-se de uma visita que propicia uma satisfação particular, pois traz a evocação do passado sobre a história daquelas ruas e casas. Ali serão encontradas informações novas e que parecem familiares, porque se amoldam às nossas impressões. Ao aproximar-se de Salta, reflete a autora-narradora:

yo, sentada en un tronco de una tala derribado, contemplaba, buscándolos en el recuerdo, aquellos sitios conocidos en otro tiempo, ahora del todo cambiados. El progreso, invadiéndolos, habíalos grandemente embellecido. La casa solariega de doña Nicolosa Boedo, aquella matrona tan santa, y como hija, esposa y madre, tan desventurada; la casa vetusta como yo la conociera, estaba todavía como antes, con sus galerias de gruesos pilares cuadrados y sus techos de tejas rojas; pero otro dueño moraba; sus antiguos habitantes habían desaparecido (2007, p. 25).

*La tierra natal* inicia no local da infância, na origem, na volta ao lar, na vida no campo e na companhia da família lembrada, na casa reconstruída no exercício da memória. Ao longo da viagem há o resgate das histórias da família e da pátria, demonstrando a presença das memórias coletiva e histórica, estudadas por Halbwachs (1990), além da memória individual. As lembranças da infância são, igualmente, muito significativas:

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 48).

Juana Manuela Gorriti reencontra os lugares da infância, o seu espaço existencial, a sua origem ao chegar a Salta. E assim se forma o jogo temporal, o presente e o passado confundem-se e entrelaçam-se:

En el curso de aquel día vi desfilar a lo lejos, rápidos como en sueños, sitios conocidos y poblados de recuerdos: Trancas, Candelaria, Obando, Arenal, Saucos, Rosario.  
!Qué de veces, cuándo niña, había ido allí, llevada en brazos por tata Belcho, o por el viejo Gubí, (...)  
!Qué larga y desastrosa epopeya, entre el presente y ese lejano pasado! (2007, p. 19)

Os tempos na narrativa autoficcional narram um passado no presente para perpetuar-se no futuro. Ricoeur (2007, p. 364) cita Santo Agostinho: “O presente do

passado é a memória, o presente do presente é a visão; o presente do futuro é a expectativa.” Em *La tierra natal*, o convívio entre os tempos presente e passado fazem parte da obra autoficcional como reflete Ricoeur (2012):

Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o tempo habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado (RICOEUR, 2012, p. 159).

Ao rever Salta (2007, p. 42-43), Gorriti revê duas pátrias, a do passado e a do presente, tratadas como *Patria Nueva* e *Patria Vieja* e descreve-as. *Patria Nueva* formada por mal intencionados, dispostos a invadir o solo pátrio, já a *Patria Vieja* era formada por heróis, patriotas e guerreiros chefiados por Güemes que lutaram contra os espanhóis. E segue a recontar e mitificar a história de Güemes, a quem idolatra como herói nacional. Ao referir-se a *Patria Nueva* e *Patria Vieja* refere-se aos vencedores e aos vencidos, aos federalistas e aos unitários. Juana Manuela enaltece o período da Argentina na qual o seu pai figura como um grande representante político e militar, classificando como heróico o passado do país.

A obra, assim, constitui-se como uma narrativa memorialística sobre a estadia na cidade natal com duração de 20 dias marcados pelo afeto dos amigos. Juana Manuela hospeda-se na casa de Luis Güemes, um dos filhos do general, família muito ligada a de Gorriti. A emoção do reencontro é assim descrita:

En una revuelta del camino divisamos detenido un carruaje y un grupo de tres hombres, al parecer en espera. Eran dos jóvenes y un anciano de barba y cabellos blancos.

Nunca había visto aquel hombre; pero apenas mis ojos se fijaron en él, aún a la distancia de dos cuadras y exclamé llorando:

¡Luis!

Era Luis Güemes, a quien no veía desde que, niño él, yo muy joven nos separamos.

Sus compañeros, Martín y Domingo Güemes, sus hijos, gallardos jóvenes dotados ambos de la belleza viril que distingue a la familia de ese nombre.

- ¿Cómo es que vives, ñaña mía?

-¿Cómo es que vives, ñaño mío? –exclamábamos Luis y yo, llamándonos con esa dulce apelación quechua que significa hermano y pensando en nuestros largos años de infortunio.

Y, abrazándonos, llorábamos.

Luis mandó a sus hijos en carruaje que había venido a buscar a Centeno.

- Charlen los mozos -les dijo- de las cosas del presente. Nosotros vamos a hablar del viejo tiempo.

Platicando sobre el pasado desvanecido, llegamos a Portezuelo, abra situada entre dos espolones del San Bernardo, de donde se divisa la ciudad (2007, p. 32-33).

De acordo com Fleming (2010, p. 75), *La tierra natal* foi precursora de um relato

marcado pela região norte argentina, a considerar que, a partir desta publicação de Gorriti, vários autores passaram a produzir textos, tendo como mote a mesma localidade, alguns deles: Joaquín Castellanos, Juan Carlos Dávalos, Daniel Ovejero, Raúl Galán, Manuel Castilla, entre outros.

### **3.2 A fabulação da história biográfica, a reinvenção da própria vida, a seleção dos eventos narrados e o caráter terapêutico**

Um livro é o companheiro de viagem da autora-narradora. No início da obra, Gorriti anuncia levar uma publicação recente sem apresentar a autoria ou o título do livro e diz que nem sequer o abriu, devido ao grupo de literatos no mesmo vagão e próximos a ela, estar lendo o mesmo livro e criticá-lo ferozmente. E segue Juana refletindo sobre o papel do escritor e a relação com a crítica:

Ah! Necesaria es la fruición inefable del escritor al dar la luz un libro, para que pueda sobreponerse al terror de entregar ese hijo de su corazón y de su pensamiento, al diente chacálico de los Zoilos, esa temible jauría que ahora veía yo mascar el que tenían en las manos con los refinamientos de una acerba animosidad (2007, p. 16).

Como escritora, Gorriti observa e escuta os diálogos dos passageiros no trem e a fabulação, a ficcionalização, o exercício do relato feito através da memória e do imaginário ocorre ao recontar os diálogos ouvidos naquela ocasião. A crítica de Juana Manuela ao mundo feminino declara-se na narração da conversa sobre a moda e as observações sobre os trajes dos passageiros: “A mi izquierda, lado opuesto de los críticos, un conciliábulo femenino cuchicheaba fruslerías” (2007, p. 16). Jöel Candau afirma “A parte da lembrança que é verbalizada (a evocação) não é a totalidade da lembrança”. (CANDAU, 2012, p. 33). O relato é, por conseguinte, sempre fragmentado, selecionado e fabulado por quem narra. Os fios da memória são entrelaçados, misturando a ficção e a realidade e dando forma à colcha de retalhos de *La tierra natal*.

A autora-narradora, como testemunha da história da Argentina, seleciona fatos históricos e reconta os eventos ficcionalizando-os. Refaz trajetos, reproduz e imagina falas e gestos de personagens históricos, são as imagens guardadas na memória, no entanto não são memórias suas, mas sim as memórias dos outros, dos familiares que na obra são imaginadas, fabuladas, ficcionalizadas por Gorriti. A memória coletiva e a memória histórica fazem parte do relato.

Ao reencontrar-se com Germán Torrens, filho de Juan José Torrens, casado, assim como o irmão, com uma das netas do General Pablo Latorre relembra que o amor dos dois casais foi o motivo para o estabelecimento da paz entre famílias separadas por um longo período, em função da guerra. Germán trata-a como tia e a recebe com muito carinho em sua residência, juntamente com a sua esposa e com a sua prima (2007, p. 20-21).

Ao rever Salta, Gorriti parece fechar os olhos para as imagens do tempo presente, parece visualizar apenas a Salta do passado e conduz o leitor na viagem temporal. Sobre a casa natal, Bachelard ressalta o significativo papel, a sua representatividade na vida do sujeito: “além das lembranças, a casa natal está fisicamente inscrita em nós. (...) a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar” (BACHELARD, 1996, p. 206-207).

Juana Manuela admira-se diante da beleza da cidade redescoberta: “Salta! Qué bella estaba! Qué engrandecida!” (2007, p. 33). O leitor parece acompanhar a narradora em seu passeio, no qual ela relembra os lugares da infância, descreve a cidade e menciona os nomes por onde passa: as planícies do Campo de la Cruz, as margens do Arias; a ponte de San Bernardo; o antigo convento de Belermitas (no momento da escrita de Juana Manuela: Mosteiro de Capuchinhas); igreja da Viña; santuário da Candelaria; Convento de San Francisco; Catedral; praças; jardins; antiga Matriz; além de locais públicos, exclama alguns nomes de falecidos: Carmela, Genoveva.

Bachelard afirma que a infância permanece sempre com o sujeito e que é no encontro com a etapa inicial da vida que se dá o recomeço, no caso da escritora na velhice:

As lembranças pessoais, claras e freqüentemente expressas, nunca hão de explicar completamente por que os devaneios que nos reportam à infância têm tal atrativo, tal valor de alma. A razão desse valor que resiste às experiências da vida é que a infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar (BACHELARD, 1996, p. 119).

Para Candau (2012, p. 9), “memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”. Destaca-se, entre os momentos mais importantes da narrativa, a ocasião em que ela avista o lar da infância e, no lembrar a origem, inicia-se o processo de recomeço de vida na ancianidade. Juana Manuela, ao narrar o passado, atualiza-o, a casa tem outro dono, a incompletude do lugar é também a da vida: “Más allá estaba nuestra casa!... hoy... de otro dueño; había sido echada abajo y el lugar que ocupaba hallábase vacío, como en la vida, el

de sus antiguos moradores” (2007, p. 34).

Na sequência, após rever a antiga morada, como aponta Miseres (2012), apesar de considerar positivo o crescimento, o progresso, a modernização da capital da província, Juana Manuela lamenta a aglomeração de edifícios desconhecidos, nos lugares onde antes havia construções e casas que fazem parte das suas lembranças:

Haciendo ángulo a ese sitio de tristes memorias, en el solar donde en mi tiempo obstinábame en durar un vetusto edificio coronado de un balcón que la gente llamaba el Pretorio de Pilatos, un bello teatro con su elegante peristilo da frente a la Escuela Normal, construcción moderna de buen gusto, ocupado por un excelente plantel de educación (2007, p. 34-35).

Segundo Candau (2012, p. 16) é na restituição da memória desaparecida de alguém que se restitui a sua própria identidade. Ao percorrer as ruas de Salta, Gorriti emociona-se, deseja caminhar por todas as ruas, refazer todos os trajetos da infância, busca, deste modo, reencontrar a si mesma:

Yo habría querido recoger a pie y con la devoción de un peregrino esas calles, y contemplar detenidamente aquellos sitios que fielmente había guardado el recuerdo; pero la velocidad de nuestro carruaje, apenas me daba tiempo de nombrarlos: - La gasa de Grañal!, la del Costel! (2007, p.35).

O caráter terapêutico já citado também pode ser percebido em *La tierra natal* – embora, comparando-se a *Lo íntimo*, está menos presente – como forma de superar a velhice, como meio de reconstruir-se, afinal Juana Manuela encontra-se em ruínas como a cidade, velha e enferma:

A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária (BACHELARD, 1996, p. 94).

Grzegorczyk (2002, p. 59-60) reitera o significado das ruínas, elemento repetido na obra de Gorriti, que pode ser entendido como deterioração e como ligação entre a terra e os seus habitantes, simbolizando a persistência. As ruínas são as responsáveis pela construção da história e evocam eventos do passado colonial, das guerras civis e da infância da autora.

Ao aproximar-se o dia da partida de Salta, um grupo de jovens organizou um baile de despedida em homenagem à escritora Juana Manuela que, ao saber sobre o evento,

comove-se: “¡Un baile a una vieja!” (2007, p. 75) O local escolhido foi o Teatro de la Victoria, transformado em salão imenso e decorado de forma luxuosa, havia muitas pessoas presentes, entre elas, o jovem governador. A primeira dança foi a pedido da homenageada: “Pidieronme la elección de la pieza danzante con que debían comenzar; y yo, buscando en el recuerdo de mis mocedades elegi una vejez, pero una vejez graciosa en todos los tiempos por su lisísima desenvoltura: la cuadrilla lancera” (2007, p. 75).

Apesar de referir-se à música, Juana Manuela parece descrever a forma como lida com a própria velhice, com naturalidade e sem esconder a passagem do tempo. Hincapie (2002, p. 157) afirma que Gorriti retrata-se como uma "velha senhora", em parte porque isso também permite a ela algumas das expectativas do discurso feminino, mas também porque, desta forma, ela pode estabelecer a voz autoritária da sabedoria da velhice. Ao descrever a juventude, a narradora parece contemplar o futuro e o faz de modo sempre otimista, tendo em vista que os jovens são retratados de modo bastante positivo por Juana Manuela. No fragmento a seguir, a narradora menciona a alegria das jovens e recorda com tristeza a sua própria juventude, marcada pela guerra que ocasionou a retirada da família da terra natal:

Mientras las muchachas hundían curiosas miradas en el interior de los carruajes, y reían, platicando actualidades con la alegría de la juventud, yo silenciosa, la mente en las lejanías del pasado, volví a ver ese campo que medio siglo antes crucé, parte integrante de una numerosa familia, entre los restos de un ejército, huyendo de la muerte, ante las lanzas sin cartel de un vencedor inexorable que nada respetaba, ni sexo, ni juventud, ni belleza (2007, p. 73-74).

Outra menção positiva às jovens dá-se na descrição do baile organizado em sua despedida: “El grupo de pícaras muchachas que vino a mí con aquella demanda, se fue riendo. Pero ellas mismas bailaron la hechicera danza, con gracia tal, que si el compositor hubiera podido verlas, habría caído a sus pies” (2007, p.75).

A escrita na velhice é a forma escolhida para registro da memória de outras idades. Iglesia (1994) ressalta o caráter terapêutico no exercício tanto da escrita memorialística como da viagem: “Poner el cuerpo a prueba en el viaje o en la escritura significa, otra vez, exorcizar la muerte” (IGLESIA, 1994, p.15). Como viajante, Juana Manuela transita entre a fragilidade e a coragem, características de uma mulher idosa e imigrante.

O sexo e a idade avançada permitem qualificá-la como ser frágil, por sua vez o exílio, a imigração, a construção e a reconstrução de seu espaço na sociedade, o enfrentamento de guerras, a dificuldade financeira, a atuação como mulher escritora no

século XIX, a luta por profissionalização na carreira literária permitem qualificá-la como forte. Ao elencar os motivos de fragilidade e de força, torna-se evidente que são maiores os motivos para considerar Juana Manuela Gorriti uma mulher valente. Em *La tierra natal*, não há comentários recorrentes da autora sobre doença ou dor, diferentemente de *Lo íntimo*, no qual a autora escreve bastante doente, e, em virtude disso, lamenta a dor e reflete sobre a proximidade da morte.

Entre as homenagens prestadas à Juana Manuela Gorriti durante sua estada em Salta, a mais comovente foi, sem dúvida, a caneta presenteada por uma comitiva representante da juventude saltenha:

Era una bella pluma tallada en oro purísimo, y adornada con un rico brillante y este mote afectuoso: Recuerdo.  
Verdadera obra de arte, semejava un rayo de sol bajo la estrella de la tarde. Con profundo enternecimiento recibí aquella ofrenda tan amable, tan fraternal; y prometí a mis favorecedores emplearla en loor de Salta. Hoy cumplo esta promesa (2007, p. 93).

Ao receber o presente a escritora reafirma seu legado, sua responsabilidade, sua missão como representante de Salta, como porta-voz de seu lugar de origem, o que muito a honra.

### 3.3. A memória individual e a memória coletiva

Ao mencionar momentos da guerra em *La tierra natal*, Juana Manuela recorre às memórias dos outros, dos familiares e dos amigos aqueles a quem deseja reforçar a imagem de heróis, utiliza-se, portanto, da memória coletiva: “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 36).

A memória das tragédias coletivas embasa em parte a identidade historicizada, de acordo com Candau (2012). A memória de um grupo pode ser formada a partir de uma memória histórica com as lembranças de um passado prestigioso, no entanto, com freqüência, a memória do sofrimento compartilhado é o que alimenta a memória histórica (CANDAU, 2012, p. 151). Juana Manuela Gorriti guarda a memória de uma história marcada pelas guerras, pelo exílio, pelas perdas familiares e as retrata através da

literatura. Ao recontar eventos históricos e ressaltar a presença, o heroísmo e a liderança do pai no fragmento a seguir, Gorriti compõe a sua narrativa autoficcional, na qual estão imbricadas as memórias, individual, coletiva e histórica:

La ciudad estaba aterrada.

El gobernador, hombre honorable pero escaso de fibra, declarábase incapaz de medida alguna para reprimir la audacia de aquellos foragidos.

Pero había un hombre era el general José Ignacio Gorriti, su Diputado en el primer Congreso sudamericano, el vencedor de Río Chico; de quien Pache Gorriti era hermano (2007, p. 59).

Em outro episódio descrito da obra, durante o trajeto para Salta, um “gauchípolítico”, como denomina Gorriti, reconstrói momentos da guerra, utilizando-se da memória coletiva e da memória histórica para professar seu pensamento. O excesso de partidarismo no discurso e a defesa aos federalistas importunam Juana Manuela: “Nosotros escuchábamos aterrados el terrible relato que todos conocíamos, pero que en la boca de aquel hombre, de aquel testigo ocular de tan extraña serenidad, tenía algo de más lúgubre todavía.” (2007, p. 23). Em determinado ponto do discurso, no qual descreve o cenário do horror da guerra, Juana pede ao homem que se cale em nome de Deus, pois não apenas a descrição sangrenta, mas a posição política, contrária a sua, a perturbam. O diálogo ocorre ao chegar ao local de destino, a autora-narradora comemora: “Felizmente llegábamos al Río de las Piedras, que me pareció un paraíso, tras el río de sangre en que nos traía envueltos aquel lúgubre narrador” (2007, p. 24).

Halbwachs (1990, p. 37) considera a memória histórica como uma memória emprestada, tendo em vista que não é uma memória pessoal, trata-se, sim, de uma bagagem de lembranças históricas carregadas pelo sujeito, podendo ser ampliada pela conversação ou pela leitura. A diferença entre memória autobiográfica e memória histórica, segundo Halbwachs (1990, p. 37), consiste em que a primeira se apoiaria na segunda, porque toda história pessoal faz parte da história em geral, sendo a segunda bem mais ampla do que a primeira. A memória histórica não é capaz da representação do passado senão sob uma forma resumida e esquemática, a memória pessoal, autobiográfica, por sua vez, pode apresentar um quadro bem mais contínuo e mais denso. Como afirma Halbwachs:

Quando dizemos que o indivíduo se conduz com a ajuda da memória do grupo, é necessário entender que essa ajuda não implica na presença atual de um ou vários de seus membros. Com efeito, continuo a sofrer a influência de uma sociedade ainda que tenha me distanciado: basta que carregue comigo em meu espírito tudo o

que me capacite para me posicionar do ponto de vista de seus membros, de me envolver em seu meio e em seu próprio tempo, e de me sentir no coração do grupo (HALBWACHS, 1990, p.83-84).

Todo o grupo tem sua própria memória e sua própria representação temporal. Cidades, províncias, povos fundem-se para formar uma nova unidade, o tempo comum amplia-se e pode avançar mais no passado, pelo menos assim será para a parte do grupo, que procura resgatar as suas tradições mais antigas. E segue Halbwachs: “cada sociedade recorta o espaço a seu modo, mas por sua vez para todas, ou seguindo sempre as mesmas linhas, de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 111). Juana Manuela vê Salta e reencontra o passado, tenta rever a cidade da infância em meio a edifícios desconhecidos: “¡Salta! ¡Salta! –exclamaba–. Y mis ojos vagaban sobre aquella aglomeración de edificios desconocidos que se asentaban en la área de otros que yo dejara y que ahora reclamaba la memoria” (2007, p. 34).

No início de *La tierra natal*, a autora-narradora declara o sonho realizado ao empreender a viagem para Salta, considerada por ela um milagre. Trata-se a si mesma, em um momento da narrativa, na terceira pessoa, qualificando-se como *viajera*. O afastar-se de si mesma ao preferir o uso da primeira pessoa é um traço da autoficção, é o “eu” que se vê como personagem:

Tantas veces habíase desvanecido la esperanza de volver a ver el amado país, que, confiando ya sólo en un milagro, volvíme hacia. (...) al tornar de largo destierro, sintió el gozo que llevaba en el corazón la viajera que, un día diez y siete de agosto, se embarcaba, camino de Salta, en el ferrocarril al Rosario. Aquel momento tan largo anhelado, parecíame un sueño y estrechaba fuertemente una contra otra, mis manos para persuadirme de estar despierta (2007, p. 15).

Nas obras memorialísticas, “la meditación sobre el pasado sólo se justifica cuando lleva a una estética de reconstrucción, estética en la que el pasado individual todavía no ha encontrado lugar” (MOLLOY, 1996, p. 117). Os relatos de memória de Gorriti ocorrem desse modo, como se pode perceber em *La tierra natal*, na qual o exercício da memória de transposição da recordação é guardado e fabulado. Ao finalizar *La tierra natal*, Juana Manuela lamenta que, provavelmente, não regressará mais a Salta e recorda o dia da partida familiar para o exílio:

El silbato de la locomotora hizo oír su chillido estridente: el tren se detuvo.  
-Hemos llegado al Tala-dijo, interrumpiéndose, el narrador, que nos saludó y bajó,

diciendo:

-¡Gracias a Dios! Ya estoy en mi tierra.

¡Ay! ¡Yo dejaba la mía!

¿Volvería a verla más?

Probablemente, no.

Sin embargo, dejábala, ahora, no cual en aquel tristísimo día de otro tiempo, desgarrada, llorosa, amenazada de muerte, sino esplendente, radiosa, abierto su fecundo suelo a todas las vías del progreso humano, con una juventud brillante, engrandecida por el trabajo y la libertad, herencia santa, que nuestros padres a precio de sangre, la conquistaron en los campos de gloria” (2007, p. 112).

Ao tratar do espaço habitado, do lugar da memória, Ricoeur (2012, p. 157) caracteriza como eloquentes e preciosas as lembranças das moradas e das viagens, porque tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas. Conforme descrito em *La tierra natal*, Gorriti, ao chegar a Salta, hospeda-se na casa do antigo amigo de infância e, ao contemplar a cidade, que é o espaço da memória da infância, rememora:

Cuando sentí la casa en silencio y que todo en ella dormía, me levanté, abrí la puerta que daba al salón y apoyada en la reja de una ventana pasé las horas de la noche contemplando al cielo de Salta, resplandeciente de estrellas y aquella fracción de la ciudad, aquella larga calle de sur a norte la atraviesa, familiar para mí, en otro tiempo, hoy desconocida, con sus casas renovadas y, a esta hora, silenciosas como los mansoleos del cementerio (2007, p. 39).

No encontro com amigos de infância, Juana Manuela, recém-chegada a Salta, retrata a memória individual e a memória compartilhada:

Eran las tres de la tarde y todavía estábamos sentados en la terminable sobremesa, rodeados de un círculo que a cada momento crecía y se estrechaba más en torno nuestro: amigos que llegaban, conocidos de otro tiempo. (...) Y así, iba con gozo y pena a la vez, encontrando en las hijas y los nietos, los rasgos familiares de aquellos que dejé actuando en los caminos de la vida y que ahora ya sólo existían en mi memoria (2007, p. 36-37).

Juana Manuela é peregrina, imigrante, busca a identidade, o autoconhecimento, o reencontro com a morada da infância é metáfora do reencontro consigo. O deslocamento faz parte da vida da autora-narradora, que busca o lugar de origem para encontrar-se a si mesma: “Meu lugar é onde está meu corpo. Mas colocar-se e deslocar-se são atividades primordiais que fazem do lugar algo a ser buscado” (RICOEUR, 2012, p. 157).

### 3.4. O hibridismo de gênero

Da mesma forma que em *Lo íntimo*, o hibridismo de gênero ocorre em *La tierra natal*, reafirmando o caráter autoficcional das narrativas em estudo. Luz Hincapie (2002, p. 11) reconhece que há uma dimensão ficcional em toda a escrita de viagens, o que não significa afirmar nem a inexistência da precisão histórica da viagem narrada, nem a importância do texto para a construção textual da identidade. O relato de viagens é considerado pelo teórico como documentação e fuga de uma só vez. Sobre o hibridismo de gênero, Hincapie (2002, p. 17) salienta que autores como Paul Fussell, por exemplo, consideram o livro de viagem como um amálgama de diversos elementos literários. Hincapie (2002, p. 162) destaca ainda que o relato de viagens mistura texto documental com autobiografia, com anedota, com comentário social. Percebe-se a predominância do gênero conto ao longo de *La tierra natal*, tais como os selecionados e numerados a seguir.

O primeiro trecho do denominado Conto 1 narra a história de amor de Martita, que inicia com a apresentação da personagem, através da descrição: “Martita, última hija de la señora Castellanos, era una solteroncita de cuarenta años, si no bella, graciosa, elegante y sentimental” (2007, p. 47). E, na sequência, o pequeno diálogo com a Senhora Velazco, de quem era amiga, revela que algo estranho ocorrera no passado da personagem Martita e conduz o suspense narrativo. Através da voz da narradora, Senhora Velazco diz: “perdona querida mía, el haber tocado una herida que tu serena alegría hacía imposible imaginar. En nombre el afecto que nos une, ¡habla! ¡confía a tu amiga el dolor que vive latente en tu radiosa existencia” (2007, p. 47).

Ao narrar a história, Gorriti recorda ter presenciado a conversa entre as duas senhoras quando criança e tal fato despertou, desde então, o seu interesse por conhecer a história de Martita. Foi Larguncha, jovem costureira, conhecedora da vida de todos da província de Salta, contadora de histórias que recebia pagamento por suas narrações orais, quem revelou a Gorriti o passado da mulher. Com essa pessoa, Juana Manuela aprende um modo de transmissão das histórias fracionadas, fragmentadas e do jogo narrativo que mistura a história e a ficção presente nas narrativas autofictionais *Lo íntimo*, *La tierra natal* e *El mundo de los recuerdos*:

Larguncha se desplaza sin dificultad de lo fantástico a lo real. Hilvana los géneros. De modo que la inicia a Juana en su profesión: le da el material literario, los temas, la retórica que cose la historia y la ficción, y le proporciona a su vez una forma para su escritura: la biografía. Finalmente, Larguncha le enseña un oficio (BATTICUORE, 1994, p. 35).

Larguncha conta que Martita, na juventude, apaixonou-se por um capitão, declarado

morto na guerra; a jovem, ao saber da notícia trágica, cortou os cabelos e prometeu ingressar na vida religiosa como carmelita. Porém, a informação era incorreta, pois passado algum tempo o rapaz regressou e foi à procura da amada. Iriam casar-se, no entanto a chegada de uma amiga de infância de Martita, vinda da fronteira para participar do casamento, modifica o rumo da história. Este momento pode ser considerado o clímax do conto, a autora vai indicando a aproximação entre o noivo Felipe e a amiga Irene. Para abandonar a vida religiosa, a qual havia se comprometido, e para agradecer a vida do capitão, a noiva seguiu por nove dias uma viagem em oração e de joelhos por um longo trajeto religioso até um santuário. Ao regressar a Salta, Felipe e Irene haviam fugido juntos e, depois de algum tempo, recebeu a notícia do casamento dos dois.

Interessante notar que, no relato de *Larguncha*, esta, ao finalizar a história, rasga a linha com os dentes, tal gesto pode ser compreendido como uma representação da violenta traição vivida pela jovem. Já o corte de cabelos de Jacinta, ao imaginar a morte do amado, é bastante representativo e simbólico no que diz respeito à feminilidade, como uma renúncia ao amor e à sensualidade, como um ato autopunitivo.

O conto 2 ocorre com a visita à amiga de infância no convento, em que a autora-narradora reconta a história de guerra e ressalta o heroísmo de José Ignacio Gorriti (2007, p. 57-63). Ao avistar o convento, Juana Manuela recorda o tempo no qual o convento pertencia aos freis belermitas e foi transformado em quartel. Relembra a atitude do pai e reforça a imagem de herói: “Un día, en este cuartel, mi padre, colocado en una situación difícil, dio una prueba relevante de la rara energía de su carácter” (2007, p. 57). Ao reproduzir o discurso do pai, Juana Manuela faz uso da memória coletiva e da histórica e não somente da memória individual. Com certeza, o pai relatou à família este significativo momento de sua vida, ao recontá-lo a filha escritora faz uso da fabulação, da ficcionalização, do imaginário que atua junto com a memória, já que é impossível a fala do pai ser exatamente do modo registrado em *La tierra natal*:

- Amigos míos, -les dijo- hemos dado los mejores años de nuestra vida a la conquista de la Independencia. Después de largo batallar, la hemos conseguido: somos libres. Ni un solo enemigo nos queda ya que combatir en toda la extensión americana. Por tanto, nuestras armas sonnos ya inútiles. Nosotros las hemos arrojado para empuñar el arado y sembrar nuestros hermosos campos, que nos dan opimas cosechas, y nos devuelven las riquezas que devoró la guerra (2007, p. 60).

O conto é narrado entre a chegada no convento até o encontro de Juana Manuela com a amiga a quem foi visitar. O pai transforma-se em personagem protagonista e herói

na história, encorajando e motivando os soldados. Juana Manuela narra em terceira pessoa e utiliza um narrador onisciente, com o objetivo de buscar neutralidade no relato, tentando, desta forma, ocultar a voz da filha a proteger a imagem do pai e enaltecê-la. O recontar o episódio da vida do pai aproxima-se da afirmativa de Candau: “é corrente fazer falar os mortos ou transformar-se em seus porta-vozes mobilizando suas memórias no quadro do jogo identitário presente e por vezes ambíguo” (CANDAU, 2012, p. 144). Para Juana Manuela, a figura do pai é significativa na formação, não só de sua identidade, mas da Argentina como nação. A autora defende, exalta e declara a admiração pelo pai não somente nutrida por um amor filial, mas também e, principalmente, pela figura representativa do José Ignacio de Gorriti como um herói nacional. Juana Manuela como uma cidadã argentina e, como uma porta-voz de seu povo, deve expressar gratidão ao herói de guerra e assim o faz nas obras analisadas nesta tese.

O conto 3 revela-se na história de Jacinta e Pedro Santalla (GORRITI, 2007, p. 67-73), cuja temática versa sobre o universo feminino. Fernando, Príncipe de Astúrias, conhece Pedro Santalla e, por admirar-se da habilidade do rapaz com o “tiro de barra” concede-lhe título de nobreza, passando a chamar-se Dom Pedro de Santalla, cavalheiro da Real Barra. Jacinta casa-se com Pedro que se revela agressivo: “Era celoso y brutal, y ultrajaba la virtud, más de una vez expresadas con puños del labriego. La pobre Jacinta sufría en silencio, temiendo el escándalo” (2007, p. 71).

O elemento surpresa do conto ocorre quando, em determinada ocasião, o marido solicita a um capitão amigo seu que acompanhe a esposa em uma viagem distante a cavalo. Durante o trajeto, Jacinta percebe a aproximação estranha do rapaz em uma tentativa de violentá-la, então ela dispara uma bala certeira na frente do agressor e mata-o. O final do conto surpreende o leitor, devido à mudança no comportamento das personagens, a mulher antes frágil e resignada e o marido antes bruto:

Santalla, como lo afirma la bella tradicionalista cuzqueña, Clorinda Matto de Turner, ¿era cobarde? Lo cierto es que, desde entonces, nunca osó acercarse a su mujer sino en son de amor; con la sonrisa en el labio, juntas las manos y plegada la rodilla, cual lo exige la adoración.

Para más adularla, hizo levantar en el sitio del castigo una columna conmemorativa, cuyo zócalo he visto yo de pie, todavía, en mi tránsito por ferrocarril, de Puno a Arequipa (2007, p. 73).

O conto 4 reconstrói a história do avô materno, (2007, p. 76-93), narrada com muita emoção, com a presença da memória afetiva, embora a autora-narradora não tenha

conhecido o avô, falecido jovem, guardando por ele um sentimento de profunda admiração e carinho. A memória coletiva revela-se na história, pois o conhecimento da vida do familiar deve-se a histórias que foram contadas à Juana Manuela sobre ele: “He profesado siempre, cariñoso culto a la memoria de este antepasado, muerto en flor de la vida, y cuya historia es tan original, que no quiero negarle un lugar en estos recuerdos” (2007, p. 76).

O avô Agustín Zuviría teve uma infância pobre, o tio Francisco, que também era o seu padrinho, quis adotá-lo quando a esposa recebeu uma herança, permitindo ao casal uma melhoria de qualidade de vida, mas o pai Joaquín não permitiu. Passado algum tempo, devido ao comportamento rebelde de Agustín, este passa a viver com os tios-padrinhos. Agustín estuda, progride na vida, casa-se e a esposa morre muito jovem. Casa-se novamente, os tios encantam-se com a jovem esposa e desejam que fiquem morando com eles em Buenos Aires. No entanto, os sogros idosos pediram encarecidamente ao genro que permanecessem em Salta para que pudessem desfrutar da companhia da filha. O tio, pai adotivo, jamais perdoou Agustín pela escolha da morada distante.

Em Salta, Agustín fez-se um homem respeitado e admirado por todos, visitava os presos, envia-lhes comida e vinho. Teve quatro filhos, vivia em harmonia com a família. Planejou uma grande festa em Santa Rita, em uma de suas propriedades próxima de Salta, para festejar o aniversário de cinco anos do filho primogênito. Na noite anterior à festa, sonhou com o pai biológico dizendo-lhe *Oreinc* e recordou-se que havia lhe prometido visita quando o filho primogênito, também afilhado de Joaquín, fizesse cinco anos. No dia seguinte, durante a festa, em uma brincadeira de cortar árvore, ao fazer um grande esforço físico, provocou a ruptura de uma artéria. Levado à Salta, antes de morrer, pronunciou a mesma palavra dita por Joaquín no sonho: *Oreinc*.

A autora-narradora afirma que a morte ocorreu no mesmo horário do sonho, o que indica fabulação, não há como certificar-se sobre a coincidência do fato: “Al amanecer de aquella noche, a la misma hora que la visión había venido a decirle: -¡Oreinc! Expiró, repitiendo con triste sonrisa la fatídica frase: -¡Oreinc!” (2007, p. 92). A palavra de origem e significado desconhecidos, *Oreinc*, provoca a indagação do leitor por tratar-se de um elemento indecifrável, um enigma. A história do avô, que foi visitado em um sonho por seu pai, alertando-o de sua morte, segundo Hincapie (2002, p. 145) demarca a aproximação de Gorriti com as histórias orais, revelando não ter a autora pretensões de erudição, posto que incorpora outras fontes de conhecimento à sua narrativa, consideradas na época como sinônimo de ignorância, primitivismo e atraso.

Assim, abraçando essas outras fontes de conhecimento, Gorriti assume sua posição como marginalizada da sociedade, cujo acesso ao conhecimento é dificultado por barreiras de gênero. A forma como Juana Manuela descreve a trajetória de vida do avô é como a de um homem vencedor e bondoso: “La muerte de aquel joven tan bello, tan noble y tan bueno, fue para Salta un duelo general. Desde el poderoso hasta el mendigo todos lo amaban” (2007, p. 92).

O conto 5 está no episódio narrado em terceira pessoa, com a história iniciando quando, ao rever uma janela com grades de ferro, Juana Manuela relembra o local onde antes era a farmácia do Coyuyo, apelido dado ao homem de origem aragonesa, devido a sua voz estridente semelhante ao do pássaro assim nomeado. Após esta breve localização, há uma marca indicativa de início de narrativa – *Un día* (p. 65) – e passa a contar que a senhora de Burgos encarregou à escrava a realizar uma compra na farmácia do Coyuyo.

Tendo dificuldade em localizar o local, a encarregada pede informação ao próprio aragonês sobre se era aquela a farmácia do Coyuyo, pensando tratar-se de um sobrenome e não do apelido odiado pelo homem. Parece que o final encaminha-se com tranquilidade, quando o dono da farmácia ao perguntar à escrava sobre quem a enviara para realizar a compra, entrega-lhe o produto solicitado, a mulher paga. O elemento surpresa instala-se ao final da narrativa, pois o leitor é surpreendido pela atitude do farmacêutico que abre a gaveta e retira um chicote enrolado e dispensa a serviçal. No entanto, ao retirar-se do local, o homem chama novamente a escrava, pedindo-lhe que envie um recado a sua senhora:

- ¡Aguarda, aguarda! –agregó el farmacéutico- Vas a llevar un recadito a su señora. Dile que yo no me llamo el Coyuyo, sino Don Bernabé Fernández de la Higuera. Que le beso las manos, y que se digne recibir el obequio que, no pudiendo darlo a ella en persona, le envío en tus espaldas. Y aferrando, con una mano a la negra y con la otra el látigo, diole una docena de tremendos azotes y se despidió (2007, p. 66).

O fim, além de inesperado, é de uma crueldade atroz. Não há nenhum comentário posterior da autora-narradora, no entanto o evento narrado foi selecionado para compor a obra e uma história como esta ilustra bem a situação da mulher negra no século XIX. Gorriti, ao revelar o acontecimento, impacta o leitor e o conduz à reflexão sobre a violência e o preconceito.

O conto 6 narra a passagem pelo rancho onde vivia Cheba Calatayo, Juana Manuela reconstrói a história da família pobre que ensinou aos poderosos como ser gente:

En aquel rancho que, entre dos corrales se ve allá en la falda del monte, ahora ruinoso y al parecer, vacío, habitaba con su familia Cheba Calatayo, un gaucho del antiguo cuño, que con todo el respeto tributado en aquellos tiempos, por la gente pobre a los señorones, enseñó, cierta vez, a uno de estos, y de magnífica manera, a ser gente (2007, p. 97).

No início desta narrativa, o leitor já sabe como será o final, porque está expressa a lição de moral da família pobre à privilegiada. No entanto, tal fato não invalida o interesse do leitor pela narrativa redigida em terceira pessoa e que inicia com a marca temporal de *un día* e passa a descrever uma noite de tempestade em que Calixto, um homem de posses, expulsa da varanda da sua residência um gaúcho que tenta refugiar-se com o cavalo. O gesto é grosseiro e o homem retira-se humildemente.

A história segue com os preparativos do pai Calixto para uma viagem de Salta a Buenos Aires durante a primavera com a filha Julianita. O texto demarca as dificuldades da jornada. No caminho, um temporal assusta os viajantes e os impede de seguir viagem, eles avistam um rancho e ali são acolhidos por um casal jovem que lhes serve alimentos e fornece-lhes cobertas para abrigarem-se. Quando passa a chuva, decidem regressar a jornada, Calixto, agradecido pela amabilidade do casal, deseja pagar algo para demonstrar sua gratidão ao que o gaúcho solicita-lhe um encargo:

-Que dando de vuelta de Buenos Aires, esté usted en su hermosa casa de Salta, sentado en la galería sombreada de parras, mirando caer una tormenta, y que un pobre se guarezca bajo su techo, no lo despida señor... no lo despida.  
¡Cómo se quedaría Don Calixto, a esta hora, con la evocada remembranza! (2007, p.100)

Percebe-se o interesse de Juana Manuela em denunciar e criticar o modo como se portavam os sujeitos de classe social privilegiada diante dos mais humildes no período retratado. Segundo Sarte, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (1989, p. 21). A autora-narradora parece consciente do papel social do sujeito escritor apontado por Sartre, preocupada em revelar, não somente a sua história familiar e pessoal, mas também a sociedade saltenha do século XIX. Na conclusão de sua dissertação, Hincapie (2002, p. 159-160) destaca que Juana Manuela Gorriti usou seu diário de viagem também para criticar as pretensões das classes sociais mais altas e a traição da geração que segue os liberadores nacionalistas.

A viagem é, portanto, muito mais um fator interno do que externo no relato. A jornada pelo espaço leva à jornada pelo tempo, pois ao avistar os lugares conhecidos, visitados na infância, a idosa retorna à meninice, é um movimento de fora para dentro, do exterior para

o interior. O deslocamento na terra natal provoca a nostalgia, as recordações conduzem a autora-narradora no trajeto e os leitores são convidados a peregrinar juntos pelos relatos de memória ficcionalizados. O local de origem Salta também é o local de nascimento das histórias fabuladas.

E a viagem retratada é um meio de reencontro com o passado perdido e muito desejado por Juana Manuela em sua velhice, que escreve para dizer adeus a esses lugares de sua juventude. Mas a viagem também pode ser compreendida como despedida e homenagem a sua própria vida prestes a concluir, como destaca Hincapie (2006).

A viagem no tempo é realizada através dos registros fixados na memória individual e coletiva. Segundo Iván Izquierdo (2013), a memória está diretamente vinculada às emoções, à afetividade, assim ocorre na obra em análise. Logo da chegada a Salta, a autora-narradora revela sua intensa emoção:

Imposible dormir aquella noche.

Las escenas del largo pasado invadieron mi mente en prolongadas series. Veíame en ellas parte integrante, actuando entre este mundo de seres desaparecidos.

Cuando sentí la casa en silencio y que todo en ella dormía, me levanté, abrí la puerta que daba al salón y apoyada en la reja de una ventana, pasé las horas de la noche contemplando el cielo de Salta, resplandeciente de estrellas y aquella fracción de la ciudad, aquella larga calle que de sur al norte la atraviesa, familiar para mí, en otro tiempo, hoy desconocida, con sus casas renovadas y, a esa hora, silenciosas como los mansoleos de un cementerio (2007, p. 39).

E com a afetividade, também, Gorriti finaliza *La tierra natal* ao despedir-se de Salta: “al dejar aquella tierra bendita, algo traje conmigo de su beatífica atmósfera” (2007, p. 112). A viagem espacial conduziu a viagem da memória e resultou em livro capaz de evidenciar o papel da escritora como mulher viajante, como intelectual influente, como ser autorreflexivo capaz de reconstruir-se a partir do encontro com as ruínas do lugar habitado na infância. Gorriti ao recontar histórias, que não são somente as suas, mas também as dos outros, revela o autoficcional em sua obra, distanciando-se do egocentrismo característico da autobiografia.

**JUANA MANUELA GOBBITI.**

**EL MUNDO  
DE  
LOS RECUERDOS.**



**BUENOS AIRES.  
FÉLIX LAJOUANE, EDITOR**

**(LIBRAIRIE GÉNÉRALE)  
51 — PERÚ — 58.**

**—  
1886**

*(Derechos de propiedad reservados).*

#### 4. A VOZ E O SILÊNCIO DA MULHER VIAJANTE EM *EL MUNDO DE LOS RECUERDOS*<sup>21</sup>

Primeiramente o capítulo aborda o papel de Juana Manuela Gorriti como mulher idosa e peregrina que deseja ser testemunha da história nacional. A voz e o silêncio, a memória e o esquecimento atuam conjuntamente na obra em análise, ora a autora revela, ora esconde sejam fatos históricos sejam experiências pessoais. As etapas da vida: infância, juventude, velhice, a cultura popular e o poder sobrenatural, bem como a alteração da voz narrativa e da oralidade são fatores significativos e, portanto, elencados neste estudo capitular. O tempo e a memória são elementos relevantes na análise do livro, que apresenta um diferencial se comparado aos analisados anteriormente, a presença de dedicatórias. Os sentimentos de gratidão e de patriotismo, a exaltação dos personagens históricos e do religioso, as guerras e as mortes, o amor impossível, bem como o papel do historiador, da literatura da mulher na sociedade também são considerados na análise. O hibridismo de gênero é evidente em um livro que pode ser lido como um romance ou como uma obra de contos, o que reitera, justamente, o tratar-se de autoficção.

##### 4.1. A velhice, a memória, o esquecimento, a infância, a cultura popular e o poder sobrenatural

No século XIX, os relatos de viagem tinham como uma imensa maioria autores masculinos, segundo Francesca Denegri (1996), fato este que comprova o caráter inovador da escrita de Gorriti.

La literatura de viajes en el siglo XIX era uno de los géneros masculinos por excelencia que estaba sostenido por discursos científicistas que pretendían describir el terreno recorrido con un lenguaje objetivo, neutral y especializado. La imagen típica del viajero decimonónico es la del hombre dinámico, moderno y erudito seducido por el saber o por la posibilidad de abrir nuevos mercados para la industria europea. En cambio la imagen de la mujer ideal (...) es la de la criatura pasiva, doméstica, armada de ciertos conocimientos prácticos y de un caudal de sentimientos cristianos, pero de ninguna manera de conocimientos científicos. El peregrino por eso encajaba bien con la imagen de la mujer viajera: el peregrino, como la mujer, no pretende estudiar los secretos del mundo físico, ni pretende tampoco enriquecerse con su viaje; todo lo contrario: el peregrino emprende un viaje que es material e intelectualmente improductivo, y que además, y esto es importante acepta y se identifica con su posición subalterna (DENEGRÍ, 1996, p. 117-118).

<sup>21</sup> A edição selecionada para análise de *El mundo de los recuerdos* é a primeira, de Félix Lajouane, de Buenos Aires, 1889, 378 páginas, a obra está dividida em 21 capítulos, alguns apresentam subcapítulos e dedicatórias.

Juana Manuela pode ser considerada, de acordo com a citação anterior, uma peregrina, pois não redige um discurso cientificista, tampouco utiliza linguagem objetiva, neutra e especializada como fazem os homens viajantes. A escrita de Gorriti é marcada pela emoção, pela memória afetiva, pelas lembranças da infância, pelos eventos familiares e históricos. A memória pessoal leva à histórica, à coletiva, como diz Caballé: “Para muchos el valor de la autobiografía descansa en la acertada fusión entre ambos planos, el histórico y el individual” (CABALLÉ, 1995, p. 46).

Pellizaro (2012, p. 50) concebe memória como reconstrução, o sujeito que escreve cria e transforma a concepção dos acontecimentos. Se a vida traz novos significados, a escrita modifica a existência que nunca parece equivalente ao acontecimento realizado no passado. E, também, cabe ressaltar que: “La escritura refleja el intento de preservar y mantener el pasado” (PELLIZARO, 2012, p. 54).

Segundo Navallo (2010, p. 219), a obra não deve ser classificada como uma autobiografia, mas sim uma série de relatos, atravessados por matiz autobiográfico, na qual se faz desnecessário estabelecer a completa identificação do “eu textual” com o “eu do autor” durante a leitura da obra o leitor firma a relação contratual proposta por Philippe Lejeune.

De acordo com Ana Caballé (1995, p. 81), as obras autoficcionais são obras de maturidade e/ou de velhice nas quais o olhar para o passado impõe um certo domínio sobre a experiência vivenciada. Juana Manuela está idosa ao escrever os relatos de memória analisados na presente tese, confirmando o pensamento de Caballé.

Sulca Muñoz (2008, p.20) reitera a importância da construção ficcional inaugurada pela escritora argentina, ao empreender uma viagem sozinha neste período, sendo ela uma mulher. Ao realizar um deslocamento de larga distância, a mulher demonstra coragem; ao escrever e registrar, revela maior coragem ainda.

O fato de retratar momentos históricos significativos da Argentina, ao longo do relato, transforma a narradora em testemunha, papel desejado e executado por Juana Manuela com orgulho, porque almeja reafirmar a figura do pai como herói nacional, como personagem fundamental na guerra pela independência argentina. Segundo Torres Calderón (2006, p. 27), ao escrever relatos de memória, Juana Manuela Gorriti busca a reconstrução de sua terra e de seu passado.

Del Águila (2011) destaca a autoridade da autora no papel de testemunha: “La

autoridad escritural de Gorriti bien se puede basar en su genealogía. El hecho de que su familia participara en la independencia le otorga más derechos que otros a narrar la historia”. (DEL ÁGUILA, 2011, p. 341)

No início da obra, a escritora dirige-se ao leitor e inicia como nas narrativas autoficcionais analisadas anteriormente, *Lo íntimo* e *La tierra natal*, recordando a infância:

En el fantástico paisaje de los sueños, Allá en los primeros años de la vida, ¿recordais unos extraños mirajes, largas series de reminiscencias que un incidente cualquiera despierta, y que se extienden encadenados en prolongacion infinita? (GORRITI, 1886, p. 6)

Além disto, a autora reflete sobre a memória e o esquecimento: “Brillan como lámparas de vívida luz, despejando horizontes en un pasado inmenso; y rápidas cual surgieron, húndense en los limbos del olvido” (1886, p. 6). E revela o quanto da memória individual é resultado da memória coletiva e histórica; demarcando a importância do relato, do registro dos eventos para a posteridade: “Vosotros, los que venís despues, acostumbraos á grabar vuestros recuerdos en la memoria de muchos, á fin de poder encontrarlos, de poder asirlos, en esta ó en outra existência” (1886, p. 6). A memória do outro, coletiva e não individual, está no trecho em que rememora a juventude do pai ao visitar a Universidade de Córdoba:

Los juveniles recuerdos de mi padre respecto á esos sitios queridos á su memoria, estaban vivos en la mia. Así, al poner el pie en aquel santuario del saber humano, halléme en terreno conocido; y señalaba la topografía de sus localidades, cual si en outra ocasion las hubiera ya recorrido (1886, p. 40-41).

A memória histórica mistura-se à memória pessoal ao escrever sobre a Revolução de Salaberry (p. 289). Ademais, nas menções às figuras públicas ocorre, igualmente, a recuperação da memória individual e da histórica: General Santa Cruz (p. 295), Coronel Nuñez (p. 296), bem como sobre a data de 24 de setembro (p. 295-296). A Febre Amarela, doença que matou muitos amigos de Gorriti (p.178), faz parte do registro da memória individual. A rememoração auxilia na organização do passado e contribui para o autoconhecimento:

Si el eje histórico, los recuerdos, los relatos de los acontecimientos vividos vertebraba la literatura memorialística, en la autobiografía, por el contrario, los recuerdos están sometidos a la tentativa del individuo de interpretarse a sí mismo. La recapitulación implica la ordenación del pasado llevada a cabo por el yo reflexivo (CABALLÉ, 1995, p. 44).

Conforme já foi discutido nos capítulos anteriores da tese, a infância exerce um importante papel na escrita autoficcional, Em *El mundo de los recuerdos*, a autora expressa a saudade do espaço originário, da terra natal, Salta, na página 25. E no capítulo “Luz y Sombra”, no subcapítulo “Aguinaldo”, qualifica este período inicial da vida como bonita idade de ouro, oásis onde se volta sempre com delícia de alma. (1886, p. 55); idade de fé, entusiasmo e amor e lamenta a brevidade desta etapa da vida (1886, p. 56).

Ao rememorar em “Derrotas del heroísmo”, o feito aos oito anos, Juana Manuela apresenta-se como heroína. No relato, a menina para ajudar Guapito, acometido por uma doença contagiosa, utilizou sapos, conforme a sabedoria popular e de origem indígena. No entanto, a reação dos médicos foi de riso, diante da cura milagrosa:

¡oh decepcion! los médicos rieron de la receta de ñor Isidro, achacando á la casualidad, aquella curacion milagrosa. Volviéronse contra mí; asquearon mis manos, que empleara en el manejo de tan inmundos reptiles, y aconsejaron á mi madre me prohibiera, con rigor, esas peligrosas voluntariedades (1886, p. 274).

O desprezo dos médicos à sabedoria popular, à cura através da utilização da natureza (prática indígena) e ao gesto de coragem da menina, ao procurar os sapos para auxiliar o doente, gera frustração, o que pode ser comprovado no título do capítulo-conto. A derrota do heroísmo pode referir-se, igualmente, à decepção de Juana Manuela com a descrença cientificista à cura por meio da natureza, da cultura indígena, da sabedoria popular. Em “El amartelo”, a autora revela seu respeito e sua admiração pelo povo indígena, ao contar a história do soldado Challamunqui e sua trajetória pessoal e profissional como militar.

Sobre a cultura popular, em “Un grupo de caminantes” (1886, p. 145-148), há um relato baseado em história oral. Diante da dificuldade de ultrapassar o rio, Contreras, guia de origem humilde, explica que em uma ocasião um homem tentou cruzar o rio em uma condição adversa como aquela e morreu afogado, e, como seu corpo jamais fora encontrado, sua alma ficou penando pelo local e, por isso, não deveriam seguir viagem, mas aguardar o rio acalmar. Um dos viajantes, Boado, insiste em fazer a travessia, porém o cavalo empaca, ao que o guia explica o fato dos animais temerem o lugar. Por fim, acaba por convencer o grupo sobre a espera.

Sobre o poder sobrenatural, a irmã vidente de Gorriti premedita a morte de Güemes, ocorrida pouco tempo depois da visão e, ao rememorar o fato, a autora/narradora revela:

“He hablado ya en otras memorias del carácter fantástico de esta hermana de mi padre, y de esa rara facultad de leer en el porvenir, que con frecuencia se revelaba en ella”. (1886, p. 336) A relação com a familiar pode, inclusive, ter influenciado a autora para a utilização do elemento sobrenatural na sua literatura, principalmente, nos contos.<sup>22</sup>

Em “El General Martin Guemes”, Gorriti declara a admiração e o afeto, já retratados em outras obras, como em *Lo íntimo* e *La tierra natal*, pelo cunhado, herói de guerra. Em seu registro de memória, guarda e descreve o seu olhar de criança, ao vê-lo pela primeira vez: “Un día, como he dicho antes, mis ojos de niña contemplaron á ese héroe, cuyo nombre oia pronunciar con el de Dios”. (1886, p. 333)

Gorriti, em *El mundo de los recuerdos*, demonstra preocupação sobre as minorias: indígenas, mulheres, homens do campo. Valoriza a história oral, as narrações dos índios, respeita as diferentes tradições e culturas. No subcapítulo XII “Incidentes”, a narradora expõe a dificuldade dos agricultores diante de uma praga de gafanhotos que invadiram as plantações:

Gorriti retoma como punto de partida los discursos marginales de gauchos, índios y de mujeres al margen de la familia idealizada de las élites peruanas, y los entrelaza con el tejido nacionalista dentro del cual produce ficción, de tal forma que queda expuesto el carácter ficticio de los discursos oficiales del patriarcado y del nacionalismo (DENEGRÍ, 1996, p. 86).

A rememoração de um evento sucedido na infância está, também, no capítulo “La longevidad de una frase”, através do relato de uma cavalgada realizada em grupo, na qual Mr. Durand, para tentar acalmar a esposa, com quem recém havia se casado e que estava incomodada com a poeira da estrada, repete-lhe várias vezes a mesma frase: “Mi Sa.Rosarito, ten paciencia! Llegando á Concha, te bañas; te peinas; te perfumas” (1886, p.103). Juana Manuela e outras crianças, que viajavam com ela e com o casal, debochavam da senhora, repetindo em coro a frase dita pelo marido e causando muita raiva na senhora Rosario. O subcapítulo II relata o quanto a frase seguia na lembrança dos adultos ao recordarem as travessuras vividas na infância e o subcapítulo III narra a ocasião em que Juana Manuela reencontra o casal Durand e Rosario por casualidade, num domingo em Buenos Aires e o quanto ele seguia com expressão jovial, apesar de idoso e o quanto sua esposa havia se tornado uma velha e horrível megera, após ouvir o deboche da frase repetida por jovens tanto tempo depois: “Sus ojos, en otro tiempo tan bellos, eran ahora dos puñaladas sanguinolentas, en cuyo fondo se divisaba el infierno” (1886, p.110).

---

<sup>22</sup> (LIMA, 2017)

A senhora Rosario repreendeu às jovens que ficaram rindo, ao passo que a narradora considerou o quanto uma frase pode ser longeva, o que explica a escolha do título para o capítulo:

y yo con la tristeza de la mía, pensando cuántas felicidades, cuántas grandezas y glorias, habían resplandecido, pasado y desvanecido, desde el tiempo en que me aparecieron esos dos protagonistas de este cuento, en tanto que su recuerdo, encarnado en una frase de nula significación, corria, vivo y jugueteando, al través de las edades! (1886, p. 111)

#### 4.2 A voz narrativa, a oralidade, o tempo e a memória

O deslocamento geográfico que parte do Rio Paraná até Buenos Aires, presente nos primeiros relatos da obra *El mundo de los recuerdos*, demarca a trajetória da voz narrativa pelos caminhos da memória, com discurso vinculado ao político e inscrito em um projeto de Estado, atuando como testemunha e voz legítima para refletir sobre a pátria:

Esta aclaración deja entrever que el “yo que escribe” se refiere a sí mismo en tercera persona excepto en aquellos momentos donde reconoce que, (in)directamente por su historia familiar, se relaciona a un proyecto político libertario, lo cual la reposiciona como sujeto femenino dentro de los ámbitos familiar y público (NAVALLO, 2010, p. 221).

O uso da terceira pessoa coloca a autora no papel de personagem literária e histórica: “Gorriti es personaje literario y real del mundo que conocemos” (TORRES CALDERÓN, 2006, p. 56) E reafirma:

Ella es un personaje más y hay muchos “yo”s que se identifican con su creador, pero el personaje de Gorriti se va construyendo cada día hasta que al final de la vida de la escritora nos deja con muchas incógnitas al intimarse con el lector a la vez que se despoja de mitos. Las que escriben autobiografías juegan y ejercen poder literario que muchas veces no es visto por el lector, hombre o mujer (TORRES CALDERÓN, 2006, p. 113).

Ocorre variação de voz narrativa no livro, pois há relatos na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, além da terceira pessoa do singular como mencionado anteriormente. Em “Aguinaldo”, ao escrever sobre o Natal, faz uso da primeira pessoa do plural: “Como los pastores de la Sagrada Leyenda, damos treguas á todos los amargos sentimientos de la vida, para mezclarnos al regocijo de los ángeles que pueblan nuestros hogares; y reimos y cantamos con ellos” (1886, p.53). Em “Un grupo de

caminantes” apresenta os personagens e logo passa ao uso da terceira pessoa para dirigir-se a si mesma como personagem:

quien estas líneas escribe, y una desconocida que, envuelta de piés á cabeza en un gaban de ancho capuchon, se nos reunió en medio á la oscuridad, y marchaba entre el parlero grupo que la dirijia premiosas interrogaciones, obstinadamente silenciosa (1886, p.143).

Cabe ressaltar a presença de marcas de oralidade na escrita, ao referir-se a fala de algum personagem de origem mais popular, como ao dar voz a Contreras: “No diga esa *deshonestidá, jeñor!* (...) Está *empacao, jeñor*” (1886, p. 145).

No capítulo “La longevidad de una frase”, a narrativa, a partir do sexto parágrafo até o final do subcapítulo I, está na terceira pessoa do plural com a recordação do episódio em que regressam em grupo a Miraflores, após um passeio à casa da irmã em Saucos. Passaram-se dois meses longe da residência e a narradora revela a sensação de dois séculos, o tempo relacionado ao sentimento, ao afeto parece maior:

Dos meses de ausencia! Dos siglos lejos de nuestra casa, aquel nido de amor, donde nos esperaban las muñecas, la pajarera, el colmenar, el jardín con sus flores; el rastrojo con sus frutas; mamá Teresa con sus sabrosas meriendas, la despensa con sus riquísimas golosinas... (1886, p. 100)

A memória altera a noção temporal: dois meses parecem dois séculos. E a saudade é da casa, mas também das bonecas, dos brinquedos, da empregada, a quem trata como mãe, e de seus quitutes e de suas guloseimas. Os sabores da memória gustativa, da mesma forma, estão em “El banquete de la muerte” ao retratar o início da guerra, Gorriti escapa do trágico ao saboroso, ao dedicar dois parágrafos na descrição do sabor e da forma como é servida a bebida “leche espuma”:

El ponche llameante fué absorbido traidoralmente por nuestras esponjas; pero saborearnos con delicia la leche-espuma, golosina tan exquisita, que, apesar de la gravedad trájica de los acontecimientos que evoco, merece el honor de un párrafo á su memorla.

Llénanse á medias, de leche azucarada, dos cántaros de plata, que, herméticamente cerrados y envueltos en pieles de carnero, empapadas en agua saturada de sal, colócanse, en angarillas, sobre el lomo de una mula, y se le da un trote de dos leguas, que reduce la leche á espuma.

El frio de la atmósfera, congela el agua embebida en las pieles y la *leche-espuma* que llena los cántaros; y es servida en grandes tazas de porcelana dorada... (1886, p. 301-302)

Além da bebida, Juana Manuela descreve o utensílio onde ela é vertida percebe-se

a presença da memória dos objetos também. Mesmo em momento trágico, ou justamente por estar diante dele, a bebida merece atenção, a rememoração de algo saboroso diante da tragicidade da guerra.

Ao início do livro há uma romântica descrição da paisagem. Com a chegada do anoitecer, o perfume a faz recordar os lugares de infância. É o registro da memória olfativa a manifestar-se: “- Orcones! Iljraflones! Gualialua! –Inurmuraba el labio, aspirando con ansia la brisa embalsamada. y los radiosos mirajes del lejano pasado, alzábanse ante mí cual blancas visiones...” (GORRITI, 1886, p. 11).

Já a memória auditiva está no capítulo “Luz y Sombra”, quando Juana Manuela confidencia ao escutar uma romanza da ópera *Guaraní* e desconhecer a partitura: “la música no es para mí, realmente bella, sino cuando refleja el recuerdo” (1886, p. 62).

Ao início do livro (1886, p. 12), a narradora contempla a entrada de uma noiva à igreja com a música de Verdi, o que conduz a viagem no tempo através da memória. Nas páginas seguintes, Gorriti rememora e relata uma festa na cidade dos Reyes, em Lima, onde a orquestra tocou a mesma música. A música, neste momento, é recordação, o que a torna mais bela, conforme trecho de Gorriti supracitado. A memória, de acordo com Pellizaro (2012, p.50), é responsável por organizar o passado e torná-lo coerente, assim, atribuir maior significado à existência.

Importante tratar da relação entre o tempo da história e o tempo da memória: “Cuando el individuo relata su ser en el mundo, la memoria modifica el tiempo vivido en historia: así presente y pasado adquieren veracidad a través del recuerdo. Tiempo de la historia y tiempo de la memoria son ahora el mismo tiempo” (PELLIZARO, 2012, p. 52). Como ocorrido no relato descrito anteriormente, no qual a memória é evocada por meio da música e o tempo da história, o tempo da memória passam a coexistir.

A menção ao casamento consta no capítulo “Luz y Sombra”, no subcapítulo II “Las dos faces de un miraje” (1886, p. 56-61). Diante do anúncio do casamento feito por Pablo que ingressa no salão onde está a autora, em companhia de outras mulheres, Gorriti diz considerar o casamento a primavera no paraíso com a ciência do bem (1886, p.57) e as ouvintes passam a conversar sobre tudo que envolve o evento: flores, tecidos, brilhantes. A união ocorrerá entre pessoas de classe social diferente: Pablo e Delfina: “Pablo era amanuense en un Ministerio; Delfina hija de un indefinido” (1886, p. 59). Ao dia seguinte do comunicado, o rapaz conta à narradora que Delfina não o ama mais. Indignada com a revelação de que ela ama a outro, Juana Manuela procura a noiva para repreendê-la pela

atitude. Ao encontrar-se com Delfina, esta lhe conta o pesadelo com o noivo, interpretado por ela como premonitório: ao entrar na igreja no dia do casamento, um vulto horrível olha de modo sinistro e faz um sinal de ameaça. Ocorre um diálogo com o fantasma que diz tratar-se da miséria, mostra crianças frágeis, pálidas, famintas, escondidas em seus trajes esfarrapados e anuncia que assim serão os filhos do casal Pablo e Delfina no futuro. A noiva decidiu romper a relação com Pablo em virtude do pesadelo, e, ao agir assim, demonstra acreditar no mau presságio, vindo do inconsciente por meio do sonho.

Em Rosário, a autora reflete sobre os tempos presente e passado ao admirar a cidade: “Yo no la miraba en el presente: contemplábala en el porvenir, cuando extendiéndose en las deliciosas orillas de su río, sea una poderosa metrópoli” (1886, p. 15). Durante a viagem projeta uma nova cidade, imagina a Rosário do futuro, como afirma Caballé sobre o tempo:

Quiénes somos y de dónde venimos, en palabras de Rubén. No hay modo de saberlo sin inquirir qué hemos sido en relación al mundo en que hemos vivido. Y cómo la elaboración honesta de la memoria de lo vivido repercute en la construcción del futuro (un futuro, no cualquier futuro), de modo que la función y responsabilidad de una autobiografía va mucho más allá de ser un género depositario de una experiencia personal. La literatura autobiográfica es también un indicio sólido de la forma en que un hombre, una mujer, una sociedad, encaran el porvenir (CABALLÉ, 2001, p. 40).

Há alteração no uso dos tempos verbais no capítulo “Oasis”, que principia no tempo presente e logo passa ao tempo passado na rememoração dos dias que antecederam o aniversário de Juana Manuela na adolescência. Ocasão na qual ela pede como presente à mãe passear, a fim de juntar flores e frutas para doar às pessoas necessitadas. Tendo em vista o período de guerra, o passeio ao ar livre era considerado bastante perigoso, mas a jovem conseguiu convencer a mãe a realizar o seu desejo. O relato enaltece as qualidades da narradora: benevolente, generosa. Segundo Pellizaro (2012, p. 17) escrever sobre a sua própria vida, como faz a autora ao narrar sobre o fato ocorrido na juventude, é um modo de revelar a si mesmo, exteriorizar e metaforizar as suas experiências e os seus sentimentos. O exercício memorialístico, realizado por meio da escritura, permite reviver o passado, motivado pelo desejo de eternizar-se, conforme Pellizaro (2012, p. 20). Ao escrever sobre si mesma, Gorriti autoelogia-se, direta ou indiretamente.

### 4.3 As dedicatórias, a gratidão, o pai, os personagens históricos, as guerras e as mortes

Convém observar que alguns capítulos-contos do livro apresentam uma dedicatória. A seleção dos nomes (personagens históricos, escritores, intelectuais, amigos) relaciona-se à história narrada.

“Romeria á la tierra natal”, com dedicatória ao Dr. Francisco J. Ortiz<sup>23</sup>, trata do percurso iniciado às margens do Rio Paraná com uma descrição que marca a poeticidade da abertura do texto. Juana Manuela destaca o valor da Universidad de Córdoba o que pode explicar a dedicatória, tendo em vista que o Francisco J. Ortiz ali estudou Direito: “su universidad, célebre por la falange de genios que de ella salieron á ilustrar los fastos americanos” (1886, p. 40).

Em “Longevidad de una frase”, a dedicatória é feita a um colega escritor, Santiago Estrada. A homenagem pode ser atribuída ao literato, tendo em vista que este vive da palavra, portanto, da longevidade da frase, o que também pode ser interpretado como metáfora da imortalidade do artista, através da obra que perdura para sempre.

Juana Manuela faz referência e declara a sua admiração à Eugenia Echenique no subcapítulo intitulado “Córdoba” (p. 17), em visita ao cemitério onde está a referida amiga escritora, reafirmando que a tristeza da morte dos amigos é uma constante nas obras da autora. Gorriti expressa, igualmente, admiração e carinho por outros colegas escritores, como: Mercedes Cabello de Carbonera<sup>24</sup> a quem dedica o capítulo “La vida al pasar” (p. 313, 321, 322), e Rosa Mercedes Riglos de Orbegon, mencionada nas páginas 268 e 343. Em “Francesco, el mercachifle” há a dedicatória para Josefina Pelliza de Sagasta<sup>25</sup>, já no capítulo “El banquete de la muerte” a dedicatória é dirigida a Ricardo Palma<sup>26</sup>, “Chincha” é

<sup>23</sup> Francisco J. Ortiz (Salta, 19 de março de 1840 - Villa Allende, 6 de agosto de 1932) foi um advogado, jornalista e político argentino, que exerceu o Ministério de Relaciones Exteriores de seu país durante a primeira presidência de Julio Argentino Roca. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_J.\\_Ortiz](https://es.wikipedia.org/wiki/Francisco_J._Ortiz)> Acesso em: 17 ago. 2017.

<sup>24</sup> Juana Mercedes Cabello Llosa de Carbonera (Moquegua, 17 de fevereiro de 1842 - Lima, 12 de outubro de 1909), escritora peruana influenciada pela corrente do positivismo e do naturalismo, considerada a precursora do romance realista peruano. Escreveu seis romances de conteúdo social e crítico e numerosos artigos e ensaios publicados na imprensa peruana, sobre temas literários e sociais. Em especial lutou pela emancipação feminina. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Mercedes\\_Cabello\\_de\\_Carbonera](https://es.wikipedia.org/wiki/Mercedes_Cabello_de_Carbonera)> Acesso em: 19 set 2017.

<sup>25</sup> Josefina Pelliza de Sagasta (Concordia, 4 de abril de 1848 - Buenos Aires, 18 de agosto de 1888) foi poeta, jornalista e escritora argentina. Dirigiu a revista "La Alborada del Plata. Lutou a favor dos direitos da mulher. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Josefina\\_Pelliza\\_de\\_Sagasta](https://es.wikipedia.org/wiki/Josefina_Pelliza_de_Sagasta)> Acesso em: 19 set 2017.

<sup>26</sup> Ricardo Palma (Lima, 7 de febrero de 1833 - Miraflores, Lima, 6 de octubre de 1919) foi um escritor romântico, tradicionalista, jornalista e político peruano, famoso principalmente por seus relatos curtos de

dedicado a Mariano A. Pelliza<sup>27</sup> ( o escritor morou na localidade que dá nome ao capítulo), “Epílogo de una tragedia” é dedicado à Clorinda Matto de Turner<sup>28</sup> , “Un grupo de caminantes” é dedicado a Rafael Obligado<sup>29</sup>, “Una conversion” é dedicado a Angel J. Carranza<sup>30</sup>.

O sentimento de gratidão e bondade destaca-se na história de Francesco (p. 195, 207, 211), na qual relata a vida do homem, que enriquece e, anonimamente, ajuda a Hidalgo, quem o auxiliou em momento difícil da vida.

A imagem do pai como personagem histórico, como herói de guerra, presente em *Lo íntimo* e *La tierra natal* também está em *El mundo de los recuerdos*. Em Córdoba, confessa o desejo de conhecer a universidade em função do pai: “Mi padre la llamaba pátria de su espíritu, Allí adquirió la vasta erudición que lo hizo el oráculo de su tiempo; y yo en memoria suya, deseaba visitar su sagrado recinto.” (1886, p. 16). Em Tucumán, no subcapítulo VIII, “Ojeadas en el pasado”, Juana Manuela visita o monumento da independência, local onde se realizou o primeiro Congreso de los Libres, assembleia da qual o pai participou como representante de Salta e enaltece o seu heroísmo: “baluarte inespugable, que resisitó solo, al embate de ejércitos enemigos durante años de continua lucha” (1886, p. 27). E a autora comove-se ao recordar o passado glorioso e os sentimentos que nutriam os valentes lutadores: liberdade, justiça, ordem, riqueza, progresso. Ao final do subcapítulo, a narradora dedica um discurso aos homens mortos na guerra da independência:

Dormid tranquilos el beatífico sueño, ínclitos iniciadores de la grandiosa idea que fermenta en nuestro espíritu; no está léjos la hora en que, cual nosotros, los hijos de todos los pueblos americanos, se alzarán unidos por un mismo pensamiento; cumplirán en los infames que pretenden tiranizarlos, corromperlos ó explotarlos,

---

ficção histórica reunidos no livro *Tradiciones peruanas*. Escreveu poesia, romance, drama, sátira, índole. Seus filhos Clemente e Angélica seguiram seus passos como escritores. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Ricardo\\_Palma](https://es.wikipedia.org/wiki/Ricardo_Palma)> Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>27</sup> Mariano Pelliza (1837 - 1902) Escritor, poeta, historiador e crítico argentino. Foi colaborador da *La Semana Platense* e da *Revista Argentina*. Disponível em: <[https://fr.wikipedia.org/wiki/Mariano\\_Pelliza](https://fr.wikipedia.org/wiki/Mariano_Pelliza)> Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>28</sup> Clorinda Matto de Turner (Cuzco, Peru, 11 de novembro de 1852 - Buenos Aires, 25 de outubro de 1909) foi uma escritora peruana, precursora do gênero indigenista. É considerada como uma das precursoras do romance hispano-americano . Inspirou muito as mulheres em todos os lugares por sua escrita subversiva e em favor dos indígenas. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Clorinda\\_Matto\\_de\\_Turner](https://es.wikipedia.org/wiki/Clorinda_Matto_de_Turner)> Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>29</sup> Rafael Obligado (Buenos Aires, 27 de janeiro de 1851 - Mendoza, 8 de março de 1920) foi um escritor, poeta e acadêmico argentino. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Rafael\\_Obligado](https://es.wikipedia.org/wiki/Rafael_Obligado)> Acesso em: 19 set. 2017.

<sup>30</sup> Angel Justiniano Carranza (Buenos Aires , 5 de setembro de 1834 - Rosario, novembro de 1899), foi um advogado , escritor , historiador e biógrafo argentino. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81ngel\\_Justiniano\\_Carranza](https://es.wikipedia.org/wiki/%C3%81ngel_Justiniano_Carranza)> Acesso em: 19 set. 2017.

ejemplar justicia,y um abrazo de fraternidad hará, de la América Latina, desde el golfo de Darien hasta el estrecho de Magallanes, la grande y gloriosa nacion que vuestra mente divisara en un profético miraje .....(1886, p. 29)

A atualidade do fragmento sobre a América Latina comove e faz pensar, já que o texto literário imbricado do social, do político e do histórico, provoca e instiga o leitor. O desejo de união entre os povos latino-americanos e do fim da tirania e da exploração destes povos, revelado pela autora argentina, em 1886, segue uma utopia. O sonho de gloriosa nação é uma triste miragem.

A figura do pai como idealizador do cortejo fúnebre para Güemes denota o papel de ambos como heróis: “Mi padre, Gobernador de Salta, aprovechó esa tregua para cumplir un deber caro á su alma. Con una solemne convocatoria, llamó á los amigos de Güemes, para que lo acompañaran á rendirle los últimos honores” (1886, p. 338). E a seguir:

Tengo presente todavia, el espectáculo de ese cortejo fúnebre, que vi atravesar las calles de Salta, conducido por mi padre vestido de luto y llevando de la mano á dos niños: Martin y Luis Güemes. Los huérfanos, sin conciencia de su desgracia, miraban con asombro en torno suyo (1886, p. 339).

Outros heróis de guerra são mencionados por Juana Manuela, como o General Pedernera (1886, p. 331) a quem dedica o capítulo-conto “El General Martin Güemes”. Ao final deste capítulo-conto, Juana Manuela lamenta a ausência de novos heróis e enaltece os que lutaram na guerra da Independência na Argentina: “Grato es y saludable para el alma, en nuestra época descreida y degenerada, evocar el recuerdo de esos hombres sublimes, y seguir la huella de luz que dejaron en pos de sí, aureola de la eterna beatitud.” (1886, p. 340) Em “Miraflores”, menciona os que morreram lutando pela pátria peruana: Iberico, La Jara, Colina, Pignateli, Lavalle, Sanchez, Pino, Barron, Gomez, Alfaro ... paz á vuestra gloriosa tumba (1886, p. 347). Em “Derrotas del heroísmo” há a dedicatória ao doutor Ramon Castilla<sup>31</sup>, o capítulo dirige-se ao político, conhecido como progressista e redentor do índio, o que pode ser compreendido, já que no relato de Juana Manuela a cultura indígena é tematizada.

Em VI “La Ciudadela”, Gorriti recorda a guerra ao cruzar pelos campos: “En él nuestros padres abatieron el perdón ibérico; en él despues, en guerra fratricida, perdieron

---

<sup>31</sup> Ramón Castilla y Marquesado ( Tarapacá , Vice-Reino do Peru , 31 de agosto de 1797 - Tiliviche, Tarapaca , Peru , 30 de maio de 1867 ) foi um militar e político peruano que se tornou presidente do Peru em duas ocasiões: 1845-1851. É considerado o primeiro presidente progressista e inovador da república peruana. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Ram%C3%B3n\\_Castilla](https://es.wikipedia.org/wiki/Ram%C3%B3n_Castilla)> Acesso em: 19 set. 2017.

patria y hogar...” (1886, p. 22) Em “Á dos pasos de la muerte”, o espectro da guerra volta a rondar a protagonista na recordação dos militares mortos em combate na Bolívia: General Blanco, Presidente da Bolívia, Latorre, general Córdova com seus setenta companheiros de prisão, Gamio y Herencia Zevallos, Pignateli (1886, p. 88).

Em “La vida al pasar” no subcapítulo “En la guerra civil”, Juana Manuela relembra a situação da cidade de Lima:

La riente Lima está triste; envuélvela una atmósfera de duelo.  
Sus hijos, requiriendo la espada, corren á la guerra.  
(...)Los dias trascurren tormentosos, al son de marchas bélicas; fúnebres marchas, que alejan, camino de la guerra, á tantos hombres, ornato de la sociedad: padres, esposos, hijos, novios, hermanos...  
¡Cuántos hogares vacios de alegría y de felicidad!  
¡Cuándo volverán esos queridos ausentes? (1886, p. 255)

No capítulo “El banquete de la muerte”, a declaração da guerra inicia em meio a uma festa há, inclusive, uma tentativa de impedir a violência por parte do capelão, que não é ouvida. A liderança religiosa parece ser menos poderosa que a militar:

Y de pié y alzando los brazos sobre la mesa del festin, entonó con voz solemne las notas del *De p'olundis*. Cuando volvimos del estupor producido por aquel canto fatídico, el Prefecto había desaparecido. -A las armas!-gritó el Coronel Nuñez (1886, p. 306).

Gorriti expressa a dor do início da guerra, ocorrido em meio a uma festa, enquanto entoavam “De profundis”. A autora rememora o episódio, com destaque para o fuzilamento dos personagens históricos, através das memórias histórica, coletiva e individual:

Debia acontecer algo horriblemente desastroso. El batallon, que guarnecia la ciudad, batallon con cuya adhesion contaban los revolucionarios, formado, por orden del Prefecto, delante del cuartel, en actitud hostil, los aguardaba.  
Cuando esto vieron las tropas revolucionadas, creyéronse engañadas por sus gefes, y volviéndose contra ellos, persiguiéronlos hasta el interior de la fortaleza, donde los asesinaron á todos.  
El Coronel Nuñez y dos compañeros suyos: Vedregal y Vizcarra, tomados vivos, despues de un breve juicio, fueron fusilados.  
Pocas horas despues, en la sala del banquete, trasformada en capilla ardiente, fiameaban fúnebres cirios ante los cadáveres de aquellos, cuyos brindis hizo callar la voz del *De profundis* (1886, p. 307-308).

Da mesma forma, Juana Manuela escreve com pesar sobre o começo da guerra no Peru, nomeando alguns dos heróis que morreram na luta. Juana Manuela ficcionaliza, ao recontar de modo literário o evento:

Un día, el mar se cubrió de naves enemigas.  
 Huestes invasoras profanaron el suelo peruano; y talando á sangre y fuego las costas del Océano, llegaron cerca de Lima y miraron con ojos codiciosos la rica metrópoli.  
 Sus defensores, se situaron dentro una línea de reductos ante el pueblo de Miraflores, donde, rota traidoramente una tregua, pelearon como buenos, y murieron como héroes...  
 Iberico, La Jara, Colina, Pignateli, Lavalle, Sanchez, Pino, Barron, Gomez, Alfaro ..... paz á vuestra gloriosa tumba!... (1886, p. 346-347)

“Á dos pasos de la muerte” é dedicado ao general Andrés A. Cáceres<sup>32</sup> e conta episódios da guerra, o que explica o nome do militar e político peruano. A narradora relembra o dia em que quase morreu atropelada por um trem, momento em que a comoção das pessoas levou à reflexão:

y yo, que serena y con aire de triunfo sonreia al trance que acababa de atravesar, sentí desgarrarse mi corazon ante aquella ovacion de piedad; y la debilidad femenil con todos sus desfallecimientos, se apodero de mi sér.  
 El cuadro espantoso de la catástrofe presentóseme con todo su horror. Un cuerpo destrozado, rodando entre el polvo, y tocado por manos extrañas; los comentarios del vulgo; el dolor de mi hijo, á quien no le habria sido dado ni el consuelo de recoger mis ensangrentados despojos; el duelo de mi hija, cuando le llegare, allá, al través de la distancia, la fatal nueva.  
 Caí, como abrumada por el peso de una grave dolencia, y lloré á sollozos en brazos de aquella multitud desconocida... (1886, p. 91-92)

A morte sempre a rondar os relatos de memória de Juana Manuela que temia por si e por seus filhos. O acontecimento de quase morte da escritora gerou fruto, o filho voltou da guerra, foi liberado por autoridade que se sensibilizou com a aflição da mãe e resolveu ajudá-la, como bem lhe disse um amigo, antecipando o porvir: “*No hay mal que por bien no venga*” (1886, p. 92). A história finaliza com a alegria e o alívio da mãe: “Era mi hijo que habia sido puesto en libertad, y que llegaba y me estrechaba en sus brazos” (1886, p. 95).

Nas obras analisadas anteriormente nesta tese, o tema da morte é mencionado com maior frequência. Destaca-se, em *El mundo de los recuerdos* no capítulo “bibliografía”, uma menção à morte da filha, em carta ao amigo, Mariano A. Pelliza, agradecendo as palavras carinhosas deste, enviadas por meio de carta, após o falecimento de Mercedes:

cada línea de su carta, habíame traído un consuelo, una voz de aliento, una

---

<sup>32</sup> Andrés Avelino Cáceres Dorregaray (Ayacucho, 4 de febrero de 1833 - Lima, 10 de octubre de 1923), foi um militar e político peruano que lutou na guerra do Pacífico e foi Presidente do Perú em duas ocasiões: de 1886 a 1890 e de 1894 a 1895. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9s\\_Avelino\\_C%C3%A1ceres](https://es.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9s_Avelino_C%C3%A1ceres)> Acesso em 17 ago. 2017.

esperanza.

Desde ese día, no lloré mas ; porque usted me demostró que para el alma de Mercedes, la tierra era una morada estrecha y triste, donde sufría nostalgia, asfixiándose en el helado hálito de este mundo.

Sí: decíanlo sus dolientes versos; decíalo el éco mismo de su voz, quejumbroso y triste.

Nó; ya no lloro su muerte, que, cual usted dice, ha sido el principio de su verdadera vida (1886, p. 281).

E segue revelando o desejo de publicar livro de poemas e escritos em prosa da filha e desabafa sobre a dificuldade de organizar o material devido à desorganização da artista: “Cantaba, y como las aves, derramaba y olvidaba sus cantos” (1886, p. 281).

#### 4.4. O patriotismo, as ruínas, a juventude, a velhice

Em VII “Dos fiestas”, a autora descreve a festa a San Martín, celebrada pela glória do “herói imortal”, como Gorriti o classifica. A celebração foi realizada com leituras literárias em prosa e verso, com música e com o Hino Nacional argentino, com outras canções, a seguir foram entoados os hinos de todos os países das repúblicas sul americanas, após cada leitura, caía uma chuva de flores. Ao escrever sobre o escutar o hino, Juana Manuela expressa patriotismo pelos países, seja o natal ou os de adoção, como ocorre ao ouvir o hino peruano: “Todo Oruro estaba reunido ante sus puertas, que se abrieron al son del himno nacional, ejecutado por la banda de artillería y los hurras de la guarnicion, formada en torno á la plaza, cubierta de banderas y sembrada de flores./ El programa del Coronel Nuñez se cumplia con galante exactitud.” (1886, p. 301) Ao dizer que o programa era cumprido com galante exatidão, manifesta respeito ao símbolo pátrio.

No conto “La Paz Pasado y Presente” Gorriti expressa o sentimento de patriotismo e amor à Bolívia, o que explica a dedicatória a Gregorio Pacheco<sup>33</sup>. Inicia recordando a data em que ela deixou país em guerra civil, ao avistar o Alto de Santa Bárbara e relembra o local onde o Cacique de Guarina foi sacrificado por denúncia de um traidor. A narradora/personagem/protagonista reconta o dia em que a vingança popular matou os espanhóis, menciona o governador Valdehoyos e, ao rememorar a crueldade da guerra, cita Mariano Ricafort<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Gregorio Pacheco Leyes (Livilivi; 4 de julio de 1823 - Potosí; 20 de agosto de 1899) foi um político boliviano e presidente de seu país entre 1884 e 1888. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gregorio\\_Pacheco\\_Leyes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gregorio_Pacheco_Leyes)> Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>34</sup> Mariano Ricafort Palacín y Abarca (Huesca, 20 de fevereiro de 1776 - Madri, 16 de outubro de 1846) foi um militar, político e governador colonial espanhol, atuou no exército Real do Peru e foi ferido durante um dos

Ao final do conto, ao presenciar uma parada militar, manifesta a esta que também considera sua pátria: “Tierra querida, que con amor me adoptaste el dia que, sin patria ni hogar, llegué á ti entre um grupo de proscritos: Bendita y glorificada seas!” (1886, p. 118). Os relatos memorialísticos de Gorriti estão permeados de gratidão pelos lugares em que viveu como no fragmento anterior sobre La Paz. Em outro trecho expressa seu sentimento sobre Lima: “De todos los lazos que me ligan en la tierra hay uno de los más gratos es el que me une á esta familia, allá en Lima, esa tierra, para mí de afectos y dolores” (1886, p. 65). Recordava a bondade dos limenhos no relato sobre o dia em que ao saber notícias da filha doente, chorava em desespero, quando encontrou a Madame Lound, que secou as suas lágrimas, deu-lhe um abraço e acalentou a sua dor. E deseja Juana Manuela ser capaz de retribuir tamanha bondade: “Quiera el Dios remunerador no llevarme de este mundo, antes de haber pagado, siquiera sea en lo humano posible, esa inmensa deuda del corazón!” (1886, p. 67)

Se as ruínas dos velhos edifícios em Tucumán refletem a velhice da autora e o passado; as novas construções representam o futuro: “Mezcla pintoresca de edificios derruidos y construcciones nuevas: éstas, coronadas de graciosas cornisas, de primorosos miradores” (1886, p. 20). E as ruínas como marcas da guerra ficaram registradas na memória da protagonista:

Pocos dias despues de la catástrofe que decidió de los destinos del Perú, un sentimiento de nostalgia, llevóme en peregrinacion á ese lugar de dulces memorias. Era un monton de ruinas.  
De la biblioteca de Palma no quedaban ni cenizas: las habian llevado los vientos.  
La poética iglesia, rotas sus puertas, estaba abierta, vacía, desmantelada.  
De aquella aglomeracion de elegantes construcciones: casas, parques, jardines, no quedaba sino una aglomeracion de escombros abrasados (1886, p. 347).

E após ver, lamentar e sofrer diante das ruínas, Gorriti escreve sobre a esperança na contemplação da natureza, na vegetação florescendo, no sol da manhã a iluminar um novo dia: “Pero, como para dar fe do su nombre, de entre los calcinados muros, surgian aquí y acullá, vástagos floridos, de rosas, jazmines y madre selvas que abrian sus perfumados cálices al sol de la mañana” (1886, p. 348).

A juventude sempre é apresentada como positiva na obra de Gorriti, o que pode ser constatado no uso da adjetivação como nos exemplos a seguir: “lindas jóvenes” (p. 20), “Varios inteligentes jóvenes” (p. 24), “bellas jóvenes” (p. 27). No subcapítulo X, há o relato

sobre a inveja de três senhoras de idade para uma jovem bela, a quem todos admiravam, a narradora critica-as e ironiza dizendo: “-Ah! señorita, son jóvenes, qué harán, si aman la belleza, sino expresarla su apasionada admiracion? quién no tiene el espíritu de su edad, de su edad tiene toda la desgracia.-” (1886, p. 39) E, ao final do subcapítulo, compara a jovem às idosas: “mezcla de grandeza y miseria: Al lado el éter de Dios el barro de Adán.” (1886, p. 40) As qualidades das jovens sempre exaltadas: “una falange de jóvenes lindas, graciosas y decidoras” (1886, p. 106).

Em “Francesco, el mercanchifle”, o relato começa com a idade do jovem, a exaltação a sua beleza e a sua alegria: “Diez y ocho años tendria el rubio *giovenneto*. La alegría de la juventud reia en sus azules ojos, abiertos con gozoso asombro, cual si divisaran las venturas de la vida.” (1886, p. 176) Da mesma forma, no capítulo “Vaguedades de la mente”, a juventude é caracterizada de modo positivo, como entusiasta, espontânea e também: “La juventud no es indulgente, como afirman los psicólogos. Lejos está esta virtud de esa hermosa edad de la vida” (1886, p. 326).

A velhice, por sua vez, é associada a dores e sofrimento. No entanto, a viagem para a peregrina idosa a faz esquecer qualquer mal estar, como em Tucumán: “Mecida por sus auras suavísimas impregnadas de túbios efluvios, de perfumes exquisitos, sentia embargada el alma por una paz de dulzura inefable; y parecíanme un sueño los dolores y las tempestades de mi vida” (1886, p. 19). Os defeitos das idosas sempre evidenciados: “una viejecilla seca, encorvada y rugosa como un pergamino” (1886, p. 107).

Com relação à viagem, esta desperta emoções, resgata o passado e conforta a narradora idosa: “para quien viaja, es el corazón un penoso bagaje. Arraiga en cada etapa, y de cada etapa lleva consigo la nostalgia” (1886, p.27).

Ao aproximar-se a data da despedida de Tucumán a autora retrata a frustração de não chegar a Salta e de deixar uma cidade hospitaleira e carinhosa, recebe uma despedida afetuosa de amigos e familiares ali residentes que organizaram uma tertúlia ao estilo das veladas coordenadas por Gorriti em Lima: “Hay en el curso de los acontecimientos de que se compone la existencia, incidentes cuyo recuerdo queda imperecedero en la mente y el corazón. Frescos oasis en el desierto de la vida, hácia ellos se vuelven siempre las miradas del alma” (1886, p. 26; 2012, p.100). O momento afetivo ficará registrado na memória da escritora, como ela mesma declarou de forma repetida nos dois livros: *El mundo de los recuerdos* e *Lo íntimo*.

A partida sempre é momento de tristeza para Juana Manuela que tanto aprecia o

transitar: “Besos y lágrimas: lágrimas mucho mas amargas para mí, que preveía un adios eterno” (1886, p. 30). Teme as despedidas, porque percebe a morte à espreita, como ao final do capítulo em Buenos Aires: “quizá no está lejos el día en que vaya á pedirte, no la morada de tus elegantes casas, ni el perfumado ambiente de tus vergeles, sino la sombra de un ciprés en tu poético cementerio!” (1886, p. 49). E, realmente, a autora ali foi sepultada e teve um enterro digno, pois o governo argentino encarregou-se de todos os custos funerários, mediante decreto por reconhecimento à Juana Manuela como uma personalidade importante das guerras da independência nacional. A escritora recebeu uma despedida condizente com sua condição de intelectual argentina, contando, inclusive, com leituras dos poetas Carlos Guido y Spano, entre outros, ao longo da cerimônia.<sup>35</sup>

#### 4.5 A religião e o amor impossível

A religião é elemento repetido nas obras de Juana Manuela, em *El mundo de los recuerdos* na visita à Biblioteca da Universidad de Córdoba, a autora manifesta o interesse e a comoção diante dos Santos Evangelhos e das imagens de Jesus e Maria nas obras traduzidas por Bossuet e ilustradas por Gustavo Doré (1886, p. 41-42). Em “Miraflores”, é igualmente mencionada a imagem da Virgem (p. 345).

No capítulo “Luz e Sombra”, no primeiro subcapítulo “Aguinaldo”, os temas da religião e da infância são apresentados. A magia ao receber os presentes de Natal é capaz de transformar a todos em crianças, segundo a narradora. A história narrada reafirma o vínculo da autora com a igreja católica, valorizando a simbologia natalina.

Os capítulos que tratam de forma mais profunda sobre o tema da religião são “Una conversión” e “El profesorado”. O primeiro narra a história de um casal apaixonado que, por questões religiosas, não poderiam casar, devido ao fato das famílias professarem diferentes crenças: María era católica e Efraim, judeu. O jovem adoce gravemente, ao que é chamado o padre Samuel, judeu convertido ao cristianismo, para realizar a conversão do doente. Para convencer Efraim à conversão, o padre autoflagela-se diante do enfermo, até este não suportar a dor alheia e aceitar a mudança de religião. Deve-se considerar não só a condição de Gorriti como católica, como também a posição ocupada pela Igreja Católica no século XIX e na América Latina para melhor compreender o capítulo.

---

<sup>35</sup> De acordo com: <<http://evergreen.loyola.edu/tward/www/mujeres/critica/berg-gorriti.htm>> Acesso em: 13 nov. 2017.

Em “El profesorado”, Juana Manuela rememora sua atuação no magistério: “quien dice que el magisterio es una labor penosa, no sabe lo que son las mas puras fruiciones del alma.” (1886, p. 215). Neste capítulo reconta as lendas “La era de gracia” e “Virtud infantil”, nas quais exalta a religião, a bondade e a gratidão. “La era de gracia” reconta a história da Virgem Maria, desde a escolha para mãe de Jesus até o momento do nascimento do Menino. Em “Virtud infantil” a protagonista também se chama Maria, uma menina de oito anos que é generosa com um viajante e é recompensada por sua atitude. O homem a quem auxiliou como prova de gratidão doa uma quantidade grandiosa de dinheiro à menina, que, com a verba, funda um orfanato.

No capítulo “La vida al pasar”, Juana Manuela revela a importância da religião na vida como forma de refúgio nos momentos de dor: “Cuán dulce es en medio á las agitaciones y tumultuosos vaivenes de la vida humana, buscar un refugio para el alma dolorida en el fondo de un templo, al arrullo de la palabra divina” (1886, p. 259).

Em “Derrotas del heroísmo”, após a tentativa de cura, por meio da natureza, da procura e do uso dos sapos por Gorriti, a mãe a faz recitar o *Magnificat*: “Mi madre dió gritos de espanto; y acabó, haciéndome recitar el *Magnificat* para preservarme del contagio” (1886, p. 273-274). Em “Vaguedades de la mente” há uma discussão sobre religião entre um católico fervoroso e um livre pensador, ao que Gorriti responde e reflete:

- No sé! – respondíales yó; y reia de ellos  
Parecíame escuchar los comentarios de dos ciegos de nacimiento, sobre las cualidades de la luz. Qué saben éstos de los rayos que el sol les envía?  
Qué sabían los otros de las maravillas sembradas, en torno suyo, por la mano del Invisible?... (1886, p. 326)

A conversa reforça a diferença de concepções entre os dois homens, ao que Gorriti parece ironizar o pensamento do não religioso quando por eles questionada sobre seu pensamento. Embora ela não tome nenhuma posição, o riso é revelador. E a escrita a seguir demarca, claramente, a sua opinião religiosa.

Sobre o amor impossível, há em “El mundo de los recuerdos” a história de um triângulo amoroso entre o General Alejandro Heredia, sua esposa, Juana, e a amante dele, Fausta. O relato (p. 31-33) finaliza com a morte do general assassinado pelo marido traído. Da mesma forma o amor impossível, característico do Romantismo, está no relato de “Una conversión”. E o Romantismo está também na história de amor entre Fernando e Elisa, após a decepção amorosa o personagem masculino passa a chamar-se Jorge e muda radicalmente de vida. O livro *El mundo de los recuerdos* finaliza com uma reflexão sobre a

força do amor de um homem por uma mulher leviana: “y yo me quedé pensando que ni el paso del huracan, ni el del rayo, ni el de la peste, hacen estragos tan horribles, como los estragos que hace, en el corazon del hombre, el paso de una coqueta” (1886, p. 375).

A temática do amor impossível, ditado por oposições políticas na obra de Gorriti, é ressaltado por Julio Schvartzman: “Resulta notable que su inscripción sesgada en la cultura nacional le haya permitido concebir ficciones en las que se quiebra definitivamente la endogamia política de los amantes” (SCHVARTZMAN, 2003, p. 11).

#### 4.6 O papel do historiador, da literatura e da mulher na sociedade

Gorriti refletiu a respeito do papel do historiador, na obra *Lo íntimo* (2012, p. 111-112), conforme apontado nesta tese. Em *El mundo de los recuerdos* a discussão é feita novamente, conforme fragmento a seguir:

(...) qué amargo sabor debe quedar en la conciencia del que levanta la voz para acusar!  
 El historiador encuéntrase, á veces, forzado á cumplir ese penoso deber. Traza el camino de la Humanidad en el porvenir. Este camino es la Historia; y se debe á la verdad por severa que sea, á fin de que la humanidad no se extravie.  
 Pero el historiador es un juez; y cuando tiene que fallar en congeturas, debe optar por las que absuelven: no por las que condenan (1886, p. 327).

O historiador tem o compromisso com a verdade, é um juiz que condena e absolve. Responsabiliza-se por traçar o caminho da humanidade no futuro, por resgatar os eventos históricos que merecem ser lembrados.

O papel da literatura como elemento revolucionário, não é discutido nas demais obras analisadas na tese como está retratado em *El mundo de los recuerdos*, de modo tão explícito e lúcido. Juana Manuela ao perceber a mudança das veladas literárias, reflete: “De repente, á la placidez de aquellas alegres fiestas, Comenzó á mezclarse un elemento inquietante: el elemento revolucionario” (1886, p. 293). E prossegue: “Hasta en nuestras asambleas artístico literarias, introdujose el soplo de la conspiración” (1886, p. 294).

A literatura, como mistura da ficção e da realidade, pode ser vista a partir da história de Francesco (p. 192, 207) e a história de Castelfrido (p. 175-185), que são a mesma pessoa. Gorriti reconhece Francesco após muito tempo sem vê-lo, mudou de nome (Castelfrido) e de vida, esconde a identidade anterior. Os dois recontam a própria história de vida dele, sem que os ouvintes percebam em uma brincadeira de romancear. Todos entendem como ficção o que ouvem, quando, na verdade, é a história de vida do narrador

Francesco, contada por ele mesmo em uma nova identidade como Castelfrido e por sua cúmplice Gorriti, contada pelos dois, intercalando a voz narrativa.

A prática de contar história encontra-se, ademais, em “Un grupo de caminantes” (p. 151-159) e faz lembrar Xerazade, em *As mil e uma noites*. O contador de história é o guia Contreras, que, com um discurso marcado pela oralidade, anuncia ao grupo de viajantes que irão ouvir a sua história, ao esperar a situação do rio melhorar e permitir a travessia: “van á oir la historia de un *sucedonazo*, que cortó en dos mi vida y me dejó solito en este mundo” (1886, 151). A história prende a atenção dos ouvintes que nem percebem as horas passar:

Habia amanecido!  
Nueva sorpresa, aún! La creciente había pasado, y nos encontrábamos ante un raudal cristalino.  
Triple sorpresa! La incógnita del capuchon habia desaparecido. Tanto nos absorbió el trájico relato del guía, que aquellos tres incidentes se produjeron sin que nos diéramos cuenta de ello (1886, p. 159).

No trajeto de trem de Tucumán a Córdoba, Juana Manuela observa e descreve a paisagem como verdadeiro paraíso e introduz a história da Alejandro Heredia: “una selva en cuyas sornbrías profundidades la imaginacion forja maravillosas quimeras... / En el linde de un bosque divisamos, indicado por un pasajero, el paraje donde fué asesinado el General Alejandro Heredia, á fines de 1838” (1886, p. 31). Ao escrever que *a imaginação forja maravillosas quimeras*, a autora expressa do que se alimenta a sua literatura: da mistura entre o imaginário e a realidade, entre a ficção e a história, ou seja, da autoficção.

Ao recontar eventos na escrita memorialística, autobiográfica a autora fabula: “En mayor o menor medida, toda autobiografía es una mentira, puesto que viene provocada por un impulso creador y, en consecuencia, imaginativo, que empuja a dar forma a lo vivido y, al darle forma a la vida se la falsea” (CABALLÉ, 1995, p. 27). Portanto, de acordo com Caballé, os relatos de *El mundo de los recuerdos* são marcados pela ficcionalidade, pela imaginação.

No que diz respeito à discussão sobre o papel da mulher na sociedade, feita nas outras obras analisadas, em *El mundo de los recuerdos* encontra-se nos capítulos “Bibliografía” e “Chincha”, nos quais a autora manifesta admiração às amigas escritoras. No primeiro, Gorriti destaca a figura de Josefina Pelliza de Sagasta, que ao lutar pela emancipação da mulher, não deixa de valorizar o trono feminino: o lar. Atualmente a autora seria duramente criticada por seu pensamento, mas considerando a época, compreende-se

melhor a sua posição.

Em “Chincha”, por sua vez, Juana Manuela relembra o elogio do amigo Ricardo Palma à Mercedes Cabello de Carbonera: “Mucho hombre es esta mujer!” (1886, p. 322) Frase que poderia ser criticada, no entanto para a época era, sem dúvida, um grandioso elogio.

O relato em “El amartelo” inicia de forma dramática com a morte do bebê, filho do casal Rosacha e Challamunqui, devido à doença que dá nome ao capítulo-conto. O casal havia levado para a sua casa um recém nascido órfão, pois o pai foi fuzilado na guerra e a mãe foi encontrada morta dois dias depois da morte do marido. O soldado conta à Gorriti que o filho ficara muito triste com a chegada do órfão e morrera em virtude deste sentimento. No subcapítulo II chamado “Estela”, a narradora relata a alegria de viver em Lima, paraíso das crianças, rememora a emoção com a chegada de Rafael, filho de um casal de amigos: Zoila e Godofredo, e o ciúme de Estela pelo irmão, causando dificuldades à mãe para a amamentação do caçula. A maternidade é entendida como essência do feminino, o que retrata a visão da época: “Un hijo varón es para la madre un tesoro de celestiales fruiciones” (1886, p. 128). “El sentimiento maternal es innato en la mujer; existe en ella desde la cuna, tan vivo y palpitante, como el día en que estrecha en sus brazos á su recién nacido” (1886, p. 130). O subcapítulo finaliza com a narradora, devido à febre alta, tendo visões com Estela, ora como um anjo, ora com um sorriso amargo.

O subcapítulo III, denominado “El amor de los amores”, ocorre o reencontro da protagonista com Challamunqui, na ocasião sargento. A autora expressa sua admiração pelo amigo: “Dame tu mano, amigo mio para que la estreche con respeto. Cuán altamente esa noble altivez, te honra y eleva sobre galones y charreteras” (1886, p. 133). Logo pergunta sobre a esposa Rosacha, e assim toma conhecimento que, após a morte do filho e do bebê órfão falecido três dias depois do primeiro, encerrou-se em um convento. Ao regressar do enterro, a mulher cortou os cabelos, atitude tomada por uma personagem em *La tierra natal*, e que apresenta uma simbologia: ruptura com o feminino, autopunição, renúncia ao amor e à sensualidade.

Sobre a maternidade e a relação da mãe com os filhos: “Ellos son flores y nosotros, perfumada fronda. Después nosotros nos tornamos tronco y ellos, ramas que hollan nuestro corazón para ir a enlazarse con las lianas de la selva: Entonces: ‘Sufrir en la vida’” (2012, p. 64). E o mesmo pensamento está em: “Es la ley de la vida. El tronco solo aspira nutrir a sus ramas; pero estas se extienden, alejándose de él, para ir á enlazarse con las

lianas de la fronda” (1886, p.135). A ideia de que os filhos afastam-se dos troncos ou das raízes que são suas mães, pode ser comparada a imagem do cordão umbilical que, simbolicamente, demora para ser cortado, pois a ruptura se dá de modo mais definitivo com o crescimento dos filhos, da mesma forma que o florescer. O trecho também trata do sofrimento da maternidade, da dor para o entendimento e para a aceitação da lei da vida: os filhos adultos devem construir suas próprias histórias, independentes de suas mães.

Juana Manuela compara duas mulheres de diferente classe social e cultural: Rosacha e Zoila, diante da morte dos filhos e percebe que o sofrimento é o mesmo, independe do modo de vida:

Y cuando lo hubieran llevado al cementerio, la pobre Zoila, como en otro tiempo la muger del soldado, quedóse caída en tierra entre las dos cunas vacías de sus hijos, muda, pálida y sin lágrimas.

Ah! era que en aquella hora aciaga, la elegante dama y la humilde india, tenían un mismo corazón:

Corazon de madre! (1886, p. 139)

A maternidade é aclamada por Juana Manuela: “La muger es hija, amante, esposa, hasta el dia que es madre. Desde esa hora, buena ó mala, piadosa ó descreida, reina, ó pastora, salvaje ó civilizada, la mujer ya no es, ya no sabe ser sino madre.” (1886, p. 134) Na atualidade, o pensamento de que toda a mulher deve ser mãe é rejeitado e tido como ultrapassado, porém no século XIX era inconcebível desvincular a figura de mulher e mãe.

Além disso, o sentimento de amor maternal encontra-se nas páginas: 254 e 315, ocasião em que a autora/narradora expressa a segurança que sente ao lado do filho: “Abrazada á mi hijo, yo nada temia” (1886, p. 315). O valor da maternidade para Gorriti é considerado por Fibla: “En Gorriti, escribirse como escritora implica componerse un ser de lenguaje en todo su potencial, a cuyo imperativo se enfrenta la condición femenina y con ella, el cuerpo, la enfermedad, la maternidad y en definitiva, la productividad” (FIBLA, 2008, p. 310).

O capítulo “La primera decepción” é dedicado a José M. Zurivía<sup>36</sup> e trata da importância do imaginário na vida de Juana Manuela Gorriti, cujas qualidades de escritora

---

<sup>36</sup> José Facundo de Zuviría y Escobar Castellanos (Salta, 26 de novembro de 1794 - Paraná da província argentina de Entre Ríos, 19 de agosto de 1861) foi um jurista e político argentino que como opositor a Juan Manuel de Rosas teve que autoexiliar-se na Bolívia. Foi presidente do Congresso Nacional que culminaria com a sanção da Constituição Argentina, além de haver sido ministro das Relações Exteriores e membro da Corte Suprema da Justiça da Nação Argentina. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Facundo\\_Zuvir%C3%ADa](https://es.wikipedia.org/wiki/Facundo_Zuvir%C3%ADa)> Acesso em 17 ago 2017.

revelam-se desde a infância. A homenagem a Zuviria pode estar relacionada ao fato de, em 1849, este ter feito um pronunciamento público que desagradou ao presidente Belzú, motivo pelo qual foi demitido de todos os cargos públicos. A decepção pode ser tanto por parte de Belzú como por parte de Zurivia, é uma hipótese, uma tentativa de decifrar o porquê da dedicatória. A narrativa “La primera decepción” reconta um acontecimento familiar, no qual Juana Manuela, ouvindo a conversa dos soldados sobre ataques aos godos (forma como denominavam os espanhóis no período da guerra da Independência), contemplava o céu e imaginava uma civilização:

Y la imaginacion me los representaba seres sobrenatural, que colmados de hermosura y riquezas, habitaban las regiones etéreas, pues que bajaban, volaban y dejaban, en pos suyo, los tesoros que yo habia visto á la luz del fogon, en poder de los soldados.

Y mis ojos los buscaban en las alturas; y las doradas nubes del ocaso parecíanme en sus fantásticas formas, los muros, las torres y cúpulas de la ciudad maravillosa donde habitaban los godos (1886, p. 80).

E Gorriti segue contando que, todas as tardes, sentava-se em um banco, isolada de todos com a vista fixa na esperança de ver os godos. Uma ocasião, a autora estava na companhia do pai e do irmão, quando menciona sobre a existência da imaginada terra dos godos. O pai sorri diante do mundo fantástico criado pela filha, já o irmão, segundo ela um pedante consumado, reage de modo racional e indignado, chamando-a ignorante e afirmando que o visto por ela, tratam-se de vapores condensados, nuvens que pertencem à categoria dos *cumulus*. E a autora decepcionada escreve ao final do capítulo: “Y largo tiempo permaneci allí sola, con la frente en las manos, lamentando sin saberlo, la primera decepcion... *E pur si muove!* La lección de mi hermanito quedóme en la memoria; pero la frase arriba dicha, tuvieron siempre para mi un misterioso encanto” (1886, p. 83).

Ao reconstruir os pedaços da vida como um mosaico, como os eventos da infância e da adolescência, Gorriti reafirma a função da escrita autobiográfica como uma forma de dar voz ao passado, que possui a capacidade de reconstituir a profundidade do sujeito, interromper o fluxo do tempo, imobilizar o instante e declarar as emoções. O reter do tempo através da escrita representa a busca pela imortalidade, de acordo com Pellizaro (2012, p. 59).

De acordo com Fibla: “Gorriti diseña un modelo femenino a medio camino entre la simulación y el disimulo, la máscara y el secreto, el velo y lo develado que manifiesta la impostura del lenguaje pero no su descreimiento” (FIBLA, 2008, p. 313). Na seleção dos

eventos narrados, Gorriti decide o que deve ser lembrado e esquecido; o desvelado e o velado são escolhas do sujeito autobiógrafo. A reiteração da imagem construída pela autora sobre si mesma revela a forma como ela deseja ser lembrada.

Segundo Pellizaro (2012, p. 76-77), em *El mundo de los recuerdos*, Juana Manuela Gorriti escreve contrastando a memória e o esquecimento. No exercício da escrita autoficcional, Gorriti luta contra o esquecimento, almeja ser testemunha, ser a voz das histórias esquecidas, porém, apesar da busca pelo registro da memória, sempre há o silêncio dos eventos olvidados.

#### 4.7 O hibridismo de gênero

O hibridismo de gênero, como referido nos capítulos anteriores da tese, figura entre as características da autoficção. Cabe mencionar como se organiza o relato de viagem em *El mundo de los recuerdos*: pode ser lido como um livro de contos, ao considerar cada capítulo como uma escrita independente, com início, meio e fim, no entanto, ao conceber a travessia do lugar e da memória como o fio condutor da narrativa longa, o livro pode ser lido como um romance.

Em *El mundo de los recuerdos*, ademais do destaque aos capítulos-contos, outros gêneros mostram-se na obra, tais como na carta enviada ao amigo Mariano Pelliza, na qual comenta a respeito de outra carta escrita a ele (p. 280-284), dentro da carta há outro gênero imbricado, o da crítica literária (p. 279, 282, 284), em que a autora tece juízo sobre a obra “Dorrego”:

En mi carta hablaba tambien á usted de su – Dorrego – y de las impresiones que me produjo su lectura.  
Decíale que, su bello libro, habia derribado muchos ídolos del santuario de mi entusiasmo, pero que habia, en cambio, avivado en las gráficas memorias de la infancia, escenas y palabras que hicieron en mí, profunda impresión (1886, p. 282).

E a seguir a autora desculpa-se por não ter enviado a tempo suas impressões sobre a obra (p.283-284). Gorriti declara a importância de obras que resgatem as memórias de infância, embora não compare a sua própria escrita, revela consciência sobre seu próprio fazer literário no papel de narradora-personagem no “diário” e nos “relatos de viagem”, em que rememora e relata alguns acontecimentos ocorridos em sua meninice.

Sobre os gêneros presentes na obra, a narradora escreve algo semelhante a um folheto de viagem turística, em um tom de muita proximidade com o leitor, na contemplação

do Rio Paraná, no início da narrativa: “Quien desee contemplar la naturaleza en su mas riente esplendor, remonte el curso de este rio en un día de verano, á la hora en que los rayos del sol, deslizándose entre la fronda, iluminan las profundidades de la exuberante vegetacion que borda sus orillas” (1886, p. 9). Há outra espécie de folheto turístico no começo do capítulo “Oasis” com a descrição de vários locais da capital peruana.

Destaca-se, em *El mundo de los recuerdos*, uma mensagem de Juana Manuela (p. 318-321) dirigida à Mercedes Cabello Carbonera e ao Dr. Carbonera, durante o período em que se hospedou na casa do casal em Chicha Alta. Escreve sobre suas funções culinárias, enquanto ali esteve como responsável pelas refeições, descreve receitas e preparação de pratos, reforça o gosto pela gastronomia, consagrado na obra *Cocina Ecléctica*. Trata-se de uma mensagem, como a autora mesma denomina seguida de receita, outro gênero presente no capítulo “Chincha”.

O hibridismo reafirma a autoficção em *El mundo de los recuerdos* que revela a vida da autora, através do cruzamento entre a memória e a ficção na rememoração das histórias dos povos onde morou e das pessoas com as quais se relacionou, sejam amigos, familiares, conhecidos, heróis de guerra. A voz da mulher viajante grita ou cala, escolhe o que deve ser exibido ou escondido sobre o seu mundo de recordações. Na relação entre o público e o privado, entre o coletivo e o individual, constrói-se a autoficção biográfica de Juana Manuela Gorriti, escritora testemunha de seu tempo, intelectual comprometida, mulher escritora que deve seguir inspirando a luta pelo espaço feminino na sociedade e no meio literário, em especial.



## PERFAZENDO O CAMINHO

Finalizo a tese com a sensação de ter realizado uma longa viagem e com os sentimentos característicos de quem regressa ao cotidiano: alegria, prazer, cansaço, vazio. Alegria por ter estudado e ter aprendido tanto; prazer por ter lido textos teóricos e literários desafiadores e interessantes; cansaço, por realizar um trabalho árduo; vazio por ver este texto chegar ao fim. O ponto final da tese marca também o início de meu trabalho na pesquisa científica de modo mais qualificado e seguro.

Durante o período de dedicação ao doutorado, caminhei ao lado de Juana Manuela Gorriti, senti-me peregrina em Salta, La Paz, Lima, Buenos Aires. Por vezes sentia uma dor, que não me pertencia, mas me invadia, era a da autora – doenças, perdas e vivência de guerras – sofri lendo em alguns momentos, vibrei em outros, refleti em muitos e me emocionei sempre. Ao regressar, após longa viagem, nunca somos os mesmos, o que explica eu estar me sentindo, neste momento, transformada.

O desafio diante do novo, o conhecimento adquirido após cada leitura teórica e a busca de realização da análise de modo adequado vieram acompanhados de uma dose de medo e insegurança e de uma dose muito maior de curiosidade intelectual e alegria ao desvendar novos caminhos, ao percorrer estradas pelas quais não havia pisado antes, como a sensação de uma primeira viagem a um local desconhecido.

A percepção da grandiosidade da obra, ao analisar cada frase dos livros selecionados para a tese, enchia-me de orgulho, de medo e de insegurança, em muitos momentos perguntei-me: “Quem sou eu para inferir tanto sobre o mundo revelado pela escritora? Serei capaz de divulgar a obra e a autora como o merecido?” Foram muitas as indagações que percorreram a minha trajetória até aqui. E se são as perguntas que movem o caminho intelectual do indivíduo, e não as respostas, posso assegurar que muito ainda está por ser respondido sobre a obra de Gorriti e dependem de pesquisas futuras,. Fato este que gera muita motivação para o grupo de pesquisas “Juana Manuela Gorriti: análise e tradução”, sobre a obra da escritora argentina, do qual faço parte juntamente com uma equipe formada por docentes, graduandos do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol e pós-graduandos em História da Literatura da FURG.

Reitero minha certeza de ter encontrado, sim, um caminho como pesquisadora para meu percurso no mundo acadêmico. Juana Manuela Gorriti merece muitos estudos, muitas pesquisas, e, principalmente, muitos leitores brasileiros. Autora lida e estudada em tantos

países distantes da Argentina parece um absurdo que os brasileiros não a conheçam. Temos muito a aprender sobre a América Latina com esta escritora argentina do século XIX, pois trata de assuntos que seguem atuais e significativos até hoje. As críticas políticas, as reflexões existenciais, a consciência ao tratar da morte, a preocupação com o profissionalismo do escritor e, principalmente, da escritora, a discussão sobre o papel da mulher na sociedade são temas necessários, imprescindíveis e tratados de forma lúcida por Gorriti:

Estas escritoras sudamericanas también representan, despojándolas de cualquier etiqueta o corriente literaria, a la mujer moderna que busca salir de una esfera doméstica limitada para abarcar otras áreas de desenvolvimiento personal. No buscan romper con los moldes de la sociedad, es decir, no buscan establecer o proclamar un feminismo extremo, sino una expansión de las funciones de la mujer como miembro activo de una sociedad. Dichas mujeres así como otras contemporáneas contribuyeron al enriquecimiento de las bibliotecas americanas y europeas. Dentro de su imaginario se visiona una sociedad donde el indígena, el negro, el mestizo y el blanco son una gran nación educada en la que se enfatiza la función de la mujer obrera-intelectual (TORRES CALDERÓN, 2006, p.7).

A citação ilustra bem a forma como Juana Manuela aborda a questão feminina sem desvincular da esfera doméstica, associada ao lar e à maternidade, algo natural para a época. No entanto, percebe-se na autora argentina o comprometimento com a atividade intelectual e literária, cobrando, inclusive, das colegas a mesma postura como ao questionar a ausência de publicações das colegas nos jornais limenhos, em *Lo íntimo*, em Buenos Aires, abril de 1878: “¿Por qué tan perezosas las literatas de Lima? (...) Las creería muertas, si no supiera que solo el repiqueteo puede sacudir su incurable pereza” (2012, p. 46-47). E Gorriti segue a crítica, nomeando as escritoras, Mercedes Cabello, Manuela Villarán e Rosa Mercedes Riglos: “Mercedes estará entregue a las modas, al lujo, a la coquetería. Manuelita, al remiendo de los calzones de sus hijos, al zurcido de las calcetas de su esposo” (2012, p. 47).

A narrativa autoficcional de Gorriti tanto no “diário” como nos “relatos de viagem” é construída a partir da memória individual, histórica e coletiva, na qual a autora seleciona os fatos e os ficcionaliza. Ao considerar a memória coletiva, ao recontar as histórias dos outros, inclusive das minorias, reforça a autoficção, pois demonstra uma atitude não egocêntrica como seria o característico da autobiografia.

As recordações fragmentadas formam as obras autoficcionais de Gorriti, através do jogo temporal, no qual o passado é trágico, mas glorioso, marcado pelas guerras de

independência nos povos hispano-americanos nos quais morou, o presente é o tempo da rememoração e o futuro é visto de modo otimista, promissor.

A voz narrativa feminina é testemunha de seu tempo e tem como objetivo o resgate da vida pessoal e histórica, o reforço da imagem do pai como herói nacional e o autoconhecimento na montagem do quebra-cabeça de sua existência, realizado por meio da escrita literária autoficcional, sobre o qual autora declara: “En fin, quien está trazando a lápiz estas tristes reflexiones las ha escrito al revés; y es forzoso rasgar las páginas que contienen para colocarlas en su lugar” (2012, p. 100). Navallo reflete sobre a obra da escritora argentina:

Sin dejar registros, más bien construyéndolos, la voz narradora cierra su derrotero, luego de haber perfilado retazos de recuerdos fragmentados que apelaron a la aprehensión de una realidad aparentemente desordenada. Sin embargo, la función evocadora de la memoria personal y familiar, en la que se desdibujan los límites entre lo privado, lo íntimo y lo público, habilita un juego temporal permanente. Sin conformar una trayectoria, en el presente de la escritura se elabora una narración continua movilizadora por un matiz autobiográfico. En ésta confluyen marcas de las desgajaduras de la nación junto a un pasado glorioso de luchas independentistas para proyectar un futuro reparador, a partir del anhelo integracionista latinoamericano. Las liminalidades diseñadas, a través de la recuperación activa de la memoria histórica, generan una práctica crítica y constante del quehacer literario femenino (NAVALLO, 2010, p. 229).

Cabe destacar que a escrita de Gorriti é tramada entre a realidade e a ficção, entre o pessoal e histórico, entre o público e o privado como diz Denegri: “En la narrativa de Gorriti, la esfera privada se entreteje tan fina y estrechamente con la esfera pública, que la frontera entre una y otra termina borrándose” (DENEGRÍ, 1996, p 85). E Torres Calderón reforça o mesmo pensamento:

En la vida de Juana Manuela así como en su narrativa, la esfera privada se entreteje tan fina y estrechamente con la esfera pública que básicamente forman una. Ella crea un espacio que amenaza lo tradicional patriarcal, aunque de ideas liberales con tintes políticos (TORRES CALDERÓN, 2006, p.49).

Além disso, Juana Manuela, ao promover em sua residência os encontros com amigos escritores, as chamadas Veladas Literárias em Lima, oportunizou um espaço

intelectual e artístico, no qual não só foram feitas leituras literárias, mas também discussões sobre temas sociais e políticos, como relata a autora: “Hasta en nuestras asambleas artístico-literarias, introdújose el soplo de la conspiracion. / A las románticas leyendas, á los versos de amor, sucedieron terribles marsellesas y proclamas incendiarias” (1886, p. 294).

Gorriti lutou pelo profissionalismo como escritora, publicou obras com financiamento do governo como em *Cocina ecléctica*, *El mundo de los recuerdos* e com patrocínio como em *Oasis de la vida*, em um período em que poucas mulheres sequer se encorajavam a ingressar na escrita literária e em que muitas ainda o faziam por meio de pseudônimo.

A literatura foi vital para a escritora, a prova concreta pode ser verificada pela última publicação em *Lo íntimo* na data de 25 de outubro, doze dias antes de sua morte. A escrita foi para Juana Manuela uma forma de atenuar as dores, de repensar a vida, de fortalecer a imagem heróica do pai e de si mesma como testemunha da história dos povos hispano-americanos nos quais residiu. No diário, em janeiro de 1892, confidencia: “Lo único que a mí me queda es esta pluma y los tres dedos que la sostienen en la obra de hacer libros” (2012, p. 121).

Para a autora os encontros literários eram horas de fuga das tristezas da vida, momentos de gentileza, algo raro em outros espaços da sociedade: “En efecto, como para compensar tantas amarguras esas horas son deliciosas. Los literatos y los artistas se dan cita para leer y ejecutar sus mejores producciones, que se aplauden o se discuten con una cordialidad desconocida hasta hoy en esa quisquillosa fracción de la sociedad” (2012, p. 40).

Assim como há viagens de aventura, trilhas em montanhas e caminhadas ao ar livre, passeios mais divertidos ou mais perigosos, durante a escrita da tese senti-me em igual situação. O primeiro capítulo, o mais curto e o mais complexo, forma os primeiros passos em uma trilha desconhecida e um percurso de pesquisa bibliográfica que parecia infinita sobre a autora, sua vida e sua obra. Delimitei, como deveria ser feito em uma viagem diante do risco de desvio de percurso e regresso ao destino com atraso. Convém lembrar que, a pesquisa realizada no capítulo inicial, destacou a presença da autora no cenário hispano-americano do século XIX, elencou estudos sobre a autora em diferentes países sobre os livros analisados na tese, reafirmando o mérito literário e intelectual de Juana Manuela Gorriti.

Após a escrita do capítulo 2, julguei, de modo ingênuo, que todos os livros teriam os

mesmos tópicos para análise. No entanto, assim como em uma viagem, os roteiros só devem ser organizados após um estudo revelador sobre o potencial do lugar a ser visitado para, posteriormente, sim, saber se será realizado turismo: de estudos, de negócios, de aventura, ecológico, religioso, gastronômico, cultural, esportivo, etc. Da mesma forma ocorreu com a tese, ao estudar cada livro verifiquei diferentes potencialidades e os tópicos de análise foram criados a partir deste estudo. As três obras literárias contempladas na pesquisa desta tese aproximam-se por serem todas autoficção, contudo possuem formatos e estilos bastante diferentes. Reitero que, em virtude disso, cada capítulo tem uma organização própria, considerando aspectos relevantes para a leitura analítica e crítica de cada uma das narrativas: *Lo íntimo*, *La tierra natal*, *El mundo de los recuerdos*.

As três obras autoficcionais analisadas aproximam-se pela presença do hibridismo de gênero, pelas temáticas recorrentes: a infância, a morte, a religião, as guerras, as doenças, a velhice e a literatura, entre outras. Ao recordar momentos de infância, marca da herança autobiográfica, reflete sobre sua função na escrita: “Los recuerdos de la infancia son un poderoso lenitivo para el dolor” (2012, p. 124).

Igualmente assemelham-se as obras na revelação do eu imigrante, nas diferentes situações de exílio vivenciadas por Juana Manuela: forçada na Bolívia; escolhida no Peru; imposta na Argentina, apesar de ser a terra natal, é forçada a viver ali por questões econômicas, devido à pensão que é concedida somente com a moradia fixa no país.

Há um fragmento idêntico em *Lo íntimo* e *El mundo de los recuerdos*, o que pode ser entendido como uma forma da autora reforçar a sua reflexão sobre o valor das recordações na vida do ser humano: “Hay en el curso de los acontecimientos de que se compone la existencia, incidentes cuyo recuerdo queda imperecedero en la mente y el corazon. Frescos oasis en el desierto de la vida, hácia ellos se vuelven siempre las miradas del alma” (1886, p. 26; 2012, p. 100).

*Lo íntimo* é o último livro da autora e ela está consciente disto. Há uma placidez no trato da morte presente no diário, na data de 7 de julho: “Ahora sí, en verdad, comienzo a sentir llegar la muerte. / No es que esto me atemorice ni me vuelva aprensiva: no. Sin miedo ni pasmo veo que, em efecto, esa hora se acerca” (2012, p. 107). A autoficção, na máscara de diário, é a mortalha sendo tecida por meio da palavra, a escrita registra a vida, marca o desejo da imortalidade. Gorriti quer perpetuar-se por sua obra. O fazer literário tem valor incomensurável para ela, que lamenta os projetos inacabados, como a novela escrita de forma coletiva com as colegas escritoras, conforme escreve em 15 de setembro: “Yo me

voy a morir y no haré el desenlace de la novela que propuse escribir a Mercedes Cabello y a Clorinda Matto” (2012, p.130).

Em *La tierra natal*, há o dever cumprido, o sonho realizado de retornar a Salta, de reconstruir caminhos traçados na infância, de reencontrar a primeira morada, de exercitar a memória, de registrar o relato de viagens que é, acima de tudo, uma viagem para dentro de si mesma, para refazer-se, para ver-se no espelho nos diferentes momentos da vida. Juana Manuela escreve idosa, com maior percepção de si mesma e dos fatos selecionados e narrados, como cabe à escrita autoficcional. Na despedida de Salta, relembra a mesma tristeza do desterro: “Con tanta pena como en otro tiempo, partiendo para el destierro alejábame, ahora, de la querida ciudad, escenario de los días más rientes de la vida. / Algo del alma quedábase en sus calles, en sus casas, en sus jardines, en sus templos” (2007, p. 95).

Já em *El mundo de los recuerdos*, seleciona e reconta eventos pessoais tingidos por ficção, comprovando o autoficcional. Ademais presta homenagem aos amigos intelectuais, escritores, heróis de guerra, valoriza a contação de histórias orais e a expressão das diferentes culturas. A voz de uma mulher hispano-americana no século XIX em “um relato de viagem” reafirma o caráter inovador de sua literatura, sua ousadia e sua coragem em um momento que as vozes masculinas eram quase exclusividade na literatura e na escrita sobre viagem. O livro inicia com uma carta da autora intitulada “Ao leitor”, na qual demarca a importância do registro memorialístico: “Y la mente asombrada, formula algo como este pensamiento: -¿En donde vi todo esto, yo, que recién comienzo a vivir?” (1886, p.6)

E coloco o ponto final na tese, finalizo aqui minha viagem, já organizando novos roteiros turísticos, elaborando novos projetos de pesquisa: no turismo de aventura, na prática de esporte radical insiro a tradução de *Lo íntimo* para a língua portuguesa; no turismo gastronômico: o estudo comparativo das obras de culinária *La cocina española antigua* de Emilia Pardo Bazán e *La cocina ecléctica* de Juana Manuela Gorriti, que é também uma autoficção.

Outro projeto a ser realizado diz respeito aos relatos de viagens das mulheres escritoras hispano-americanas viajantes no século XIX, no qual podem ser analisados e comparados, verificando se podem ser consideradas autoficção como *La tierra natal* (1889), de Juana Manuela Gorriti: *Recuerdos de viaje*, (1882), de Eduarda Mansilla e *Viaje de recreo*, (1909), de Clorinda Matto de Turner. Se, como aponta Navallo, ao estudar a obra de Gorriti: “El viaje deviene inseparable del ejercicio de escritura, arraigado en un

doble movimiento.” (NAVALLO, 2010, p. 223), a viagem e a escrita serão igualmente inseparáveis na pesquisa. Portanto, espero conquistar novos viajantes para peregrinar pela obra de Juana Manuela Gorriti, integrar e fortalecer o nosso grupo de pesquisa.

Finalizo com o explícito desejo de perpetuação do sujeito feito pela autora argentina e que se materializa com esta tese: “Quien no envidia la muerte que en vez del aniquilamiento y el olvido, es la apoteosis, la inmortalidad?” (2012, p. 86). E, sim, a escritora foi e é reconhecida, imortalizou-se, como verificado pelos trabalhos acadêmicos a ela dedicados em diferentes países e pela data 6 de novembro instituído como o “Dia do Escritor Saltenho” pela Lei Municipal de Salta (nº 7.728, de 14 de junho de 2012), em virtude dos falecimentos de Juana Manuela Gorriti (em 1892) e Juan Carlos Dávalos (em 1959).



### Publicações individuais de Juana Manuela Gorriti

- GORRITI, Juana Manuela. *Un año en California*. Revisado e reimpresso em *Panoramas de la vida* como Un viaje al país del oro. Buenos Aires: El Nacional, 1864.
- \_\_\_\_\_. *Biografía del general Don Dionisio de Puch*. Paris: n. p., 1868.
- \_\_\_\_\_. *El pozo del Yocci*. Paris: n. p., 1869a.
- \_\_\_\_\_. *El pozo del Yocci*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1869b.
- \_\_\_\_\_. *Vida militar y política del general Don Dionisio de Puch*. 2ª ed. corregida e ampliada. Paris: Imprenta Hispano-americana de Rouge Hermanos y Comp., 1869c.
- \_\_\_\_\_. *Panoramas de la vida; colección de novelas, fantasías, leyendas y descripciones americanas*. Prol. Mariano Pelliza. 2 v. Buenos Aires: Casavalle, 1876.
- \_\_\_\_\_. *Misceláneas; colección de leyendas, juicios, pensamientos, discursos, impresiones de viaje y descripciones americanas*. Intro. E. Biog. Pastor S. Obligado. Buenos Aires: Imprenta de M. Biedma, 1878.
- \_\_\_\_\_. *El mundo de los recuerdos*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1886.
- \_\_\_\_\_. *Oasis en la vida*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1888.
- \_\_\_\_\_. *La tierra natal*. Prol. Santiago Estrada. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1889.
- \_\_\_\_\_. *Perfiles (Primera parte)*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1892.
- \_\_\_\_\_. *Veladas literarias de Lima, 1876-1877*. Tomo primero, veladas I a X. Buenos Aires: Imprenta Europea, 1892.
- \_\_\_\_\_. *Lo íntimo de Juana Manuela Gorriti*. Prol. Abelardo M. Gamarra. Buenos Aires: Ramón Espasa, 1893.
- \_\_\_\_\_. *Sueños y realidades*. Ed. Vicente G. Quesada. Introducción de José María Torres Caicedo. Epílogo selección de reseñas periodísticas de Vicente G. Quesada. 2 v. Buenos Aires: Casavalle, 1865. 2ª ed., con prólogo de José María Torres Caicedo. 2 v. Buenos Aires: Biblioteca de La Nación, 1907.
- \_\_\_\_\_. *El pozo del Yocci*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Instituto de Literatura Argentina, Sección de documentos, série 4, Novela, v. 1, 1929.
- \_\_\_\_\_. *El tesoro de los incas (leyenda histórica)*. Introducción de José María Monner Sans.

Instituto de Literatura Argentina, série 4, Novela, v. 1, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1929.

\_\_\_\_\_. *Páginas literarias: leyendas, cuentos, narraciones*. Prólogo de Antonio Sagarna. Buenos Aires: El Ateneo, 1930.

\_\_\_\_\_. *Narraciones*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1946.

\_\_\_\_\_. *Relatos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962.

\_\_\_\_\_. *Cocina ecléctica*. Buenos Aires: Félix Lajouane, editor, 1892. 2ª. ed. Buenos Aires: Librería Sarmiento, 1977.

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. 6 tomos. Salta: Fundación del Banco del Noroeste, 1992.

\_\_\_\_\_. El mundo de los recuerdos. In: *Obras completas*, Tomo VI. Salta: Instituto de Investigaciones Dialectológicas "Berta Vidal Battini", 1999.

\_\_\_\_\_. *Ficciones pátrias*. Barcelona: Clarín, 2001.

\_\_\_\_\_. *Juana Manuela Gorriti: Cincuenta y tres cartas inéditas a Ricardo Palma*.

Fragmentos de lo íntimo. Buenos Aires-Lima 1882-1891. Org. Graciela Batticuore. Lima: Universidad de San Martín de Porres, 2004.

\_\_\_\_\_. *La tierra natal*. Córdoba: Buena Vista, 2007.

\_\_\_\_\_. *Lo íntimo*. Córdoba: Buena Vista, 2012.

\_\_\_\_\_. *La tierra natal*. Salta: Biblioteca del Norte, 2013.

### **Publicações de Juana Manuela Gorriti em antologias**

GORRITI, Juana Manuela. Coincidencias. In: FUENTE DEL PILLAR, José. (org.) *Antología del cuento fantástico hispanoamericano del siglo XIX*. Madrid: Miraguano, 2003, p. 9-36.

\_\_\_\_\_. Coincidencias In: HAHN, Óscar (org.). *El cuento fantástico hispanoamericano en el siglo XIX, estudio y texto*. Coyoacán, México: Premiá Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. Coincidencias. In: HAHN, Óscar (org.). *Fundadores del cuento fantástico hispanoamericano: antología comentada*. Santiago del Chile: Editorial Andrés Bello, 1998, p. 58-77.

\_\_\_\_\_. Coincidencias. Penumbra. MARTÍN, Lola López (org.). *Antología crítica del cuento fantástico hispanoamericano del siglo XIX*. España: Ediciones Lengua de Trapo, 2006, p. 55-70.

\_\_\_\_\_. Coincidencias. In: MORALES, Ana María; SARDIÑAS, José Miguel (org.). *Relatos fantásticos hispanoamericanos*. Cuba: Editorial Casa de las Américas, 2003.

\_\_\_\_\_. Coincidencias. In: *Relatos de brujas, vampiros y hombres lobos*. México:

Reader's Digest, 1998, p. 72-78.

\_\_\_\_\_. El emparedado. In: FIESCA, Haydeé. *Antología de literatura fantástica argentina*. Narradores del siglo XIX. Buenos Aires: Kapelusz, 1970, p. 33-43.

\_\_\_\_\_. El emparedado. Adaptação de SÁNCHEZ, Agustín Celis; ZARZUELA. Alejandra Ramirez In: SÁNCHEZ, Agustín Celis; ZARZUELA. Alejandra Ramirez (org.). *Historia de fantasmas y espectros*. España: Libsa, 2006, p. 18-21.

\_\_\_\_\_. El fantasma de un rencor. In: FIESCA, Haydeé. *Antología de literatura fantástica argentina*. Narradores del siglo XIX Buenos Aires: Kapelusz, 1970, p. 44-49.

\_\_\_\_\_. La novia del muerto. Penumbra. MARTÍN, Lola López (org.). *Antología crítica del cuento fantástico hispanoamericano del siglo XIX*. Madrid: Ediciones Lengua de Trapo, 2006, p. 37-54.

\_\_\_\_\_. Quien escucha, su mal oye. In: ABRAHAM, Carlos (org.). *Cuentos fantásticos argentinos del siglo XIX*. Colmenar Viejo: La Biblioteca del Laberinto, 2013, p. 65-74.

\_\_\_\_\_. Quien escucha, su mal oye. In: FUENTE DEL PILLAR, José (org.). *Antología del cuento fantástico hispanoamericano del siglo XIX*. Madrid: Miraguano, 2003, p. 9-36.

\_\_\_\_\_. Quien escucha, su mal oye. In: HAHN, Óscar (org.). *Fundadores del cuento fantástico hispanoamericano: antología comentada*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1998, p.39-57.

\_\_\_\_\_. Quien escucha, su mal oye. In: HAHN, Óscar (org.). *El cuento fantástico hispanoamericano en el siglo XIX*, estudio y texto. Coyoacán: Premiá Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. Quien escucha, su mal oye. In: ROAS, David (org.). *Cuentos fantásticos del siglo XIX (España e Hispanoamérica)*. España: Marenostrom, 2003.

\_\_\_\_\_. Una visita infernal. In: FIESCA, Haydeé (org.). *Antología de literatura fantástica argentina*. Narradores del siglo XIX. Buenos Aires: Kapelusz, 1970, p. 51-56.

\_\_\_\_\_. Una visita infernal. In: TWAIN, Mark; DUMAS, Alejandro (org.). *El vampiro y otros cuentos*. Buenos Aires: Editorial Andrés Bello, 2004.

### **Traduções da obra de Juana Manuela Gorriti**

GORRITI, Juana Manuela. A filha do mazorqueiro. Trad. Índigo. In MANGUEL, Alberto (Org.) *Contos de amor do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 116-130.

\_\_\_\_\_. *A luva negra*. Trad. BORBA, Cecília Souza. Florianópolis: Mafuá - Revista de Literatura em meio digital - UFSC, 2013. Disponível em: <<http://mafua.ufsc.br/2013/a-luva>

negra-de-juana-manuela-gorriti/> Acesso em 21 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. *Der schwarze Handschuh*. Trad. Léonce W. Lupette. Berlin: Luxbooks, 2013.

\_\_\_\_\_. *Dreams and Realities* Trad. Sergio Waisman. New York: Oxford University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. *Quem escuta, ouve a seus males*. Trad. ANTINORI, Marcelo. Disponível em: <<http://contosquevalemapena.blogspot.com.br/2014/10/19-quem-escuta-ouve-seus-males-j-m.html>> Acesso em 21 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. *Um drama em 15 minutos*. Trad. LIMA, Lisiane Ferreira de. Uox - Revista Acadêmica de Letras-Português - UFSC, v. n. 02, p. 133-140, 2014. Disponível em <[revistauox.paginas.ufsc.br/files/2014/12/3-drama-15-min1.pdf](http://revistauox.paginas.ufsc.br/files/2014/12/3-drama-15-min1.pdf)> Acesso em 21 nov. 2017.

### **Publicações sobre a vida e a obra de Juana Manuela Gorriti**

AGENCIA RADIOFÓNICA DE COMUNICACIÓN (ARGENTINA). *Juana Manuela Gorriti*. Disponível em: <<http://radioteca.net/audioseries/mujeres-argentinas-constructoras-de-ciudadania>>. Acesso em: 6 abr 2014.

AGUIRRE, Gisela. *Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Planeta Argentina, 2001.

AGUIRRE LAVAYEN, Joaquín. *En las nieves rosadas del Ande: la historia romántica y trágica de Manuel Isidoro Belzú, José Ballivian y Seguro, Juana Manuela Gorriti*. Bolivia: Santa Cruz de la Sierra: Distribuidor, Amigos del Libro, 1991.

ALAMPRESE, R. E. *Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: n. p., 1935.

ALIAGA SARMIENTO, Rosalba. Juana Manuela Gorriti. *El Monitor de la Educación común* 57.784, p. 42-51, 1938.

ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María C. Decir lo indecible: los relatos fantásticos de Juana Manuela Gorriti. *Revista Hispánica Moderna* 53.1, p. 214-228, 2000.

ARÁOZ, Raúl Anzoátegui. Semblanza de Juana Manuela Gorriti. *Academia Argentina de Letras*, Buenos Aires: Boletín 57, p. 351, 1992.

ARAÚJO, Helena. Geografía de lo fantástico en la escritura femenina latinoamericana. *Boletín Cultural y Bibliográfico*, Bogotá: Biblioteca Luis Ángel Arango, v. 32, n. 38. p. 141-146, 1995.

AUSTIN, Elisabeth L. Reading and Writing Juana Manuela Gorriti's *Cocina ecléctica*: Modeling Multiplicity. *Nineteenth-Century Domestic Narrative*. Arizona: Journal of Hispanic Cultural Studies 12.1, p. 31-44, 2009.

- AVILA Echazú, Edgar. *Juana Manuela recuerda: y otros relatos*. La Paz: Plural Editores, 2006.
- BALTA, Aida. *Presencia de la mujer en el periodismo escrito peruano (1821-1960)*. Universidad de San Martín de Porres, Facultad de Ciencias de Comunicación, Turismo y Psicología, Peru, maio 1998.
- \_\_\_\_\_. Veladas de la infancia – Nuestra Señora de los desamparados In: *El Album*, Lima, sábado, 23 de maio de 1874 In: *Presencia de la mujer en el periodismo escrito peruano (1821-1960)*. Universidad de San Martín de Porres, Facultad de Ciencias de Comunicación, Turismo y Psicología, Peru, maio 1998.
- BARRERA, Trinidad. La fantasía de Juana Manuela Gorriti. *Hispanérica Revista de Literatura*, 25.74, Prince George: Universidad de Maryland, p. 103-111, 1996.
- \_\_\_\_\_. La iniciación femenina. Juana Manuela Gorriti en la cocina. In: PERASSI, Emilia; REGAZZONI Susana. *Mujeres en el umbral*. De la iniciación femenina en las escritoras hispánicas. Sevilla: Editorial Renacimiento, Iluminaciones, 2006, p. 161-172.
- BATTICUORE, Graciela; ZUCCOTTI, Liliana. *Papeles de entrecasa*. Juana Manuela Gorriti, Guadalajara: Latin American Studies Association, abril 17-19, p. 1-15, 1997.
- BATTICUORE, Graciela. *El taller de la escritora: Veladas Literarias de Juana Manuela Gorriti: Lima-Buenos Aires (1876/7–1892)*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo, 1999.
- \_\_\_\_\_. Fervores patrios: Juana Manuela Gorriti. In: JITRIK, Noé (dir.). *Historia crítica de la literatura argentina*. v. 2, Buenos Aires: Emecé, 2002, p. 589-612.
- \_\_\_\_\_. Construcción y convalidación de la escritora romántica. Hacia la profesionalización. In: *La Mujer Romántica – autoras y escritores en la Argentina: 1830-1870*. Buenos Aires: Edhasa, 2005<sup>a</sup>, p 275-332.
- \_\_\_\_\_. *La mujer romántica*. Lectoras, escritores y autoras en la Argentina. 1830- 1870, Buenos Aires: Edhasa, 2005b.
- \_\_\_\_\_. *Mujeres argentinas*. Buenos Aires: Suma de Letras, 2006.
- BELLONO, Herminia Terrón. Cuento fantástico, tradición e historia en um relato incluído en *Lo íntimo*, de Juana Manuela Gorriti. In: ARROYO, Amelia (compiladora) *Juana Manuela mucho papel*, Salta, Ediciones del Robledal, 1999, p. 285-296.
- BERG, Mary. Juana Manuela Gorriti In: Marting, Daine E. *Spanish American women writers: a bio- bibliographical source book*, New York: Greenwood Press Westport, 1990, p. 226-229.
- \_\_\_\_\_. *Rereading Fiction by 19th Century Latin American Women Writers: Interpretation*

*and Translation of the Past into the Present*. Translating Latin America: Culture as Text. Eds. William Luis; Julio Rodríguez-Luis. Binghamton: Universidade de Nueva York, 1991, p. 127-133.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti (1818-1892). In: *Escritoras de Hispanoamérica*. Bogotá: Siglo Veintiuno, 1992, p. 231-245.

\_\_\_\_\_. Viajeras y exiliadas en la narrativa de Juana Manuela Gorriti, In: *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Ed. Lea Fletcher. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994, p. 69-79.

\_\_\_\_\_. *Juana Manuela Gorriti: narradora de su época (Argentina 1818- 1892)* Universidade de Harvard. Disponível em: <<http://evergreen.loyola.edu/tward/www/mujeres/critica/berg-gorriti.htm>> Acesso em: 1º dez. 2016.

BORBA, Cecília de Souza. A presença do fantástico nos contos 'El emparedado' e 'Una visita infernal', de Juana Manuela Gorriti. In: I Congreso Internacional de Narrativa Fantástica ' El terror y lo gótico en la literatura latinoamericana. Asedios a la figura del monstruo, 2014, Lima, Peru. I Congreso Internacional de Narrativa Fantástica. Lima, Peru: Centro de Estudios Literarios Antonio Cornejo Polar, 2014. v. 1. p. 1-11

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: resgate da voz feminina na Argentina do século XIX. *Anais do SINEI – Vozes e escrituras: confluências (IV Seminário Internacional de Estudos Literários*. Frederico Westphalen: URI, 2015. p. 1597-1607. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos//215.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. A presença feminina e o nacionalismo em *Sueños y realidades* de Juana Manuela Gorriti. set. 2017, 81f., Dissertação (Mestrado em Letras) - FURG, Rio Grande, 2017.

BRESCIA, Pablo. La sintaxis del secreto en Juana Manuela Gorriti. *Signos literarios y lingüísticos II*, Departamento de Filosofía de la Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, p. 63-73, dez. 2000.

BUENO, Fernanda Vitor. *The Myth of Camila O’Gorman in the Works of Juana Manuela Gorriti, María Luisa Bemberg, and Enrique Molina*. Dissertação University of Texas Austin, Ann Arbor: UMI, 2007.

BURET, María Florencia. Juana Manuela Gorriti In: *Revista del Paraná*. VIII Congreso Internacional de Teoría y Crítica Literaria Orbis Tertius. Buenos Aires: Universidad Nacional

de La Plata, 7, 8 e 9 maio 2012.

CÁCERES, Aurora. *La rosa muerta*. Buenos Aires: Stockcero, 2007.

CANO, Luis Carlos. Analogía y extrapolación: la ciencia ficción en los relatos de Juana Manuela Gorriti y Eduardo Holmberg. In: *Revista Universidad EAFIT*, vol.37, n. 122, Medellín, p. 69-77, abril, maio, jun. 2001.

CARES, Molina. La ruptura del proyecto modernista en *Peregrinaciones de un alma triste* de Juana Manuela Gorriti. In: *Escritoras del siglo XIX en América Latina*. Ed. Sara Beatriz Guardia. Lima: CEMHAL, 2012, p. 289-298. Acesso em: 1º maio. 2013.

CARETTA, Gabriela; ZACCA, Isabel, Itinerarios de un cuerpo. Los segundos funerales de Güemes en el proceso de construcción de memorias In: MATA, Sara; PALERMO, Zulma. (Compiladoras), *Travesía discursiva: representaciones identitarias en Salta (Siglos XVIII-XXI)*. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2011, p. 71-91.

CASTELLANOS, Isabelle Tauzin. La narrativa femenina en Perú antes de la guerra del Pacífico. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, ano 21, n. 42, Medford: Universidade de Tufts, p. 161-187, 1995.

CASTRO, Andrea. 'Quien escucha su mal oye' (1865) desde la estética de la recepción. In: Eva; THÖRNRYD, Victoria. *Caminos de lectura*. Antología de textos y aproximaciones analíticas al texto literario, Lund: Studentlitteratur, 2010, p. 25-40.

CASTRO, Marcela; JUROVIETZKY, Silvia. Fronteras, mujeres y caballos. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 147-158.

CHACA, Dionisio. *Historia de Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Imprenta El Centenario de Bruno Laria, 1940.

CHALUPA, Federico A. Nación y erotismo en 'Quien escucha su mal oye' de Juana Manuela Gorriti. *Espéculo: Revista de Estudios Literarios* 39, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2008. Disponível em: <<http://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero39/nacierot.html>> Acesso em: 2 dez. 2016.

CLARK, Emily Joy. *Addressing women's education in Lima in the late nineteenth century: the veladas literarias and beyond*. 2011, 74f. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade da Carolina do Norte, Chapel Hill. Disponível em: <<https://cdr.lib.unc.edu/indexablecontent/uuid:91030ef8-81c8-46e7-bbfe-d46684273931>> Acesso em: 23 maio 2017.

CONDE, Alfredo O. *Juana Manuela Gorriti: dolor, belleza, trabajo, patriotismo*. Buenos Aires: Biblioteca Popular del C. E. XX Juana Manuela Gorriti, 1939.

\_\_\_\_\_. *Ideas de Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Instituto Cultural Joaquín V. González, 1945.

CORBETTA, Daniele; NOAL, Joselma. A traducir cuentos de Juana Manuela Gorriti: una experiencia en una universidad brasileña. In: María Inés Arrizabalaga; Carina del Luján Ávila; María Soledad Prieto. (Org.). *Memorias 2012 de las III Jornadas Internacionales de Traductología: La traducción bajo la línea de la convergencia*. 1ed. Córdoba (Argentina): Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Lenguas, 2016, v. 1, p. p. 121-129.

COROMINA, Irene Susana. *Ficciones femeninas inspiradas en el rosismo: el aporte de la escritora a la narrativa política en la Argentina, 1846-1876*. 2002. Dissertação (Mestrado em Romance Languages Spanish) University of Pennsylvania, Ann Arbor: UMI.

\_\_\_\_\_. El destino de la mujer transgresora en tres cuentos con desenlace fantástico de Juana Manuela Gorriti. In: *Espéculo, Revista de Estudios Literarios*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, año XIV, nº. 43, 24/12/2009, nov. 2009-fev. 2010. Disponible em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/jmgorriti.html>> Acceso em: 5 nov. 2016.

CORTESE, Luis; CAPACCIOLI, Nora. *La mujer en las calles de Puerto Madero*. Diario La Prensa. Cultura. Las antiguas. Disponible em: <[http://buenosaires.idoneos.com/calles\\_de\\_puerto\\_madero](http://buenosaires.idoneos.com/calles_de_puerto_madero)> Acceso em: 2 dez. 2016.

COSTA, Ricardo Lionel y MOZEJKO, Teresa Danuta. El discurso como espacio de gestión de competencias. *Sincronía*, año 6, n. 21, México: Universidad de Guadalajara, Departamento de Letras, Centro Universitario de Ciencias Sociales y Humanidades, p. 1-16, dez. 2001- mar. 2002.

CRUZ, Clara Angélica Agustina Suárez. O espaço feminino na escritura de Juana Manuela Gorriti e Martha Mercader. 2005. 227 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponible em: <<http://hdl.handle.net/11449/103687>> Acceso em: 3 maio 2017.

DEL ÁGUILA, Rocío Carreno. (A)filiaciones femeninas: Gorriti y la genealogía de la escritura en Lima. *Decimónica*, v. 10, n. 1, p. 45-63, 2013.

DENEGRI, Francesca. *El Abanico y la Cigarrera: La primera generación de mujeres ilustradas en el Perú El positivismo visto desde los márgenes. 1860-1895*. Lima: Flora Tristán/ IEP, 1996.

\_\_\_\_\_. Desde la ventana: Women 'Pilgrims' in Nineteenth-Century Latin-American

- Travel Literature. *The Modern Language Review* 92: part 2, p. 348-362, abril 1997.
- DEVOTA, Daniel. Juana Manuela Gorriti: un milagro. In: *Estudios sobre literatura argentina: in Memoriam Rodolfo A. Borello*. Ottawa: Dovehouse Editions Canadá, 2000, p. 87-116.
- DIEZ DE MEDINA, José Alberto. *Juana Manuela Gorriti su vida, su obra y su paso por Bolivia*. Sucre: Editorial Casa de La Libertad, 2015.
- DOMÍNGUEZ, María Alicia. *Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: n. p., 1937.
- DURÁN, Florencia. *Juana Manuela Gorriti: su palabra y sus silencios*. Bolivia: Ministerio de Desarrollo Humano, Secretaría de Asuntos Étnicos, de Género y Generacionales, Subsecretaría de Asuntos de Género, Coordinadora de Historia, 1997.
- EFRÓN, Analía. *Juana Manuela Gorriti*. Una biografía íntima. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- ESTRADA, Santiago. Juana Manuela Gorriti. *Misceláneas*. Barcelona: Henrich y Cía., 1889.
- ESTRELLA GUTIÉRREZ, Fermín. Juana Manuela Gorriti. *Diccionario de la literatura latinoamericana: Argentina, Primera Parte*, Ed. Roberto F. Giusti. Washington D.C.: Unión Panamericana, 1960, p. 65-68.
- FAVORETTO, M.; L. Anderson. Construyendo la nación desde la cocina: *Cocina ecléctica* de Juana Manuela Gorriti y La cocina antigua y la cocina moderna de Emilia Pardo Bazán. *Cruce de vías: una mirada oceánica a la cultura hispánica*. Ed. Rogelio Guedea. México: Universidad Veracruzana, 2010, p.39-61.
- FERREIRA, Rocío. Transacciones de amor y de dinero: Oro, género y domesticidad en las leyendas "Andinas" de Juana Manuela Gorriti. IN: GUARDIA, Sara Beatriz (org.) *Mujeres que escriben en Latinoamérica*, Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, CEMHAL Auspicio: Facultad de Letras y Ciencias Humanas Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru, 2007, p. 163-176.
- \_\_\_\_\_. Cartografías panamericanas en *Cocina ecléctica* (1890) de Juana Manuela Gorriti. *América sin nombre*, n. 13-14, 2009, p. 73-84.
- FLORES, Ángel. Juana Manuela Gorriti. In: *Narrativa hispanoamericana Historia y antología I, 1816-1981: De Lizardi a la generación de 1850-1879*. 3. Ed. México DF, 1998, p. 97-101.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2008.
- FREDERICK, Bonnie Kathleen. Juana Manuela Gorriti's *La alborada del plata*: The Galvanism of Literature. *Wily Modesty: Argentine Women Writers, 1860-1910*. Tempe: ASU

Center for Latin American Studies Press, 1998, p. 23-28.

FRITZSCHE, Teresita Frugoni de. Romanticismo y realismo en los orígenes de la narrativa argentina. *Arrabal*, Asociación Española de Estudios Literarios Hispanoamericanos, Facultat de Lettres, Departamento de Filología Clásica, Francesa e Hispánica, España, Lleida: Universitat de Lleida, n. 4, p. 31-40, 2002.

GAMARRA, Abelardo M. *Prólogo Lo íntimo por Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Ramón Espasa, 1893, p. 1-8.

GARGALLO, Francesca (coord.) Juana Manuela Gorriti, Juana Azurduy de Padilla. Buenos Aires, 1892. In: *Antología del pensamiento feminista nuestroamericano*, tomo 1 Del anhelo a la emancipación. Buenos Aires: Biblioteca Ayacucho, 2010, p. 244. Disponible en: <file:///C:/Users/117601/Documents/APFNIDelanheloalaemancipaci%C3%B3n.pdf>. Acceso em: 3 dez. 2016.

GARCÍA, Pabón L.; Amate V. Gil. Amados cadáveres: madre Inca y mujer criolla. *La quena* de Juana Manuela Gorriti. *De Incas, Chaskañawis, Yanakunas y Chulas: estudios sobre la novela mestiza en los Andes*. Murcia: Universidad de Alicante, 2007, p. 37-64.

GARDARSDÓTTIR, Hólmfrídur. Literatura argentina de dos épocas: revisión histórica que altera el lugar designado a la mujer. *Anales, N.E. 3/4*, Universidade de Göteborg, Faculdade de Artes, Instituto de Estudos Iberoamericanos, p. 57-76, 2001. Disponible en: <https://gupea.ub.gu.se/handle/2077/3228> Acceso em: 3 nov. 2016.

GATICA DE MONTIVEROS, María Delia. *Juana Manuela Gorriti*. Aspectos de su obra literaria. Santa Fe, Argentina: Imprenta de la Universidad, 1942.

GIUSTI, Vera Lucía Wurst. Lo velado de las veladas literarias de Juana Manuela Gorriti: la construcción del sujeto femenino en el siglo XIX. Monografía Licenciatura en Lingüística e Literatura com menção em Literatura Hispânica, Pontificia Universidad Católica del Perú, Facultad de Letras y Ciencias Humanas, Lima, 2015, 141 p. Disponible en: <http://tesis.pucp.edu.pe:8080/repositorio/bitstream/handle/123456789/6102/WURST\_GIUSTI\_VERA\_VELADAS\_LITERARIAS.pdf?sequence=1> Acceso em: 20 set. 2017.

GLAVE, Luis Miguel. Letras de mujer: Juana Manuela Gorriti y la imaginación nacional andina, siglo XIX. *Fractal* n. 3, año 1, v. I, p. 93-125, out-dez, 1996. Disponible en: <http://www.mxfractal.org/F3glave.html> Acceso em: 3 nov. 2016.

- \_\_\_\_\_. Diez años de soledad. Vida y muerte de Mercedes Cabello de Carbonera. In: ROYO, Amelia. *Juanamanuela, mucho papel: algunas lecturas críticas de textos de Juanamanuela Gorriti*, 1999, p. 91-110.
- GOSWITZ, María Nelly. De Pizarras y Pupitres a Borriones y Bosquejos: El Rol de las veladas literarias en la escritura femenina peruana del siglo XIX. In: GUARDIA, Sara Beatriz. *Escritoras del siglo XIX en América Latina*. Lima: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina CEMHAL, 2012, p. 77-85.
- GUARDIA, Sara Beatriz (org.) Viajeras entre dos mundos. Dourados: Ed. UFGD, 2012.
- GUERRA CUNNINGHAM, Lucia. Visión marginal de la historia en la narrativa de Juana Manuela Gorriti. *Ideologies and Literature New Series*, v. 2, n. 2, Minneapolis: University of Minnesota, p. 59-76, 1987.
- GUTIÉRREZ, Juan María. Nota. In: *Revista del Río de la Plata*, Buenos Aires, v. 6, n. 24, p. 499-501, 1873.
- GUZMÁN, Flora. *La mirada secreta*. Visiones y revisiones de lo femenino. Buenos Aires: Penguin Random House - Grupo Editorial Argentina, 2012.
- HOYO, Francisco Martínez. La construcción de la leyenda nacional: Juana Manuela Gorriti *Dossier: Literatura y lucha de clases a fines el siglo XIX y principios del XX*. Buenos Aires: Revista Razón y Revolución, n. 22, p. 27-46, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Heroínas incómodas: la mujer en la independencia de Hispanoamérica*. Barcelona: Editorial Rubeo, 2012.
- HUESCA, Eva París. La nación como formación discursiva y la dimensión femenina del proceso de modernidad en 'La hija del Mashorquero', de Juana Manuela Gorriti. In: *Mester*, v. XXXVIII, University of California, p. 45-56, 2010. Disponible em: <<http://escholarship.org/uc/item/6h31m8kg>> Acesso em: 23 maio 2017.
- IGLESIA, Cristina. *El ajuar de la patria*. Ensayos críticos sobre Juana Manuela Gorriti. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1993.
- \_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: la escritora del destierro In: *Mujeres argentinas*. Buenos Aires: Alfaguara, 1998, p. 235-254.
- IMACH, Victoria Cohen. Mirar al claustro. Acerca de lo conventual en la obra de Juana Manuela Gorriti. *Andes: Antropología e historia* 21, Salta: Universidad Nacional de Salta, p. 23-59, 2010.
- \_\_\_\_\_. Sombreros blancos Las Hijas de la Caridad y el combate del 2 de mayo de 1866 en textos de Juana Manuela Gorriti. *Itinerantes Revista de Historia y Religión*. Universidad

del Norte Santo Tomás de Aquino, Tucumán, Argentina. p. 117-157, 2011. Disponível em: <<http://www.unsta.edu.ar/wp-content/uploads/2013/05/Victoria-Cohen-Imach>> Acesso em: 30 nov. 2016.

IRIARTE, Josefina; TORRE, Claudia. Juana Manuela Gorriti. Cocina ecléctica “un si es no es de ajo molido” In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 80-86.

\_\_\_\_\_. La mesa está servida. In: *El Ajuar de la Patria*. Ensayos críticos sobre Juana Manuela Gorriti. Buenos Aires: Feminaria, 1993, p. 45-61.

JARAMILLO, María Mercedes. *Las desobedientes de nuestra América*. Bogotá: Panamericana Editorial, 2003.

KOIRA, Estrella I. El deseo de «nos-otros» en Juana Manuela Gorriti: literatura y representación de la identidad desde una perspectiva femenina en el siglo XIX argentino. In: *Jornadas Diálogos: Literatura, Estética y Teología: Miradas desde el bicentenario: Imaginarios, figuras y poéticas*, IV, 12-14. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires, p. 63-69, out. 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/deseo-nos-otros-juana-gorriti>> Acesso em: 30 nov 2016.

KÜPPERS, Gabriele. *Peruanische Autorinnen vor der Jahrhundertwende. Literatur und Publizistik als Emanzipationsprojekt bei Clorinda Matto de Turner*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1989.

LAVAYEN, Joaquín Aguirre. *En las nieves rosadas del Ande*. Bolívia: El País, 1991.

LEGUIZAMÓN, María Luiza Cresta. Aportes de Juana Manuela Gorriti a la narrativa argentina. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 61-68.

LIMA, Lisiane Ferreira de. Análise e tradução de Juana Manuela Gorriti: Literatura e História no conto 'Un drama en 15 minutos'. In: IV Seminário Internacional de Estudos Literários (SINEL); V Seminário Nacional de Estudos Literários (SENAEL); e V Seminário de Estudos Literários da Região Sul (SELIRS), 2015, Frederico Westphalen, RS. Anais do SENAE, SELIRS e SINEL. Frederico Westphalen, RS: URI - Frederico Westph, 2015. p. 431-440.

\_\_\_\_\_. O conto fantástico em Juana Manuela Gorriti (1816-1892). In: II Seminário Nacional de Estudos da Literatura em Pelotas, 2015, Pelotas, RS (Brasil). Caderno de Resumos do II SemEL, 2015. p. 22-23.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti e a literatura fantástica na Argentina do século XIX. In: IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa: [Des]limiaries da Linguagem, 2016, Porto Alegre, RS. Anais do IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS - Editora Universitária da PUCRS, 2016. p. 405-413.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: uma voz feminina na literatura hispano-americana do século XIX.. In: III Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais - novas vozes, novas linguagens, novas leituras (III SILLPRO), 2016, Caxias do Sul, RS. Anais. Caxias do Sul, RS: UCS, 2016. v. 3. p. 69-74.

\_\_\_\_\_. Traducción o análisis del cuento 'Un drama en 15 minutos', de Juana Manuela Gorriti. In: María Inés Arrizabalaga; Carina del Luján Ávila; María Soledad Prieto. (Org.). Memorias 2012 de las III Jornadas Internacionales de Traductología: La traducción bajo la línea de la convergencia. 1ed. Córdoba (Argentina): Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Lenguas, 2016, v. 1, p. 159-164.

\_\_\_\_\_. Escritas de autoria feminina: problematizando a presença das mulheres no cânone literário. In: Ana Luísa Vilela; Fabio Mario da Silva; Maria Lúcia Dal Farra. (Org.). O Feminino e o Moderno. 1ed. Lisboa (Portugal): Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2017a, v. 1, p. 177-186.

\_\_\_\_\_. A literatura fantástica em *Panoramas de la vida* (1876), de Juana Manuela Gorriti, set. 2017, 148 f., Dissertação (Mestrado em Letras) - FURG, Rio Grande, 2017b.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias In: *Mulheres e Literatura: vozes consequentes*, Florianópolis: Mulheres, 2015, p. 119-158. Disponível em: <<http://amulhernaliteratura.ufsc.br/livros.html>> Acesso em: 28 nov. 2016.

LOJO, María Rosa. Al margen del canon. In: *Revista de Cultura Ñ*, Madrid, 9 nov. 2010. Disponível em: <[http://www.revistaenie.clarin.com/literatura/ficcion/margen-canon\\_0\\_367163603.html](http://www.revistaenie.clarin.com/literatura/ficcion/margen-canon_0_367163603.html)> Acesso em: 28 nov. 2016.

LÓPEZ, Antonio Irigoyen. La familia en la obra de Juana Manuela Gorriti. *Palabra, palabra que obra*, Revista Cartagena de Indias: Universidad de Cartagena, n. 13, p. 50-69, ago 2013.

LÓPEZ, José Francisco. *Influencia del espíritu y de la literatura en la grandeza y decadencia de los pueblos: carta a Da. Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Provenir, 1878.

LUNA, Félix. *Juana Manuela Gorriti*. Buenos Aires: Editorial Planeta Argentina, 2001.

MAGALHÃES, Henrique; SOARES, Twyne. Análise do narrador de Ervas e alfinetes: um

conto traducido de Juana Manuela Gorriti . In: María Inés Arrizabalaga; Carina del Luján Ávila; María Soledad Prieto. (Org.). *Memorias 2012 de las III Jornadas Internacionales de Traductología: La traducción bajo la línea de la convergencia*. 1ed. Córdoba (Argentina): Universidad Nacional de Córdoba. Facultad de Lenguas, 2016, v. 1, p. 312-320.

MERCADER, Martha. *Juanamanuela, mucha mujer*, Buenos Aires: Sudamericana, 1980.

MARTÍN, Claire Emilie. 'Todo esto para nosotros dos, viejos amigos...': correspondencia de Juana Manuela Gorriti y Ricardo Palma In: *Ciberletras*, Revista de Crítica literaria y de cultura – Journal of literary y criticism and culture Lehman College, Cuny, nº. 29, dez 2012, s/p.

MARTORELL, Alicia. *Juana Manuela Gorriti y Lo íntimo: ensayo biográfico*. Salta: Fundación del Banco del Noroeste Coop., 1991.

\_\_\_\_\_. *Juana Manuela Gorriti y Lo íntimo: la mujer salteña en las letras*. Salta: Fundación del Banco del Noroeste Coop., 1992.

MASIELLO, Francine. *Between Civilization and Barbarism: Women, Nation, and Literary Culture in Modern Argentina*. Lincoln, NE: Universidad de Nebraska, 1992.

\_\_\_\_\_. (coord.) *La mujer y el espacio público*. El periodismo femenino en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Feminaria, 1994.

\_\_\_\_\_. Voces de(l) Plata: dinero, lenguaje y oficio literario en la literatura femenina de fin de siglo. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 38-46.

\_\_\_\_\_. *Entre civilización y barbarie*. Mujeres, Nación y Cultura literaria en la Argentina moderna. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

MEEHAN, Thomas C. Una olvidada precursora de la literatura fantástica: Juana Manuela Gorriti. *Chasqui*, 10: 2-3, fev-maio Tucson: Universidad de Arizona, p.3-19, 1981.

MICHAUD-MASTORAS, Danaé. La última palabra de Juana Manuela Gorriti en *Lo íntimo*, obra póstuma de una historia fragmentada, personal y colectiva, entre lo real y lo maravilloso In: ELIAS-CARO, Jorge Enrique y RAMOS, Margarita Macías. *La historia en la literatura y la literatura en la historia latinoamericana y caribeña*, Barranquilla: ADHILAC, Casa Museo Julio Flórez y Universidad del Norte, 2014, p. 216-228.

MISERES, Vanesa. Juana Manuela Gorriti o una revisión de la literatura fundacional *Grafemas*: Boletín electrónico de la Asociación Internacional de Literatura y Cultura Femenina Hispánica, Texas: The University of Texas at Austin, p. 1-6, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Una nación para el norte argentino: viaje y política en *La tierra natal* de Juana

Manuela Gorriti. *Ciberletras*. Revista de Crítica literaria y de cultura – Journal of literary and criticism and culture Lehman College, Cuny, vol. 29, s/p, 2012.

MIZRAJE, María Gabriela. Mujeres de mérito propio. *Suplemento de Cultura*, Buenos Aires, p.12, 14 mar. 1993a. Disponible em: <<http://jornadaseduardamansilla.blogspot.com.br/2009/04/mujeres-de-merito-propio.html>> Acceso em: 20 out. 2016.

\_\_\_\_\_. (org. e prólogo). *Mujeres*. Imágenes argentinas. Desde la gente. Buenos Aires: Instituto Movilizador de Fondos cooperativos, 1993b.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: cuentas pendientes. In: FLETCHER, Lea, *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*, Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti. *Cuadernos Hispanoamericanos*. Dossier escritoras argentinas del siglo XIX, n. 639, p.31-39, set. 2003.

MOLINA, Karina Cares. Visión rupturista del proyecto moderno en *Peregrinaciones de un alma triste* de Juana Manuela Gorriti. In: GUARDIA, Sara Beatriz. *Escritoras del siglo XIX em América Latina*. Lima: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina CEMHAL, 2012, p. 289-298.

MOLINA, Hebe Beatriz. *La narrativa dialógica de Juana Manuela Gorriti*. Mendoza: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional de Cuyo, 1999.

OSÁN DE PÉREZ SAÉZ, María Fanny. Juana Manuela Gorriti y los orígenes de la narrativa. In: *Los primeros cuatro siglos de Salta: 1582-16 de abril de 1982: una visión multidisciplinaria*. Salta: Universidad Nacional de Salta, 1982, p. 223-234.

PAGÉS LARRAYA, Antonio. Juana Manuela Gorriti. *Relatos*. Por Juana Manuela Gorriti. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1962, p. 5-11.

PALMA LITERARIA y artística de la escritora argentina Juana M. Gorriti. Buenos Aires: Carlos Casavalle, 1875.

PALMA, Ricardo. Carta a don Julio G. Sandoval GORRITI, Juana Manuela. *Veladas literarias de Lima*. Buenos Aires: Imprenta Europea, 1892.

\_\_\_\_\_. *La Bohemia de mi tiempo*. Lima: Edición Distribuidora Bendezú, 1971.

PAZ, Gilda. Juana Manuela Gorriti. In: *Galería de mujeres célebres*. Buenos Aires: Corregidor, 1991, p. 20-23.

PIZARRO, Juan Medrano. Reseña. MIZRAJE, María Gabriela. Argentinas de Rosas a Perón. Colección Biblioteca de las Mujeres. *Revista de Crítica literaria latinoamericana*, ano XXVII, n. 54. Lima-Hanover, p. 249-252, 2001.

PODERTI, Alicia. Biografía de tres naciones incipientes: Juana Manuela Gorriti. *Revista de literatura hispánica*: n. 71, Article 15, p. 261-272, 2010. Disponível em: <<http://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss71/15>> Acesso em: 1º dez. 2016.

PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. Nova Iorque: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. Las mujeres y el imaginario nacional en el siglo XIX. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, ano 19, n. 38, p. 51-62, 1993.

\_\_\_\_\_. . A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, Revista de Literatura, Florianópolis: UFSC, n. 38, p. 7-30, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/viewFile/14665/13434>> Acesso em: 28 nov. 2016.

QUESADA, Carlos Conejo. Presencia e imagen del periodismo femenino en el siglo XIX. *Revista Cultura*, Lima, Universidad de San Martín de Porres, Peru, n. 20, p. 242-276, 2006.

QUINTANA, Isabel Alicia. El taller de la escritora. Veladas literarias de Juana Manuela Gorriti: Lima – Buenos Aires (1876/ 7 – 1892), Rosario, Beatriz Viterbo. *Primas*, Revista de Historia Intelectual, n. 4, 1999. Disponível em: <<http://foroiberoidas.cervantesvirtual.com/resenias/data/18.pdf>> Acesso em 28 nov. 2016.

REGAZZONI, Susanna. Juana Manuela Gorriti: Notas sobre la disolución del exotismo. *Romanticismo 2: Atti del III Congresso sul romanticismo spagnolo e ispanoamericano (12-14 Aprile 1974)*. Genova: Biblioteca di Lett, p. 100-106, 1984.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: notas sobre la disolución del exotismo. *Convegno: III Congresso sul romanticismo spagnolo e ispanoamericano "Il linguaggio romantico"*, Genova, p. 101-106, abr. 1984.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti: entre el paradigma romántico del "yo" y el ideal femenino del siglo XIX In: *D. Ferro, Trabajo y aventura*. Roma: Le Edizioni Universitarie d' Italia, 2004, p. 241-251.

\_\_\_\_\_. Tú que me miras, yo que te cuento (sobre Juana Manuela Gorriti y Gertrudis Gómez de Avellaneda) *Revolución y cultura*, La Habana, v. 4, p. 8-11, 2006.

REISZ, Susana. Entre el género fantástico y el género femenino: las fastasmagorías eróticas de Juana Manuela. In: PONT, Jaume. (Ed.) *Narrativa fantástica en el siglo XIX (en España e Hispanoamérica)*. Lleida: Editorial Milenio, 1997, p. 223-234.

RINGUELET, Gisele. *Feminismo y escritura en el siglo XIX*. De las madres virtuosas a las mujeres escritoras. Buenos Aires, Jornadas Centro Descartes. Disponível em:

<<http://www.descartes.org.ar/jor2005ringuelet.htm>> Acceso em: 28 nov. 2016.

RODRÍGUEZ, Rosana López. Un feminismo extraño. Las contradicciones del feminismo académico argentino contemporáneo a través de dos escritoras del siglo XIX. *Aposta Revista de Ciencias Sociales*, n. 35, Buenos Aires: Ceics - Centro de Estudios e Investigación en Ciencias Sociales, out. nov. dez. 2007. Disponible em: <<http://www.apostadigital.com/revistav3/hemeroteca/ryrlop.pdf>> Acceso em: 28 nov. 2016.

ROJAS, Ricardo. *Historia da literatura argentina*, ensayo filosófico sobre la evolución de la cultura en el Plata. Buenos Aires: G. Kraft, 1957.

ROYO, Amelia. *Juanamanuela, mucho papel: Algunas lecturas críticas de textos de Juana Manuela Gorriti*. Salta: Ediciones del Robledal, 1999.

\_\_\_\_\_. La textualización de Camila O'gorman en la escritura de Juana M. Gorriti. *Cuadernos Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*, n.16, San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, p. 159-167, maio 2001.

RUIZ, Elida. Las escritoras 1840-1940 In: *Antología*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980, p. 289-312.

\_\_\_\_\_. Las escritoras. In: *Historia de la literatura argentina*. Las primeras décadas del siglo. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1981, p. 289-312.

SAENZ-ROBY, María Cecilia. *El irreverente discurso fundacional de Juana Manuela Gorriti*, Nueva crítica hispanoamericana. Buenos Aires: Corregidor, 2014.

SALAS GUERRERO, César. Colaboradores y corresponsales del semanario literario *El Álbum* (1874-1875). *Boletín IRA*. Lima, n. 35, p. 129-170, 2009.

SALGADO, María A. Juana Manuela Gorriti: Una escritora decimonónica ante el discurso de la enfermedad. In: *Hispanic Journal*, v.17, n. 1, p. 55-67, abr 1996.

SANTOS, Thaís; VIEIRA, Fernanda Gonçalves. Da Argentina do século XIX para o Brasil do século XXI: obstáculos na tradução de Gorriti. *Anais do SINEL – Vozes e escrituras: confluências (IV Seminário Internacional de Estudos Literários)*. Frederico Westphalen: URI, 2015. p. 1569-1573. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos//215.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2017.

SCOTT, Nina M. Juana Manuela Gorriti's *Cocina ecléctica*: Recipes as Feminine Discourse. Los Angeles: Editorial Office University of University of Southern California. *Hispania*, v. 75, n. 2, p. 310-314, maio 1992.

SEIFERT, Marcos. Traslados y cruces genéricos. Gótico, tragedia y política en 'Si haces

mal no esperes bien' de Juana Manuela Gorriti. *Badebec. Revista del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria*, Rosario, v. 3, p. 186-205, 2014.

SENSIDONI, Eleonora. Tradiciones culinarias criollas como herencia de la emigración. In: *Oltreoceano*, rivista sulle migrazioni, Udine, Forum Editrice, 2010, p.199-208. Disponível em: <<http://riviste.forumeditrice.it/oltreoceano/article/download/476/452>> Acesso em: 28 nov 2016.

SIX, Chapter. Modeling Multiplicity Gender and authority in Juana Manuela Gorriti's *Cocina Ecléctica* In: AUSTIN, Elisabeth L. *Exemplary Ambivalence in Late Nineteenth-century Spanish America: Narrating creole subjectivity*, Lexington Books, 2012, p. 175-194.

SYLVESTER, Santiago. Ediciones críticas. *La Tierra natal. Lo íntimo*, de Juana Manuela Gorriti. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 1998.

\_\_\_\_\_. Exilio y pertenencia. *Claves*, ano 8, n. 77, p. 10-11, mar. 1999.

SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. 3 ed., Buenos Aires: Plus Ultra, 1986.

SOSA, Francisco. Juana Manuela Gorriti. *Escritores y poetas sud-americanos*. México: Oficina Tip. de la Secretaría de Fomento, 1890, p. 53-68.

SULCA MUÑOZ, María Julia. *Juana Manuela Gorriti y las mascaradas de la femineidad*. 2008, 87 f. Monografía (Licenciatura em Literatura e Linguística com menção em Literatura Hispânica), Pontificia Universidad Católica de Peru, Lima. Disponível em: <http://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/handle/123456789/649>. Acesso em: 10 ago. 2017.

TERRÓN DE BELLOMO, Herminia. Literatura fantástica y denuncia social en Juana Manuela Gorriti. In: *Letras femeninas*, University of Nebraska-Lincoln, v. XIX, n. 1 e 2, p. 113-116, 1993.

TORANZO DE PENÍN, Amabilia. Vinculaciones entre la visión femenina y la autobiografía en *Cocina ecléctica* de Juana Manuela Gorriti. In: HINTZE, Gloria María. *Escritura femenina, diversidad y género en América Latina*. Mendoza: Universidad de Cuyo, 2004, p. 49-74.

TORRES-CALDERON, Alvaro M., *Mujer, nación y progreso en el discurso del exilio de Clorinda Matto de Turner y Juana Manuela Gorriti*. 2006, 141f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade da Florida.

TRINIDAD, Barrera. La fantasía de Juana Manuela Gorriti. *Hispanamérica*, Revista de Literatura, EUA, n. 74, ano XXV, p. 103-112, ago.1996.

TRINIDAD, BARRERA. La iniciación femenina Juana Manuela Gorriti en la cocina.

VALESINI, Aldo Oscar. Resenha In: *Revista Signos*, v. 33, n. 47, Viña del Mar: Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Instituto de Literatura y Ciencias del Lenguaje, p. 185-186, 2000.

VAZ, Artur Emilio Alarcon, PILETTI, Daniele Corbetta. Traduzindo contos de Juana Manuela Gorriti: uma experiência em uma universidade brasileira. *Digilenguas*, v. 1, p. 407-413, 2013.

VAZ, Artur Emilio Alarcon; PILETTI, Daniele Corbetta. A tradução ao português do conto 'la hija del mashorquero', de Juana Manuela Gorriti: uma análise à luz dos EDT. In: *III Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais: Novas Vozes, Novas Linguagens, Novas Leituras*, 2016, Caxias do Sul. Anais do III Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais: Novas Vozes, Novas Linguagens, Novas Leituras. Caxias do Sul: Ed. UCS, 2016. v. 2. p. 316-328.

VERGARA, Magda Teresa. *El discurso femenino de Juana Manuela Gorriti*. 1993, Dissertação. Universidade de Virginia, Ann Harbor: UMI.

YACOVIELLO, Cora (dir.). Juana Manuela Gorriti - Historia de una vida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-i3htnbdQ7oo>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

YEAGER, Gertrude. *Confronting Change, Challenging Tradition: Women in Latin American History*. Oxford, Toronto: Jaguar Books, 1994.

YOUNG, Richard, CISNEROS, Odile. *Historical dictionary of latin american literature and theater*, Lanham: Scarecrow, 2011.

ZUCOTTI, Liliana. Gorriti, Manso: de las Veladas Literarias a 'Las conferencias de maestra' In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 96.

### **Referências teóricas:**

ÁGUILA, Rocío del. *Mujer, nación e identidad en la narrativa de Juana Manuela Gorriti y Clorinda Matto de Turner*. Dissertação. Universidade do Texas, 2011. Ann Arbor: UMI, 2011.

ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

\_\_\_\_\_. El pacto ambiguo. *Boletín de la Unidad de estudios biográficos*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996, p. 9-19.

\_\_\_\_\_. ¿Es literario el género autobiográfico? Tres ejemplos actuales. *Mundos de ficción*, Actas del VI Congreso Internacional de A.E.S. José María Pozuelo Yvancos e Francisco Vicente Gómez (org.) Murcia: Universidad de Murcia, p. 175-183, 1996.

\_\_\_\_\_. ¿Existe la autoficción hispanoamericana? *Cuadernos del Cilha*, Mendoza: Universidad Nacional de Cuyo. n. 7/8, p. 115-127, 2005-2006 .

\_\_\_\_\_. ¡Éste (no) soy yo? Identidad y autoficción *Pasajes: Revista de pensamiento contemporáneo*, n. 25 Ejemplar dedicado a: Libertad de expresión: límites y amenazas, Universitat de València, p. 89-100, 2008.

ALONSO, Viviana Rigo de. Juana Manuela Gorriti: la autobiografía y la novela histórica In: *Ciberletras*, vol. 29, dez. 2012, s/p. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v29/rigoalonso.htm>> Acesso em: 2 dez 2016.

AMO, Álvaro Luque. El diario personal en la literatura: teoría del diario literario. *Castilla. Estudios de Literatura*, n. 7, p. 273-306, 2016.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Eliana L.L. Reis, Gláucia R. Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BATTICUORE, Graciela. Historias cosidas, el oficio de escribir. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 30-37.

\_\_\_\_\_. Itinerarios culturales, dos modelos de mujer intelectual en la Argentina de siglo XIX. *Revista de crítica literaria latinoamericana*, Lima, ano 22, n. 43-44, p. 163-180, 1996.

\_\_\_\_\_. Fervores pátrios: Juana Manuela Gorriti. In: JITRIK, Noé (org.) *História crítica de la literatura argentina – La lucha de los lenguajes*. vol. II, Buenos Aires: Emecé Editores, 2003, p. 589-612.

BERG, Mary G. Juana Manuela Gorriti: narradora de su época (Argentina 1818-1892) In: OSORIO, Betty, JARAMILLO, María Mercedes. *Las desobedientes: Mujeres de nuestra América*. Bogotá: Panamericana Editorial, 1997, p. 131-146.

\_\_\_\_\_. Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. *Escritoras hispanoamericanas del XIX y su importancia hoy*. Barcelona, 21-26 ago. 1989 / coord. por Antonio Vilanova, v. 3, p. 449-457, 1992. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/10/aih\\_10\\_3\\_049.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aih/pdf/10/aih_10_3_049.pdf)> Acesso em: 14 fev. 2014.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória* – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOLAÑOS, Aimée. *Pensar la narrativa*. Rio Grande: FURG, 2002.

\_\_\_\_\_. Diáspora. In: BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais; percursos americanos*. Porto Alegre: Ed. Literalis, 2010, p. 167-188.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Ensaio íntimos e imperfeitos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

BUCURÉ, Miriam. Militancia y compromiso literario de Juana Manuela Gorriti. *Quaderns de Filologia. Estudis literaris*. vol. XVII, Valência: Universitat de València, p. 13-25, 2012.

CABALLÉ, Anna. *Narcisos de tinta* – ensayo sobre la literatura autobiográfica en lengua castellana (siglo XIX y XX). Málaga: Megazul, 1995. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/126287988/Anna-Caballe-Narcisos-de-tinta>> Acesso em: 25 jul. 2017

\_\_\_\_\_. Escribir el pasado, yendo al futuro. In: *Anales de Literatura Española*. Alicante, núm. 14, 2001, p. 29-40. Disponível em: <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/anales-de-literatura-espanola--12/html/p0000002.htm#l\\_4\\_](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/anales-de-literatura-espanola--12/html/p0000002.htm#l_4_)> Acesso em: 27 jul. 2017.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2012. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/candau-joel-memoria-e-identidade.html>> Acesso em: 28 mar. 2017.

COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. France: Éditions Tristram, 2004.

COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In: NORONHA, Jovita Mari Gerheim. *Ensaio sobre autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 39-66.

CORRES, María de la Mercedes. Juana Manuela y Eduarda Mansilla... construcción de un discurso sobre Argentina, siglo XIX, XIV Jornadas Interescuelas/Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, 2013, p.1-21.

ÁGUILA, Rocío del. *Mujer, nación e identidad en la narrativa de Juana Manuela Gorriti y Clorinda Matto de Turner*. 2011. 429 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Texas, Austin, Texas, 2011.

DENEGRI, Francesa. *El abanico y la cigarerra – la primera generación de mujeres ilustradas en el Perú, 1860-1895*, Lima: IEP, 1996.

DOMENELLA, Ana Rosa. Mirajes desde la íntima. ‘Tierra Natal’ al ‘Oasis’ del compromiso literario In: *Más allá del umbral: autoras hispanoamericanas y el oficio de la escritura*.

Sevilla: Editorial Renacimiento, 2010, p. 34-49.

DOMÍNGUEZ, Nora. Historia literaria de una intimidad argentina. De viajes, fragmentos y familias. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 20-29.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. Paris: Galilée, 1977.

DUARTE, Kelley Baptista. *A escrita autoficcional de Régine Robin: mobilidades e desvios no registro da memória*. 2010a. 255f. Tese (Doutorado em Literaturas francesa e francófonas). Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp155283.pdf>> Acesso em: 18 set. 2012.

\_\_\_\_\_. Autoficção. In: *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010b, p. 27-38.

DURÁN, Florencia de Lazo de La Vega. *Juana Manuela Gorriti. Su palabra y sus silencios*. La Paz: Ministerio de Desarrollo Humano, Secretaría de Asuntos Etnicos, de Género y Generacionales, Subsecretaria de Asuntos de Género, Coordinadora de Historia, 1997. Disponível: <<http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v29/miseres.html>> Acesso em: 1 dez 2016.

FAEDRICH, Anna Martins. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. 2014. 251f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5746/1/000456796-Texto%2BCompleto-0.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. O conceito de autoficção: de demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. *Itinerários - Revista de Literatura*, Araraquara, SP, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Resenha. *El pacto ambíguo*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 575-578, out./dez. 2013.

FIBLA, Nuria Girona. *Ser de escritora, ser de escritura: memorias de Juana Manuela Gorriti*. Universitat de Valencia. Madrid, p. 305-320, 2008. Disponível em: <[http://www.academia.edu/8533697/\\_Ser\\_de\\_escritora\\_ser\\_de\\_escritura\\_memorias\\_de\\_Juana\\_Manuela\\_Gorriti](http://www.academia.edu/8533697/_Ser_de_escritora_ser_de_escritura_memorias_de_Juana_Manuela_Gorriti)> Acesso em: 10 set 2016.

FLEMMING, Leonor. La muerte en directo. El testamento literario de Juana Manuela Gorriti. In: *Jornaleros 1 Estudios literarios y linguisticos – Latinoamérica y su literatura*, Conferencias de la III Jornada del Norte argentino de estudios literarios y linguisticos

Octubre 2010. Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, p. 7-24, 2012. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/190800410/Jornaleros-01-Latinoamerica-y-su-Literatura>> Acesso em: 2 dez. 2016.

GUIDOTTI, Maria Liliana. Juana Manuela Gorriti, una periodista argentina en el siglo XIX. *Caracol 2*, Dossiê, São Paulo: USP, p. 42-71, 2011.

GRZEGORCYK, Marzena. Lost Space: Juana Manuela Gorriti's Postcolonial Geography *Journal of Iberian and Latin American Studies*, v. 8, p. 55-69, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 1990.

HINCAPIÉ, Luz M. *Immigrant exiled and hybrid: nineteenth-century Latin American women travel writers*. 2002. 169 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Faculdade de Letras, Universidade de Wollongong, Austrália. 2002. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/theses/2175>> Acesso em: 20 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Exile, Displacement and Hybridity in Juana Manuela Gorriti. *Aesthetika revista internacional de estudio e investigación interdisciplinaria sobre subjetividad, política y arte*, v. 2, n. 2, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, mar 2006. Disponível em: <<http://www.aesthetika.org/Exile-Displacement-and-Hybridity>> Acesso em: 03 mar. 2017.

IGLESIA, Cristina. El autorretrato de la escritora. A propósito de *Lo íntimo* de Juana Manuela Gorriti. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 13-19.

IMACH, Victoria Cohen, Mirar al claustro. Acerca de lo conventual en la obra de Juana Manuela Gorriti. *Andes 21*, Salta: Universidad Nacional de Salta, 2010, p. 23.

IZQUIERDO, Ivan. The organization of memories into 'files'. In: DELACOUR, J.; LEVY, J. C. C. (org.). *Systems with learning and memory abilities*. Amsterdam: North Holland, 1988, p. 105-126.

IZQUIERDO, Iván. Memória e emoção nos circuitos cerebrais. In: *Sessões do Imaginário*. Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 147-149, 2013. Entrevista concedida a Aline Bianchini, Erika Oikawa. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/te/ojs/index.php/famecos/article/view/16920/11082>>

Acesso em: 12 abr. 2016.

LECARME, Jacques; LECARME-TABONE, Éliane. *L'autobiographie*. Paris: Armand Colin/Masson, 1997a.

\_\_\_\_\_. *Paysages de l'autofiction*, Paris: Le Monde, 24 jan., p. 6-7, 1997b.

LEDESMA PEDRAZ, Manuela. Cuestiones preliminares sobre el género autobiográfico y presentación. *Escritura autobiográfica y géneros literarios*, Jaén: Universidad de Jaén, 1999, p.35-52.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

\_\_\_\_\_. *Pour l'autobiographie*. Paris: Seuil, 1998.

\_\_\_\_\_. Ahora la aristocracia no es política, es literaria. *Blanco y Negro Cultural*, p. 87-88, 15 maio 2004. Entrevista concedida a Ana Caballé. Disponível em: <<http://www.ub.edu/ebfil/ueb/material/Memoria7/Memoria6Lejeune.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

MATAIX, Remedios. La escritura (casi) invisible. Narradoras hispanoamericanas del siglo XIX. *Anales de literatura española Universidad de Alicante*, n. 16, serie monográfica, narradoras hispanoamericanas desde la independencia a nuestros días. Alicante: Universidad de Alicante, 2003, s/p.

MISERES, Vanesa. *La escritura velada (historia y biografía en Juana Manuela Gorriti)*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Buenos Aires, 1995, p. 1-11. Disponível em: <<http://www1.lanic.utexas.edu/project/lasa95/gorriti.html>> Acesso em: 3 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Una nación para el norte argentino: viaje y política en *La tierra natal* de Juana Manuela Gorriti. *Ciberletras*, v. 29 dez. 2012, s/p. Disponível em: <[www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v29/miseres.html](http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v29/miseres.html)> Acesso em: 10 nov. 2015.

MIZRAJE, María Gabriela. Juana Manuela Gorriti: cuentas pendientes. In: FLETCHER, Lea (org.) *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Editora Feminaria, 1994, p. 47-60.

\_\_\_\_\_. *La escritura velada (historia y biografía en Juana Manuela Gorriti)* Buenos Aires: Universidad Nacional de Buenos Aires, 1995.

\_\_\_\_\_. Juana Manuela Gorriti el nombre de la pendiente. In: *Argentinas de Rosas a Perón*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1999, p. 89-128.

MOLLOY, Sylvia. Memoria, linaje y representación. In: *Actos de presencia*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 185-211, 1996a.

\_\_\_\_\_. La escena de La lectura. In.: *Actos de presencia*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 25-106, 1996b.

MYERS, Jorge. "Aquí nadie vive de las bellas letras". Literatura e ideas desde el Salón Literario a la Organización Nacional. In: JITRIK, Noé (org.) *História crítica de la literatura argentina – La lucha de los lenguajes*. vol. II, Buenos Aires: Emecé Editores, 2003, p. 305-

334.

NAVALLO, Tatiana. *Reversos de la memoria en la narrativa íntima de Juana Manuela*. Section d'études hispaniques, Tinkuy, n. 12. Montreal: Universidade de Montreal, maio 2010.

NEISSER, Ulric. *Memory observed*. San Francisco, Freeman, 1982.

PALERMO, Zulma. Una escritura de fronteras: Salta en el N.O.A. INTI N° 52-53, 2000-2001, p. 477-488. Disponível em: <<http://digitalcommons.providence.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1818&context=inti> > Acesso em: 27 out. 2017.

PELLICER, Rosa. La escritura fragmentaria de *Lo íntimo* In: ROMERO TOMAR, Leonardo; EZAMA, Angeles, et. all. *Aún aprendo, estudios de literatura española*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2012, p. 559-568.

PELLIZARO, Alexandra. *Diarios públicos y privados Juana Manuela Gorriti y Teresa Wilms Montt*. Tese (Doutorado Literatura Hispoamericana, Scuola di dottorato in Lingue, Culture e Società). 2012. 187f. Università Ca' Foscari Venecia, Veneza. Disponível em: <<http://dspace.unive.it/bitstream/handle/10579/1157/ALESSANDRA%20PELIZZARO%20TESI%20DI%20DOTTORATO.pdf>> Acesso em: 4 dez. 2012

PICARD, Hans Rudolf. El diario como género entre lo íntimo y lo público. *1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada*, n. 4, Madrid: Sociedad Española de Literatura General y Comparada, p. 115-122, 1981.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PUERTAS MOYA, Francisco Ernesto. *La escritura autobiográfica en el fin del siglo XIX: el ciclo novelístico de Pío Cid considerado como la autoficción de Ángel Ganivet*. 2003. 1105f. Tese (Doutorado Literatura Española) Facultad de Filología. Universidad de La Rioja. La Rioja. Disponível em: <[dialnet.unirioja.es/descarga/tesis/148.pdf](http://dialnet.unirioja.es/descarga/tesis/148.pdf)> Acesso em: 8 dez. 2012.

RENARD, Camille. Névroses de L'individu contemporain et écriture autofictionnelle: le "cas" Fils. VALASTRO, Maria Orazio (org.) *Écritures de soi en souffrance*, v.8, n. 1, jan- abril 2010. Disponível em: <[http://www.analisisqualitativa.com/magma/0801/article\\_10.htm](http://www.analisisqualitativa.com/magma/0801/article_10.htm)> Acesso em: 3 maio 2015.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.

ROGER, Julien. Partie 2 - Représentations littéraires de la crise. Crise et autoreprésentation. Silvina Ocampo et Norah Lange. *Líneas*. Université de Pau et Des Pays de L'Adour, n. 4, jul 2014. Disponível em: <<https://revues.univ-pau.fr:443/lineas/1349>> Acesso em 2 abr 2015.

SALGADO, María A. Juana Manuela Gorriti: Una escritora decimonónica ante el discurso de la enfermedad. In: *Hispanic Journal*, vol.17, nº 1, abr 1996, p. 55-67.

SARTRE, Jean Paul. *Que é literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

SCHVARTZMAN, Julio. Introducción: la lucha de dos lenguajes. In: JITRIK, Noé (org.) *História crítica de la literatura argentina – La lucha de los lenguajes*. vol. II, Buenos Aires: Emecé Editores, 2003, p. 7-14.

SILVA, Claudia Luna. Entre espectros y visiones, memoria e identidad en los escritos de Juana Manuela Gorriti, In: GUARDIA, Sara Beatriz. *Escritoras del siglo XIX en América Latina*. Lima, Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina CEMHAL, 2012, p. 165-173.

SMITH, Sidonie. Hacia una poética de la autobiografía de las mujeres. LOUREIRO, Ángel G. (Coord.). *Revista Anthropos*, La autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona: Anthropos Editorial, n. 29, p. 93-105, 1991.

SOLARES-LARRAVE, Francisco. De viva voz: oralidad y narración en los relatos de Juana Manuela Gorriti. *Revista Hispánica Moderna*, LVII, 1-2. Philadelphia: University of Pennsylvania, p. 53-70, 2004.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.

TEIXEIRA, Almeida Garrett Nuno Miguel de Brito e Souza. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*. Porto Alegre: PPG-LET-UFRGS, v. 10, n. 2, p. 67-75, jul/dez 2014.

TIRADO, Genara Pulido. La escritura epistolar en la actual encrucijada genérica. *Signa: Revista de la Asociación Española de Semiótica*, Madrid, n. 10, p. 434-447, 2001.

TORRES CALDERÓN, Álvaro M. Mujer, acción y progreso en el discurso del exilio de Clorinda Matto de Turner y Juana Manuela Gorriti. Disponível em: <[http://www.academia.edu/8533697/\\_Ser\\_de\\_escritora\\_ser\\_de\\_escritura\\_memorias\\_de\\_Juana\\_Manuela\\_Gorriti\\_](http://www.academia.edu/8533697/_Ser_de_escritora_ser_de_escritura_memorias_de_Juana_Manuela_Gorriti_)> Acesso em: 27 jul. 2017.

URRACA, Beatriz. Juana Manuela Gorriti and the persistence of memory. *Latin American Research Review*, Pennsylvania, v. 34, n. 1, p.151-173, 1999.